

AVENTURAS E PERIPÉCIAS

Do original: ADVENTURES AND ACCIDENTS. London: Methuen & Co. Ltd., 1934.

Robert Stephenson Smyth Baden-Powell

Versão para o português (Brasil) de Fernando Antônio Lucas Camargo

**ESTA É UMA OBRA INDEPENDENTE; NÃO É UMA OBRA OFICIAL DA
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL OU POR ELA AUTORIZADA.
ESTA TRADUÇÃO LIVRE FOI FEITA COMO EXERCÍCIO
INTELECTUAL DE MANUTENÇÃO DA PROFICIÊNCIA NO IDIOMA,
SEM FINS LUCRATIVOS DE QUALQUER NATUREZA.**

Os velhos esquecem; mas aquele que tudo tiver esquecido há de lembrar-se com vantagens das proezas que praticou neste dia. (...) O homem bom contará esta história ao seu filho. E o dia de São Crispim jamais passará, de hoje até o fim do mundo, sem que nele sejamos lembrados – nós poucos, nós poucos felizardos, nós bando de irmãos, pois aquele que verter seu sangue comigo hoje será meu irmão. (...) E os cavalheiros na Inglaterra, que agora dormem, julgar-se-ão malditos por não terem estado aqui, e menosprezarão sua própria virilidade enquanto falar alguém que lutou conosco no dia de São Crispim.

(William Shakespeare, *Henrique V*, ato IV, cena III, tradução livre)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às gerações passadas e à geração detentora do futuro, os que tiveram “causos” para contar e os que estão construindo os seus próprios. Por gerações passadas, refiro-me aos Chefes Escoteiros já partidos para o Grande Acampamento, com quem convivi e que foram referências para mim: João Fagundes Hauck, Temístocles Domingues de Oliveira, João Batista Pereira, Lúcia Vianna de Novais Pires, Vander Veloso Pires, Romero Oswaldo Loures Machado. Não só pelos bons conselhos e boas atitudes, como pelos muitos bons “causos”. Quanto à geração detentora do futuro, refiro-me aos Pioneiros do Clã Ytacolomy, do 7º/MG Grupo Escoteiro do Ar Padre Eustáquio, que já têm e ainda terão muitos outros bons “causos” para contar.

O TRADUTOR

Fernando Antônio Lucas Camargo ingressou no Movimento Escoteiro, como membro juvenil, em 1983. Conquistou o Nível Avançado como Escotista (Ramo Pioneiro) em 1991, como Dirigente de Formação em 2007 e como Dirigente Institucional em 2012. Atua na Equipe Regional de Formação de Minas Gerais desde 1991, com direção e participação em cursos, elaboração e revisão de manuais de treinamento de recursos adultos. É graduado em Pedagogia (Universidade Federal de Minas Gerais), pós-graduado em Gestão de Recursos Humanos e Mestre em Educação. Credenciado no Exército Brasileiro como proficiente nos idiomas inglês e italiano. Habilitado pelo Exército Brasileiro como gestor de Comunicações militares, montanhista (11º Batalhão de Infantaria de Montanha – Guia de Cordada nº 1103), e pelo Exército dos Estados Unidos em Assessoria ao Comando e Estado-Maior (U.S. Army Sergeants Major Academy). Integrou o 2º contingente do Batalhão Brasileiro (fevereiro a agosto de 1996) na Missão de Verificação das Nações Unidas em Angola (UNAVEM III). Verteu para a língua portuguesa *The left handshake: the Boy Scout Movement during the War, 1939-1945*, de Hilary St. George Saunders; *The Scouts' book of heroes: a record of Scouts' work in the Great War*, de F. Haydn Dimmock; e *The Chief: the life story of Robert Baden-Powell*, de Eileen Wade.

Obras publicadas:

- **Um romancista em campanha:** Taunay na Guerra do Paraguai. São Paulo: Baraúna, 2010.
- **Jogando para a segurança:** jogos para treinamento em segurança do trabalho. São Paulo: Nelpa, 2010 (coautoria com Miguel Augusto Najar de Moraes).
- **Comida de aventura:** alimentação em atividades de campo. Rio de Janeiro: Livre expressão, 2012.

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Ninguém aprende samba no colégio

Feitio de oração

Noel Rosa, Vadico

Fazer samba não é contar piada
E quem faz samba assim não é de nada
O bom samba é uma forma de oração

Porque o samba é a tristeza que balança
E a tristeza tem sempre uma esperança
A tristeza tem sempre uma esperança
De um dia não ser mais triste não

Samba da Bênção

Vinicius de Moraes e Baden Powell

Contar “causos” também. Para se contar um “causo”, o contador tem de ter a total atenção do ouvinte, tem de suscitar nele a vontade de saber tudo; tem de mostrar com palavras a cor de um pensamento ou o cheiro de um som e até um gostinho de quero mais. O contador de “causo” tem de ser um ator, não é à toa que Rolando Boldrin e Saulo Laranjeiras já se aventuraram com sucesso nas novelas de televisão e filmes interpretando “causos” de outros.

Escrever “causos”, então, a dificuldade é maior, já que o autor não está vendo a reação do público. Outra dificuldade: o autor nasceu no século XIX e morreu no século XX. Quem se habilita a traduzi-lo anda no fio da navalha para não incorrer em erros como os italianos, em um jogo de palavras próprio alertam que um tradutor é muitas vezes um traidor (*traduttore, traditore*, livremente, tradutor, traidor), deturpando um texto ao passá-lo para outra língua. Ainda bem que o Fernando Camargo, já conhecedor da obra de B-P e que também foi militar de carreira, consegue extrair quase que seu pensamento.

Dizer qual “causo” foi melhor é tarefa inglória, já que o autor teve uma vida fecunda e uma memória invejável, mostrando-nos na narrativa

o cheiro da selva, a cor do sol, a sensação de calor/frio quando no embate contra bichos e gentes, os ruídos e a luz peculiar de cada lugar.

O fato do autor não se preocupar em colocar seus capítulos na sequência em que aconteceram, avançando e retrocedendo no tempo e também no espaço, pode nos parecer que isto prejudica a fluidez, mas não nos impede a fruição deles.

No todo é um livro agradável que nos leva pelas mãos a passear pelo Império Britânico, convivendo com os homens que o alargaram e sentindo as suas dificuldades e alegrias. É ao final dizer com B-P: foi bom, foi uma ótima vida e como São Paulo, “combati o bom combate”.

Belo Horizonte, julho de 2018

Pedro C M Janhsen

AVENTURAS E PERIPÉCIAS

INTRODUÇÃO À VERSÃO BRASILEIRA

Uma vez mais, lanço-me ao desafio de traduzir uma “antiguidade literária Escoteira”, desta vez, do próprio “Toalha de Banho¹”. Esta obra do Fundador do Movimento Escoteiro nada mais é que uma coletânea de “causos”. E, considerando ter servido na Índia, Afeganistão, África do Sul, Rodésia (atualmente Zimbábue e Zâmbia) e Costa do Ouro (atual Gana), encarando guerras e rebeliões, certamente a B-P não faltavam “causos” para contar. E ele, desde bem jovem, em Charterhouse, desenvolveu a habilidade de representar e contar histórias – que o digam os que assistiram à sua performance caricaturando o professor de Francês.

Adventures and accidents é uma publicação de 1934, quando o Escotismo já estava consolidado ao redor do mundo e Baden-Powell já era figura mais que conhecida. É posterior à primeira edição da biografia de B-P por sua secretária (*The Piper of Pax*, 1924) e da sua autobiografia (*Lessons from the varsity of life*, 1933).

Do mesmo modo que aconteceu com as obras que já verti para o português (*The left handshake*, *The Scouts’ book of heroes* e *The Chief*), conheci esta obra ao garimpar na página *The dump*, votada à preservação e difusão de publicações relacionadas ao Escotismo (www.thedump.scoutscan.com). Considerei que seria uma aventura diferente. Para dar um adjetivo a este trabalho, eu poderia dizê-lo curioso.

Procurei marcar cada um dos meus trabalhos de tradução com datas significativas de início e término. Aí já é um caso de mania pessoal, de ressaltar as datas históricas.

The Scouts’ book of heroes conta sobre Escoteiros que se destacaram por ações na Grande Guerra² e receberam condecorações.

¹ Apelido de Baden-Powell em Charterhouse School, pela semelhança fonética (Baden-Powell/Bathing-Towel).

² Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

Posso dizer que é uma obra de exaltação, como os *exempla* das vidas dos santos. Foi um trabalho interessante, que fiz entre 4 de outubro de 2016 e 22 de junho de 2017. 2016 foi o centenário do Ramo Lobinho (e da Batalha do Somme, na qual morreu o Chefe Escoteiro Capitão Roland Philipps), e marquei o início da tradução no Dia do Lobinho, terminando no 76º aniversário da Operação Barbarossa (invasão da União Soviética pelos alemães, na Segunda Guerra Mundial).

The left handshake, uma obra de maior porte, tratou não apenas de Escoteiros que se fizeram notórios, mas também do trabalho anônimo, ou quase anônimo, de muitos outros que “fizeram o seu bocadinho³” para evitar que o mundo “afundasse numa nova Idade das Trevas, tornada mais sinistra e talvez mais prolongada pelas luzes da ciência pervertida⁴”. É uma obra que mostra os Escoteiros como pessoas normais que viveram situações excepcionais e que, graças ao seu caráter e ao treinamento Escoteiro, se puseram à altura da situação, “não esmoreceram e nem falharam⁵”. Foi um trabalho emocionante, que fiz entre 1º de dezembro de 2015 e 24 de maio de 2016. O ano de 2015 foi o do 70º aniversário do término da Segunda Guerra Mundial, e terminei a tradução no 150º aniversário da Batalha de Tuiuti.

Em *The Chief*, edição revista de *The Piper of Pax*, a Sra Wade, secretária de Baden-Powell, trouxe a percepção de uma observadora muito próxima, complementando a autobiografia do Fundador, enriquecendo-a com extratos de outros livros e anotações pessoais de B-P. Traduzi-lo foi um trabalho divertido, feito entre 1º de agosto de 2017 (aniversário da abertura do acampamento de Brownsea) e 8 de janeiro de 2018 (aniversário de morte de B-P).

Em *Aventuras e peripécias*, B-P traz vinte episódios vividos, que nos relatam curiosidades da vida nas colônias, o esporte cheio de adrenalina

³ Ideia-força do tempo da Primeira Guerra Mundial, usada em diversos veículos de propaganda para a frente doméstica britânica.

⁴ Winston Churchill, em seu memorável discurso de 18 de junho de 1940 (“Esta foi sua mais bela hora”).

⁵ Winston Churchill, em seu arrebatador discurso de 4 de junho de 1940 (“Lutaremos nas praias”).

que era a caça ao javali⁶, o “excesso de empreendedorismo” juvenil de seu irmão Warington, operações militares no além-mar, momentos de contemplação da natureza e até espionagem. Em sua maioria, podemos encontrá-los em outras obras do Fundador: *Escotismo para rapazes*, *Caminho para o sucesso*, *Lições da escola da vida*, *Aventuras de um espião*, *A queda de Prempeh*, *A campanha matabele – 1896*, ou *Recordações da Índia*. Indicarei, em notas de rodapé, as obras em que identifiquei, no todo ou em parte, a aparição do “causo”. Aparecem, como na obra original, sem uma sequência cronológica, talvez de propósito – pois quando se contam “causos” junto à fogueira ou ao fogão de lenha, eles vão aparecendo, indo e voltando no tempo.

A “pequena história”, a dos cidadãos comuns, “figurantes” na história dos estadistas e generais, dá o pano de fundo com o ambiente e a mentalidade da época em que essas figuras se sobressaíram, e é onde essa “grande história” dos famosos vai fazer sua impressão. Os “causos”, pequenas histórias, são, ao fim e ao cabo, a matéria-prima da literatura e da história, tanto a “pequena” quanto a “grande”; são eles que aproximam, no tempo e no espaço, protagonistas por vezes já há muito desencarnados, de nós, ouvintes/leitores dessas histórias e protagonistas de outras que, quem sabe?, serão contadas nos anos vindouros.

Verter uma obra de um idioma para outro exige mais que substituir uma palavra por outra: é preciso entender toda a mensagem, o “espírito” de uma frase, ou até de um parágrafo inteiro, para, então, expor essa ideia no nosso vernáculo.

Por isso, apelar simplesmente para o dicionário ou para programas de tradução pode até colocar-nos mais próximo do que desejamos, mas pode também levar-nos em direções diferentes da pretendida (por exemplo, numa obra que li, traduziram *battleship* por “navio de batalha”, quando na verdade o termo designa um encouraçado; noutro trecho, *Sea*

⁶ Como ele mesmo cita: “dá uma emoção, né?”, no “causo” XV.

Scout foi traduzido como “batedor da marinha”, quando na verdade se tratava de um Escoteiro do Mar).

Há expressões idiomáticas, jogos de palavras e trocadilhos que por vezes podem ser perdidos, ou ficar sem graça fora do seu contexto original, ou que sejam peculiares à época ou a uma categoria profissional⁷. Além disso, pode haver expressões que representem uma visão de mundo que hoje poderia ser considerada “incorreta⁸”, mas que à época era considerada “normal”. Assim, antes de jogar pedras em B-P ou em seus contemporâneos, é preciso entender o contexto de um homem do período vitoriano (apogeu do Império Britânico, dos discursos do “fardo civilizador do homem branco”, das teorias raciais e da eugenia) e que viveu a carreira das Armas.

Iniciei este trabalho em 22 de fevereiro de 2018, 161º aniversário de nascimento de B-P, e dei-o por terminado em 22 de junho de 2018, 77º aniversário do desencadeamento da Operação Barbarossa, na Segunda Guerra Mundial. Curiosamente, exatamente um ano após dar por pronta a tradução de *The Scouts’ book of heroes*.

Vamos à leitura?

⁷ Neste livro mesmo, no “causo” VI, B-P faz um jogo de palavras usando expressões do jogo de críquete.

⁸ Como no “causo” XIII.

CAPÍTULO I

UMA AVENTURA DE IATISMO E SUAS LIÇÕES⁹

Quando os homens ficam nervosos sob fogo, a melhor coisa que seu líder pode fazer é encontrar neles alguma ninharia fora do padrão – criticar uma mochila mal ajustada ou recomendar-lhes energicamente que mantenham o passo.

Ressaltar pequenos detalhes como esses quando a morte em forma de metal está assobiando pelo ar pode parecer ridículo; no entanto, tem o efeito de pôr ordem nos pensamentos que poderiam conduzir ao pânico, mesmo que seja apenas para resmungar contra um capricho fútil num momento desses.

Aprendi esse naco de sabedoria, que me ajudou algumas vezes, muitos anos atrás, quando eu era menino e fui aquele que precisou da bronca.

Por um longo período de minha infância, meus quatro irmãos mais velhos e eu tínhamos um cúter de dez toneladas – claro, o melhor barco que o mundo já viu. De fato, não era um mau barco. Nós o testamos fortemente de várias formas – pescando na primavera, fazendo cruzeiros no verão, apostando corridas no outono, caçando aves no inverno – e ele nos trouxe de volta de todos os momentos perigosos nos quais nós, imprudentemente, o colocávamos.

Nosso comandante era meu irmão mais velho, Warington¹⁰, que tinha sido marinheiro e, portanto, sabia navegar. Nós, garotos mais novos, aprendíamos com ele e com nossos próprios erros. Aprendemos não apenas navegação e manejo de pequenas embarcações, mas também tudo sobre a dobragem das velas, aparelhagem e pintura do barco, esfregação de convés, limpeza e carpintaria.

⁹ *Lições da escola da vida.*

¹⁰ Warington Baden-Powell viria a ser o autor do primeiro manual para Escoteiros do Mar.

Além disso, é claro, tínhamos de ser capazes de cozinhar e – talvez mais importante que tudo – saber nadar.

Lembro-me de um dia, em Haslar Creek, Portsmouth, quando a unha da nossa âncora se prendeu numa corrente de atracação no fundo e recusou-se a permitir o içamento. Contratar um mergulhador e equipamento para descer e liberar a obstrução era caro demais para nossos poucos recursos. Cortar o cabo e perder a âncora? Também não podíamos arcar com esse custo.

Por fim, meus irmãos se despiram e pularam eles próprios pela borda, desceram acompanhando o cabo, trabalhando lá embaixo até quase estourar os pulmões, emergindo então como se fossem focas, para tomar uns goles de ar antes de voltar a mergulhar para lidar com a âncora.

Foi trabalho demorado, mas afinal todos eles vieram à superfície juntos, com largos sorrisos nas faces. Tudo liberado.

Minha incumbência, como o mais novo, era preparar chocolate quente e toalhas aquecidas para os mergulhadores amadores. Cuidei das suas necessidades, e muito em breve estávamos animadamente a caminho.

Essa foi apenas uma das aventuras que tivemos na baía de Portsmouth e seus córregos, que eram nossos campos de caça preferidos.

Quando embarcações da Marinha de Guerra estavam atracadas no porto, nós arremedávamos o hasteamento da bandeira às oito da manhã e o arriamento ao pôr-do-sol, copiando solenemente o cerimonial naval. E o que mais divertia os marinheiros era o espetáculo do nosso anúncio por apitos quando nosso comandante chegava de uma ida a terra firme para comprar provisões – talvez uma latinha de caramelos ou peixe defumado.

A vizinhança também nos proporcionava ótima pescaria. Costumávamos pegar tainhas saindo no bote inflável com um longo arpão de três físgas, enganchando-nos à popa de algum dos velhos pontões do porto, e espetando quando víamos cintilações prateadas no meio da vegetação que ficava debaixo de nós.

Mas, para azar do restante de nós, nosso patrão ansiava por mais aventura que aquela que o esporte pode oferecer. Ele estava convicto de que, se nos fizéssemos ao mar quando o tempo estivesse ruim, em lugar de confortavelmente ficarmos abrigados no porto, poderíamos algum dia ter a oportunidade de resgatar um navio em apuros e fazer uma fortuna com os salvados.

Nossa sugestão de que o mais provável era que nós acabássemos tendo que dispendir dinheiro pela salvação a algum barco que nos resgatasse foi recebida com desprezo. Ele nos lembrou que, mesmo que os tripulantes fossem incompetentes, nosso barco tinha um *expert* como patrão. Tudo que nos caberia fazer seria deixar com ele e decidir o que fazer com nosso quinhão do dinheiro da recompensa.

Eu gostava da ideia de ganhar uma fortuna tão facilmente, e simpatizava bastante com a proposta de ajudar barcos em apuros, mas ainda tinha minhas dúvidas. No entanto, eu as guardei para mim mesmo. Nosso comandante tinha uma língua cortante para os tergiversadores, e podia ser um carrasco quando lhe dava na veneta.

Foi assim que nos tornamos tripulantes de salvação. E uma de nossas primeiras experiências nessa condição ocorreu ao largo de Harwich.

Estávamos lá, no porto, quando uma tormenta de nordeste desceu varrendo-nos com tal força que alguns barcos suspenderam suas âncoras e moveram-se para locais mais abrigados. No meio desta bagunça, vimos o barco de socorro pondo-se a caminho para o mar. Evidentemente, recebera algum sinal de embarcação em perigo.

A tentação era grande demais para nosso ambicioso patrão. Em lugar de seguir os outros barcos para local abrigado, ele decidiu rumar para o mar aberto. Ele discursou para sua tripulação:

Há dois canais para a saída através dos bancos de areia. Há boa chance de o barco de socorro tomar o canal errado e não encontrar o navio. Pegaremos o outro canal e o encontraremos.

Até mesmo para minha mente jovem, parecia haver uma falha em algum lugar nesta lógica, mas não havia tempo para discutir. Sem demora – mas sem entusiasmo notável – a tripulação atarefou-se com o içamento das velas para mau tempo e em tornar o local acolhedor para servir refrescos.

Em poucos minutos, nossa âncora estava recolhida e deslizamos para fora de nosso agradável refúgio para a agitação dos elementos.

Nenhum sinal do barco de socorro ou do navio podia ser visto entre as montanhas de água espumante através das quais, encharcados até os ossos, abríamos nosso caminho. E não demorou muito para que esquecêssemos por completo as outras embarcações: já tínhamos muito que fazer para salvar a nossa própria.

Por todo um dia e uma noite tivemos de fazer frente à tempestade, incapazes de fazer nosso caminho de volta a terra. Quando, exaustos, alcançamos o porto – e como foi bem-vinda a visão daquelas águas tranquilas! – soubemos que o navio em perigo já fora alcançado pelo barco de socorro e um poderoso rebocador, e fora trazido em segurança, ao som de alguns milhares de libras pela salvação.

Entretanto, nem mesmo esta experiência curou meu irmão mais velho de sua ambição. Algumas vezes depois dessa, tivemos emoções parecidas e nos encontramos mais em condições de ser resgatados que de resgatar.

A situação que permanece mais claramente em minhas lembranças aconteceu num dia em que velejávamos saindo de Portsmouth com uma leve brisa e uma maré bastante forte correndo contra nós e a água agitada.

Para evitar a maré, fomos para junto da costa de Haslar, mas no momento crítico dessa travessia passamos a sotavento¹¹ do forte e uma rajada de vento nos pegou de surpresa. Antes que nos déssemos conta do que estava acontecendo, sentimos uma assustadora pancada e uma

¹¹ “A sotavento do forte”: sotavento e barlavento são posições relativas, indicando se o vento passa por um objeto antes ou depois de passar por outro. Se o barco estava a sotavento do forte, o vento passou pelo forte antes de chegar ao barco. Portanto, o forte estava a barlavento do barco.

arfagem¹². Demos com a quilha rápida e duramente na aresta pedregosa do recife que saía do forte.

A situação era perigosa, mas nosso comandante não perdeu a cabeça. Ele deu as ordens calmamente, como se essa desventura fosse parte de nossa programação normal. E a tripulação saltou para obedecer-lhe.

Quanto a mim, eu estava francamente apavorado. Percebi que estávamos numa abertura muito séria, e tremi.

Enquanto nos esforçávamos, o barco enfiava-se cada vez mais nas pedras cruéis, rangendo com um som tão sinistro que parecia que ia esfacelar-se todo a qualquer momento.

O barco estava com os recifes quase em suas anteparas laterais, e nós, meninos mais novos, olhamos ao redor, sentimos quão vastas eram as águas e quão pequenos éramos – e acrescentamos um novo desespero aos nossos trabalhos.

Então, com uma onda de esperança, vi dois grandes barcos aproximando-se de nós, seguidos por um potente rebocador.

“Agora”, pensei, “ficaremos bem. Teremos alguns camaradas forçados a bordo, com um bom cabo que eles podem passar para o rebocador, e num instante estaremos fora desta, flutuando”.

Meu alívio não durou mais que um minuto. Quando apontei nossos possíveis resgatadores ao nosso patrão, ele disse, irritado: “Se algum desses caras puser o pé a bordo, chutem-no para fora. Não queremos seu auxílio”.

Quando eles se aproximaram, Warington gritou-lhes que não precisávamos de assistência. Nosso barco aprisionado gemeu entre as pedras com um tom que para mim era uma nova nota de desespero.

Meu irmão explicou secamente, enquanto forcejava, que os “naufragueiros”, como ele chamava essas embarcações, uma vez que passassem um cabo para nosso barco, poderiam cobrar-nos o serviço de salvação.

¹² Arfagem: movimento de subida e descida da embarcação no sentido do comprimento.

“Não temos condição de pagar por isso”, ele disse; mas o que também queria dizer era que nosso orgulho não permitiria tal coisa.

Sob as ásperas ordens de meu irmão, trabalhei com cada grama de minha força, mas todo o tempo os violentos balanços do barco estavam se acrescentando ao pânico que eu estava tentando manter sob controle.

Então um novo choque nos atingiu. O barco começou a inclinar-se para a água, e parecia inevitável ter chegado o desastre. Cheguei ao fim do cabo que eu segurava, fechei os olhos e esperei, estuporado...

Foi quando uma voz berrou no meu ouvido. Era nosso comandante. “Apanhe aquele gancho, seu desajeitado! Está sonhando com o quê?”

Abri os olhos. Meu irmão, irado, apontava para um gancho que já se ia escorregando pela borda afora, perto de mim.

A ordem me fez bem. Deslizei para a amurada na hora em que o gancho ia caindo no mar, e fui tentando dar jeito de agarrá-lo. Ao fazer isso, descobri que não estava mais com medo. Se, pensei, meu irmão podia se preocupar com ninharias num tal momento, então nossa luta não podia ser tão desesperada. Talvez, afinal, a morte não estivesse tão perto dos nossos calcanhares.

Consegui pegar o gancho e puxei-o para bordo, agora pronto para usá-lo como uma arma contra qualquer “naufragueiro” que ousasse nos abordar.

Quando olhei ao redor, ansioso por receber novas ordens, o barco começou a balançar novamente. Devagarinho, devagarinho, ele se moveu... até que, como por um milagre, a quilha estava livre e equilibrada de novo. Estaríamos nós libertando-nos dos recifes? Um momento de suspense e – sim, estávamos fora! Estávamos flutuando novamente!

Manejamos as velas com uma energia que surpreendeu até a nós mesmos. Havia uma brisa favorável, e estávamos de novo a caminho.

Suspiramos profundamente, olhamos uns para os outros com os rostos talvez um pouco pálidos, e então disparamos no riso que frequentemente se segue a momentos de tensão.

“Bem, fizemos os ‘naufragueiros’ de bobos, hein?”, sorriu nosso patrão.

Depois tratamos o incidente com leveza, como nada mais que uma piada, mas um momento dele fez uma impressão indelével na minha mente jovem. Foi aquele momento em que eu estava me deixando tomar pelo medo, mas fui inspirado a tomar pulso sobre mim mesmo graças à brusca ordem de meu irmão para cuidar de um detalhe.

Não sei se ele havia notado minha luta, mas de fato eu sei que seu comando naquele momento crítico foi uma das melhores coisas que já me aconteceram.

CAPÍTULO II

JOKILOBOVU¹³

Jokilobovu era o nome do cavaleiro. Se você imaginar que tipo de homem teria um nome assim, acredito que o verdadeiro dono do nome se encaixaria perfeitamente no retrato que você fez.

Ele era um selvagem¹⁴ grande, robusto, jovial e de boa aparência.

Havia um ar de alegre vitalidade e grande consequência ao seu redor quando ele saía da aldeia caminhando pelo *veldt*¹⁵, à brisa e sob o sol.

Com sua enorme forma musculosa brilhando com óleo como um bronze polido, seu saiote de pele de gato-do-mato balançando nos quadris, e seu grande *knobkerrie*¹⁶ de madeira de lei reluzindo ao sol, ele era uma bela figura masculina.

Ele contrastava marcadamente com a pequena figura curvada e avelhentada que seguia seus passos, uma patética criatura arrastando quietamente os pés ao acompanhá-lo.

As mulheres e crianças de um grupo particular de cabanas, com olhar ensombrecido, olhavam vagamente para os dois homens; outros mal viravam a cabeça para olhar.

O velho estava, como eles o diziam, “indo para o passeio” com Jokilobovu. A expressão era muito bem compreendida em Embekelwane¹⁷. O “passeio” era uma ocorrência frequente por ali.

¹³ *Caminho para o sucesso*. Nesse livro, B-P menciona apenas o trecho da rainha dos Suazis com relação à bebida.

¹⁴ Na percepção dos homens dessa época, o que não fosse à maneira europeia era “selvagem”, “incivilizado”.

¹⁵ A campanha (*velt*, em africâner = *field*, em inglês); as savanas, os campos.

¹⁶ Espécie de clava ou tacape, com uma bola na extremidade que golpeia. Aparece, junto com a azagaia, no escudo nacional da África do Sul, bem como no do Lesoto.

¹⁷ Na Suazilândia. Talvez se refira a Mbabane, capital do país.

No fim das contas, desse “passeio” só Jokilobovu retornaria, sozinho, balançando-se animado através do capim ondulante, *knobkerrie* na mão, dever cumprido.

Qual dever? Remover, das muitas bocas da tribo, uma que já não era mais capaz de obter sua comida como caçador, guerreiro ou conselheiro.

Quando iam caminhando, não havia nenhum pensamento de fuga ou evasão por parte daquele que ia atrás de Jokilobovu: ele já havia cumprido sua pequena parte na vida; sua vez havia chegado; é o costume regular da tribo – tão imutável quanto uma gravata branca num salão de baile de Londres.

Os que eram da sua parentela olham curiosamente para ele pela última vez: acima da pequena “Colina da Morte” os abutres já estão circulando para dar-lhe as boas-vindas.

“Jokilobovu! Você pode me dizer quantos homens já matou assim?”

O grandalhão, olhando lá de cima para seu arguidor, simplesmente ri e pergunta: “Quantos gafanhotos há numa nuvem¹⁸?”

Ao tempo em que o conheci, Jokilobovu era certamente um funcionário atarefado. A nação acabara de viver luto pelo seu falecido Rei. Quando seu grande chefe morreu, o fato foi imediatamente conhecido por todo o território através daquele telégrafo sem fio das terras incivilizadas ainda não identificadas. Mas era regra da etiqueta não saber da morte até que fosse dada notificação oficial, e isto, por uma razão muito humana, não aconteceria por algumas semanas. Nesse tempo, entendia-se que não haveria no *kraal*¹⁹ nem canto, nem dança, nem banquete, nem fumo.

Assim que o Rei soltasse seu último alento, um dos bois do rebanho real era morto, esfolado e seu couro embrulhado ao redor do corpo do Rei. Fazia-se então um buraco na parede dos fundos do *kraal* e o cadáver

¹⁸ Nuvens de gafanhotos são uma das pragas mais temidas pelos agricultores.

¹⁹ Mais usualmente, curral; termo às vezes extensivo a outras instalações com cerca ou paliçada, até mesmo à aldeia.

era secretamente removido durante a noite, e levado para a montanha, e ali escondido numa caverna. As viúvas o acompanhavam e tomavam conta.

E ali elas mantinham sua dolorosa vigília, até que, no decurso do tempo, o esquife de couro ficasse seco e duro, e o que estava dentro também se tornasse desidratado. De tempos em tempos o esquife era sacudido pelas damas, e quando por fim ele fazia o som chocalhante que indicava a total dessecação do conteúdo, julgava-se chegada a ocasião de proclamar publicamente a notícia de que o Rei estava realmente, verdadeiramente morto.

Seguiam-se a isso dois importantes itens do cerimonial. Em primeiro lugar, o esquife era trazido para fora e posto no chão, em terreno aberto. O rebanho real de gado negro era trazido, e o primeiro boi que avançasse e percebesse o corpo era considerado como tendo recebido a alma do chefe morto. Daí por diante, era conhecido pelo nome do defunto e recebia cuidados e alimentação especiais pelo resto de seus dias naturais.

A próxima cerimônia era aquela em que uma grande sepultura era aberta e o corpo do Rei descido para dentro dela. A sepultura era grande porque tinha de acomodar algo além do cadáver real. As viúvas tinham de entrar nela e, ajoelhadas ao redor do falecido, eram enterradas com ele. Não se podia deixar que o grande homem fosse sozinho para o outro mundo.

Esta parte da cerimônia era a causa da hesitação natural das damas em anunciar que o Rei estava morto.

Mas elas não eram as únicas a ir.

Aconteceu que nessa época eu estava por ali como membro de uma comissão, e, como o Rei estava morto, tínhamos de fazer as tratativas com sua mãe, que estava como regente, e com seus ministros.

Um dia, sentimos a falta do Primeiro-Ministro na conferência, e quando perguntamos do seu paradeiro, houve um certo burburinho entre os outros, e eles disseram que pensavam que ele não estava muito bem. No dia seguinte, foi o Ministro dos Negócios Estrangeiros que não

apareceu; outro dia, e o mordomo-chefe estava ausente; depois, o padeiro-chefe; e quando, pela quinta vez, perguntamos o que significava aquilo tudo, a Rainha-Mãe subitamente disse o seguinte: “Oh, tolos, não sabem? Todos eles foram para o ‘passeio’”.

Sim, sabíamos o que aquilo significava. Significava ir para o “passeio” com Jokilobovu, para a colina da execução, de onde ninguém voltava.

A ideia era que o Rei precisaria, além das esposas, dos seus conselheiros e servos para ajudá-lo no outro mundo, tanto quanto precisou deles neste, então todos eles tinham de ser enviados atrás dele²⁰.

Muito bem, manifestamos a Sua Majestade nossa reprovação sobre isso, mas ela pareceu um pouco ofendida e observou: “Oh, mas isso não é nada de mais. Eu tenho obrigação de mandar um monte de outras pessoas para fazerem companhia a ele. Vejam, é desse jeito. A nação toda está de luto pelo rei. Se vocês forem a qualquer aldeia deste território, vocês encontrarão muitas pessoas chorando e se lamentando por ele. Bem, em muitos lugares as pessoas nunca o viram nem o conheceram. Então, suas lágrimas são mera camuflagem; seu lamento não é sincero. Portanto, para que elas fiquem verdadeiramente sentidas pela morte do rei, e não se portem com hipocrisia, eu envio alguns dos meus executores por aí e eles matam um ou dois homens de cada aldeia, e assim as pessoas têm realmente algo pelo que chorar”.

Dissemos a ela que tudo isso estava muito bem, era compreensível, mas que não era feito pelas melhores rainhas da atualidade.

Então ela perguntou sobre a nossa Grande Rainha Branca, Victoria; ela nunca fez alguém ser morto?

“Oh, não”, respondemos; “ou, ao menos, muito dificilmente. Somente em casos muito raros, e mesmo nesses casos, somente depois de ser proporcionado a essas pessoas um julgamento justo”.

“Ah, bom”, replicou ela. “Então, está tudo certo comigo, porque eu sempre dou ao meu povo um julgamento justo. Vejam, quando meu

²⁰ Não muito diferente do que faziam monarcas assírios, egípcios...

executor chega a uma aldeia, ele faz todo o povo sentar-se num círculo; então, ele anda ao redor e apenas aponta aqui e ali, indicando aqueles que serão mortos. Quando você está semeando milho, alguns grãos podem cair em solo macio e úmido, e outros em solo seco e duro; o sol pode brilhar sobre alguns deles, e outros podem ter ficado na sombra; é questão de destino. O semeador faz o melhor que pode por todos, todos eles têm sua justa oportunidade. Assim acontece com essas pessoas e o executor. Elas lhe são totalmente estranhas; ele não sabe nada pessoalmente sobre eles; não há favor nem afeição envolvidos, e desse modo todo mundo tem uma chance igual”.

Demos nosso completo reconhecimento à sua intenção, orientada para a justiça, mas por fim dissemos a ela que, uma vez que sua nação estava passando a ser tratada no nível das que realmente contam nas relações entre povos, ela devia pôr fim a esses métodos indignos.

Ela replicou que compreendia agora. Era o mesmo que os missionários lhe haviam dito. Sua nação ia colocar-se agora num patamar mais elevado do que nunca estivera antes. Ela sentia que, ao elevar sua nação, ela se elevava; ela sentia que em breve ela poderia não mais olhar vagamente para o alto para ver a Grande Rainha Branca, mas que ela poderia sentar-se ao lado dela no mesmo topo de montanha, de mãos dadas, como uma irmã governante.

Fomos entusiásticos em nosso aplauso de seus sentimentos.

“Então era isso que nós aprovávamos?”. “Sim, sim!”. “Então não seria mais necessário ameaçá-la nem fazer-lhe preleções?”. “Não, certamente não”.

Ela disse: “Ótimo. Então, a partir de depois de amanhã, as execuções cessarão”.

Um olhar de esguelha para a cara de Jokilobovu mostrava claramente que ele não tinha percebido em todo o seu duro significado o que isto prognosticava para ele; o sorriso habitual continuava em seu rosto, mas como que num estado de suspense, como se mascarado; para o momento, o significado por trás disso não estava manifesto.

Ela prosseguiu: “Sim, depois de amanhã”. Nesse entretempo, antes que o velho sistema estivesse definitivamente encerrado, havia apenas mais umas nove pessoas que ela sentia que devia encaminhar aos cuidados de Jokilobovu (um brilho de compreensão imediatamente iluminou o rosto do servidor). Ela tinha certeza de que, após as enormes concessões que fizera para atender aos nossos desejos, é claro que nós não poderíamos recusar esta última pequena cerimônia conclusiva, que seria a melhor maneira de marcar o fim do velho regime e o início de uma nova era.

Esta proposta, apresentada de maneira tão astuta e de surpresa, e acompanhada de um ar tão cativante dos seus grandes olhos marrons e de um sorriso pidão, pôs por terra qualquer resistência que pensássemos em opor. Nessa situação, nossa oposição foi tão débil que nunca fui capaz de me convencer de que aqueles nove sujeitos não fizeram o “passeio” fatal. Certamente, pois por alguns dias depois disso Jokilobovu estava com ânimo particularmente alegre, sem ter em si nada daquele ar deprimido de um funcionário desempregado.

De qualquer modo, antes que pudéssemos recuperar nossa presença de espírito para apresentar nosso protesto de maneira realmente eficaz, nossa sagaz oponente seguiu diante e, do seu ponto de vista, deu o passo estrategicamente correto ao lançar um rápido contra-ataque sobre nossa posição, e apesar de esse bombardeio ter ocorrido algumas décadas atrás, ele ainda ecoa em meus ouvidos e as ilusórias fortificações que ele desmantelou ainda permanecem em ruínas.

O contra-ataque começou, no embalo de sua determinação para pôr fim às execuções, quando ela incluiu um adendo para eficácia, que naturalmente ela só podia garantir que ela pessoalmente não ordenaria execuções, e que se seus jovens servidores saíssem para matar seria coisa bem diferente.

Ela disse, citando como exemplo, que poderia bem ser o caso nos próximos dias, quando eles estavam propondo fazer uma incursão uma noite dessas e matar os quatro ou cinco comerciantes brancos do território.

“Mas a senhora não pode estar falando sério!” – queixamo-nos nós.

“Oh, sim. Bem, vejam, meus anciãos ponderaram sobre o assunto muito cuidadosamente, e chegaram à conclusão de que esses comerciantes estão nos submetendo a uma artimanha de rebaixamento, particularmente por vender gim ao nosso povo em tal quantidade que nossos jovens, homens e mulheres, estão se tornando completamente arruinados e desmoralizados. E não para por aí. A tentação está tomando conta até mesmo daqueles que deveriam liderar a nação no rumo correto, os homens de sangue real – sim, e até as princesas. Mais de uma vez avisamos esses mercadores, mas não fez efeito. O mal continua. Quando o leão derruba a hiena, devoradora da caça do leão, pode-se pensar que ele faz isso por aborrecimento pessoal. Mas ele faz isso por amizade ao seu companheiro de caça, o leopardo; a hiena é inimiga de ambos. O leão matará para o bem de ambos. Ao matar esses homens, pretendemos dar sustentação a vocês e aos missionários, e ao seu bom trabalho; e, portanto, sabemos que teremos seu apoio e concordância neste pequeno empreendimento. Os missionários ensinaram-nos quão bons e nobres eram os ingleses, e que, se adotássemos sua religião, seríamos como eles – honrados e justos nos tratos, gentis e prestativos com todos, sóbrios e moralmente retos, limpos e saudáveis. Não é verdade?”.

Concordamos sinceramente.

“Muito bem, e acreditamos naquilo que os missionários nos disseram; então, quando alguns homens brancos vieram e perguntaram se podiam vir e instalar suas lojas em nosso território, nós, os governantes da nação, os acolhemos, sabendo que eles mostrariam ao nosso povo como o homem branco aplica esses bons preceitos na sua verdadeira prática cotidiana. Eles vieram. Passaram-se algumas estações e descobrimos que eles mentem para nós e nos trapaceiam em todos os negócios. Eles bebem e fazem o nosso povo ser bebedor; eles roubam nosso gado e nossas mulheres e escravizam nossas crianças; eles compram de nós, mas nunca pagam. Pedimos a eles que voltassem para sua própria terra, mas eles apenas nos xingaram, nos bateram e atiraram em nós. Eles mostraram ser falso aquilo que os missionários ensinaram,

e há o risco de que por suas ações eles venham a fazer que vocês também sejam vistos como indignos de confiança. Então, para preservar a honra de vocês, assim como contra qualquer objetivo egoísta de nossa parte, é que os nossos rapazes vão levar esses malfeitores para o “passeio”. Na verdade, eu não deveria ter-lhes contado tudo isto, já que pretendíamos que fosse uma agradável surpresinha para vocês numa manhã destas, mostrando a fé que depositamos em vocês; pois, apesar de os brancos – missionários e comerciantes – terem mentido para nós, ainda estamos tentando acreditar em vocês”.

Aqui estava uma situação espinhosa. Foi um choque que bateu no alvo; não tínhamos como nos defender. Ela tinha razão. Os ensinamentos dos missionários, como frequentemente acontecia, tinham sido desmentidos absolutamente pela cristandade vista na prática. Mais uma vez o assunto do ensinamento não funcionou – um fato que mais de uma vez fez levantar a questão: não seria melhor que as missões, assim como a caridade, comesçassem em casa? Não seria melhor que os missionários concentrassem seus esforços lá, e quando tivessem eliminado crime, pecado, sordidez e mal, substituindo-os pela cristandade no meio de seu próprio povo, só então enviá-los como verdadeiros missionários para os pagãos, como homens que seriam exemplos vivos na vida diária para seus irmãos de pele mais escura?

Era difícil rebater o ataque da Rainha. Tudo que podíamos fazer era dizer que os seus jovens deveriam conter-se; que nós iríamos dar atenção a pequenas dificuldades dessa natureza; que iríamos encontrar-nos com os comerciantes e apresentar-lhes toda a questão, e que esse tipo de abusos – especialmente, principalmente, o tráfico de bebidas alcoólicas – deveria, de maneira peremptória, ser encerrado. Cuidaríamos disso.

“E vocês farão que todo o gim armazenado seja esmagado e destruído, para não dar oportunidade a mau uso no futuro?”.

“Certamente, nós o faremos. Pode ficar descansada quanto a isso. Confie em nós. Podem ir agora em paz para os seus *kraals*”.

A Rainha moveu-se, como para partir com os demais, mas parou para deixar que o público e seu séquito saíssem, e então, quando ela se virou em nossa direção, sentimos que ela vinha dar-nos uma palavra de agradecimento do fundo do seu coração.

Ela deu uma outra rápida olhada ao redor, para assegurar-se de que não havia outras pessoas ouvindo; aquele olhar pidão, com o arqueamento das sobrancelhas, voltou novamente aos seus olhos, e, com um sorriso cativante, ela sussurrou: “Quando vocês estiverem destruindo a bebida, por favor, guardem apenas uma caixa para mim”.

E, atrás dela, Jokilobovu estava sorrindo.

CAPÍTULO III

UMA HISTÓRIA DO LEVANTE DOS MATABELES²¹

Eu estava em Bulawayo quando o Levante Matabele²² estava a pleno vapor, em 1896.

Às dez horas da noite, bem quando Sir Frederick Carrington estava pensando que já havíamos feito suficiente trabalho administrativo para o dia, Sir Charles Metcalf e o batedor americano Burnham chegaram e entraram no escritório com uma aparência um tanto amarfanhada e cansada.

Eles tinham cavalgado à noite para fazer contato com a coluna do Coronel Beal em Salisbury²³, a qual estava acampada uns cinco quilômetros fora da cidade. Vendo fogueiras junto à estrada e perto de onde eles pensavam que estaria o acampamento, foram na direção delas e descobriram estar no acampamento de um grande *impi*²⁴ do inimigo. Só conseguiram escapar abrindo caminho para casa por um desvio através do mato.

A notícia parecia quase improvável demais para ser verdade, e, no entanto, os seus portadores não eram homens que ficassem alarmados por qualquer coisinha e trouxessem um relatório falso.

Então, telefonei para um piquete que tínhamos em Government House (uns três quilômetros fora da cidade) para que enviasse uma patrulha a fim de investigar.

Mas os relatórios subsequentes não eram completamente satisfatórios, então chamei um amigo no meio da noite para me mostrar o caminho; e nós atrapalhamos o sono dos moradores de Government

²¹ *The Matabele campaign – 1896*. Trata-se do combate de Umgusa.

²² Os ndebeles (matabeles) e os shonas (mashonas) são as principais etnias do atual Zimbabwe. A Matabelelândia compreende as áreas sul e oeste do país, e a Mashonalândia, onde fica Harare (a capital), as áreas Norte e leste. A principal cidade da Matabelelândia é Bulawayo.

²³ Atual Harare.

²⁴ Equivalente a batalhão ou regimento.

House ao aparecer lá para fazer mais inquirições por volta das três da madrugada.

Nada se conseguiria obter de satisfatório ali, então voltamos para Bulawayo e, pegando um cavalo descansado e um policial como guia, saí em demanda do acampamento de Beal.

Ali, cedo no alvorecer, finalmente fui capaz de ver o inimigo com clareza suficiente.

Na margem oposta do rio Umgusa, eles estavam acampados em longas filas, com fogueiras ardendo alegremente, e equipes indo e voltando do rio. Levei minha informação para o acampamento de Beal.

Causou-me sensação a calma com que a notícia foi recebida lá. Não distávamos mais que uns quatro quilômetros do acampamento inimigo.

Deu-se ordem aos homens para que tomassem seu desjejum sem demora, e uma patrulha de um sargento e duas praças foi enviada ao rio para ver se havia boa água lá, e também (aparentemente como uma ideia posterior) para ver se eles também conseguiriam enxergar o inimigo.

Antes de terminarmos o desjejum eles voltaram.

“Muito bem, como foi? Tudo bem? Tem água lá?”

“Sim, senhor”.

“É boa?”

“Não sei dizer”.

“Por que não?”

“Porque os matabeles estavam lá e não nos deixaram chegar perto”.

Então, montamos e nos deslocamos para o local a fim de esperar a chegada de mais tropas de Bulawayo, pois eu já havia despachado meu policial de volta com um bilhete para dizer-lhes que “era bom o suficiente” e solicitar que a coluna montada de Spreckley deveria ser enviada para juntar-se a nós.

Por fim, eles chegaram, seguidos por uns poucos voluntários em carroças, que queriam juntar-se à diversão.

Nosso efetivo era de uns 260 homens, com dois canhões e uma equipe de saúde.

O terreno era campo ondulado, coberto com arbustos, através do qual uma linha de homens montados poderia mover-se em coluna aberta.

À medida que avançávamos, formamos em linha, com os dois flancos colocados bem avançados – especialmente o flanco direito. sob o comando de Beal, a quem cabia desbordar a retaguarda inimiga para cortar sua linha de retirada, uma missão que foi muito bem-sucedida em seu cumprimento.

A parte central da linha avançou, então, em trote regular rumo às posições inimigas.

O inimigo tinha uns 1.200 homens, como descobrimos depois. Eles não pareceram muito entusiasmados com o nosso avanço, mas ficaram parados olhando-nos atravessar o córrego Umgusa; mas quando começamos a subir a rampa da margem do lado deles, onde ficava seu acampamento, eles ficaram excessivamente animados, e logo corriam como formigas para ocupar boas posições na orla de um renque de mato mais denso.

Depois, descobrimos que sua apatia inicial devia-se a uma mensagem do M'limo (uma espécie de deus), que os instruíra a dirigirem-se a Bulawayo, atrair a guarnição para fora e fazer-nos atravessar o Umgusa, porque ele (o M'limo) faria o rio se abrir e engolir-nos a todos. Depois disso, o *impi* não teria mais a fazer do que caminhar para dentro de Bulawayo e cortar as mulheres e crianças à sua vontade.

Mas alguma coisa deu errado com a trama do M'limo, e atravessamos o córrego sem nenhum acidente. Então, quando nos aproximávamos do enxame de cabeças negras no meio do capim e dos arbustos, suas carabinas começaram a disparar e as balas a voar, com um estranho assobio ou com um jato de poeira e um guincho quando ricocheteavam no chão.

Alguns de nossos homens, acostumados a combater como infantaria montada, estavam já saltando das selas para responder ao fogo, mas foi-lhes dada a ordem: “Não desmontem: vai ser combate de cavalaria. A galope! Carga!”

Então, com a nossa aproximação, o inimigo proporcionou-nos uma salva irregular de tiros de armas leves, e no instante seguinte estávamos entre eles.

Eles não esperaram, e todos puseram-se em fuga, esquivando-se entre os arbustos, recarregando as armas enquanto corriam. E nós íamos nos seus calcanhares, ziguezagueando entre os espinheiros, saltando aqui e ali, desmontando rapidamente para dar um tiro, e montando de novo. Os homens com que eu estava – os *Scouts* de Grey – pareciam nunca perder um tiro.

Os matabeles, em sua corrida, paravam atrás de arbustos para atirar. De momento a momento, eles tentavam se reagrupar, mas quando um grupo deles começava a se formar, ou tentava fazer um foco de resistência, íamos a eles gritando e metendo as esporas, e os púnhamos em fuga. Claro, além de suas armas de fogo eles tinham suas azagaias. Alguns dos nossos cavalos receberam ferimentos, e um dos homens foi lanceado no estômago, com um ferimento horrível.

Mais adiante, um cavalo foi baleado, e na queda o cavaleiro ficou meio atordoado. Os matabeles vieram saltando, sorrindo no antegozo do banho de sangue, mas o Sargento Farley, dos *Scouts* de Grey, chegou antes deles e, içando seu companheiro para cima do cavalo, tirou-o de lá em segurança.

Por todo lado podia-se ver o inimigo rastejando para a cobertura dos arbustos, onde permaneciam deitados até que alguns dos nossos chegassem, quando então disparavam contra nós depois de os havermos ultrapassado.

Eu tinha comigo minha Colt de repetição²⁵, com apenas seis cartuchos no carregador, e logo descobri que havia gastado todos eles; então, jogando-a embaixo de uma árvore de formato peculiar, onde poderia encontrá-la novamente, continuei com o meu revólver.

²⁵ A carabina Colt (de ação de alavanca, semelhante à Winchester) tinha um carregador tubular sob o cano, com capacidade para até doze cartuchos. B-P também usou esta arma na expedição contra os ashantis, como relatado no “causo” VII.

Acabei chegando a um trecho de terreno aberto, e uns oito metros à minha frente estava um *kaffir*²⁶ com uma carabina Martini-Henry.

Ele me viu e, pondo-se sobre um joelho, preparou-se para mandar uma “azeitona” contra mim. Fiquei tão indignado com isso que cavalguei para cima dele com tudo que tinha, xingando-o de todos os nomes imagináveis sob o sol.

Ele fez pontaria – por uma hora, assim me pareceu – e foi um alívio quando afinal ele atirou, a uns dez metros de distância, e um alívio maior ainda quando percebi que ele me errara.

Ele se levantou de um pulo e virou-se para correr, mas não tinha dado dois passos quando caiu, alvejado por um dos nossos homens que vinha atrás de mim.

Finalmente, mandei fazer alto. Nossos cavalos estavam cansados e o inimigo disperso, e havia muitos que tinham sido ultrapassados por nós, escondidos nos arbustos enquanto corríamos para a frente.

Alguns minutos para os cavalos tomarem fôlego, muita conversa e gozação jogada fora, então voltamos a formar a linha e retornamos a passo, fazendo a limpeza²⁷ dos arbustos à medida que avançávamos.

²⁶ Forma pejorativa com que os muçulmanos se referiam aos africanos subsaarianos que se mantinham fiéis aos cultos animistas.

²⁷ Limpeza de inimigos (morte ou captura).

CAPÍTULO IV

O ESPORTE DOS RAJÁS²⁸

Entre as lanças de caça ao javali que estão penduradas na minha parede em honrosa aposentadoria, há uma cuja haste está rachada por mais ou menos metade dos seus dois metros de comprimento.

E nessa rachadura mora o conto de alguns dos momentos mais excitantes de minha vida.

Dois de nós estávamos acampando juntos, mais com intenção de caçar com arma de fogo que de espetar javali; não obstante, tínhamos conosco nossos cavalos e lanças. Nossas barracas estavam montadas num local adorável na margem do Jumna, cheia de árvores altas. Próximo de nós ficava nosso campo de caça, terreno coberto de capim com ocasionais faixas de mata densa e alguns *nullahs*, ou leitos secos de rios²⁹.

Uma olhada preliminar ao terreno de um dia para o outro revelou sinais de javalis – em alguns acres de terra revirada – de forma tão abundante que fomos forçados a deixar de lado nossa caçada com arma de fogo em troca da tentativa de espetar um porco.

Assim, a madrugada encontrou-nos postados na ponta de um dos esconderijos, enquanto os *coolies*³⁰ começavam a bater vindo da outra extremidade. Aguardando em um estado de ansiosa expectativa, podíamos ouvir seus gritos chegando cada vez mais perto, e os corações de nossos cavalos batendo acelerado e tremendo entre nossos joelhos.

Súbito, ambos os cavalos giram a cabeça, com as orelhas em pé; lá está ele – a menos de trinta metros de nós, um grande javali cinzento, com presas amarelas curvas e seus olhinhos astutos e selvagens reluzindo na ampla luz matinal. Ele está ouvindo o distante barulho dos batedores e não nos vê.

²⁸ *Memories of India*.

²⁹ Rios temporários, ou *wadis*.

³⁰ *Coolie*, ou *cule*: serviçal.

Mal ousando respirar, permanecemos imóveis como estátuas, com todos os olhos e todos os sentidos fixados nele. Ele se movimenta alguns passos para a frente e para novamente, para escutar. Será que ele nunca vai se mover?

Por fim, ele faz meia-volta, trota alguns passos e então rompe num meio-galope através do terreno aberto.

Agora, nós, cautelosamente, pegamos as rédeas, instalamos os pés nos estribos e nos preparamos para segui-lo assim que ele se afaste o suficiente da cobertura de modo a não ser tentado a correr de volta para ela ao se descobrir caçado. Por fim, meu companheiro dá a voz de partida, e nós disparamos no encalço da grande forma corredora já distante uns bons quatrocentos metros, no capim amarelo.

Nossos cavalos estão ansiosos pela luta, e quando alguém corta o ar fresco, todo o peso corpóreo parece abandonar suas extremidades e concentrar-se numa grande exaltação, e então percebe-se quão bom é estar vivo.

Prosseguimos, com pouca coisa a atrapalhar nossa andadura; entretanto, meu cavalo começa a mostrar que não notou nenhuma mudança em meu comando, e percebo que pouco a pouco vou ficando para trás na corrida. Vamos chegando cada vez mais perto do javali, e afinal George vira sua lança pondo-a pronta para tirar o primeiro sangue.

Mas há um deslize. O velho porco continua no meio-galope, em seu ritmo deliberado e de longa resistência, dando a um novato a impressão de não nos ter visto; mas ele sabe; suas orelhas estão para trás, e com um ou outro olho ele está constantemente espiando para trás para vigiar nossos movimentos.

Por fim, chega a chance de George. Ele chega mais e mais perto do javali; uma esporeada extra e está quase em cima do bicho.

O javali faz uma meia curva para a direita, e tão rápido quanto o pensamento o cavalo de George vira, acompanhando-o – mas a curva do javali é só para um lanço; no próximo, ele vira em ângulo reto para seu trajeto anterior, e a ponta da lança de George penetra, sem sangue, na areia, um metro atrás do porco.

Galopando uns vinte metros atrás de George, sou capaz de mais rapidamente mudar meu cavalo para a nova direção, e ganhei um bom começo ao cortar o trajeto para encontrar-me com minha caça.

À medida que me aproximo do seu pretendido trajeto, o javali eriça as orelhas, altera seu curso um ponto na minha direção e, como se projetado por alguma mola oculta, chega de repente bem junto à cilha do meu cavalo.

A ponta da minha lança baixou bem na hora: mais por boa sorte que por habilidade, ela mergulhou entre os ombros dele, e eu a forcei para baixo com toda a minha força, enquanto meu cavalo espertamente saltou por cima do monstro que roncava. Mas a lança ficou presa no javali, e ele correu por baixo, arrancando-a da minha mão, e seguiu adiante, com a haste espetada nele.

Nem foi muito longe, pois estava já de sangue quente, e quando George avançou animadamente atrás dele, no intento de matar, o brutamontes enraivecido virou-se abruptamente e, com todas as cerdas eriçadas e batendo as presas, carregou contra o inimigo. Agora, o cavalo de George, com os olhos arregalados e um ronco de pavor fez uma rápida meia-volta e não quis fazer frente a esse temível adversário. Por um momento o javali observou o desacerto do homem, e então virou-se para lucrar com isso. Num trote firme ele buscou seu caminho rumo à imensa selva apresentando-se adiante. Uma vez mais, e ainda outra, George tentou um novo ataque, sempre com o mesmo resultado. Cada derrota dessas, entretanto, veio trazendo o javali muito mais perto de seu refúgio; então, como última cartada, eu peguei a lança de George e apertei o cavalo com toda a velocidade que eu pudesse comandar para alcançar o porco. Ele estava a menos de vinte metros da proteção quando cheguei em cima dele. Ele corre acompanhando, sem dignar-se fazer qualquer curva.

Ah, meu amigo, agora eu te peguei! Chego bem junto e enfio a lança pelo seu dorso peludo; a ponta desliza pelo lado. Tento novamente, com o mesmo resultado, e no instante seguinte as moitas de espinheiros se fecham atrás dele e me impedem de avançar.

Rapidamente, fizemos nossos planos, e, postando-nos um de cada lado da cobertura em que ele se escondia, vigiamos para impedir a menor tentativa de fuga.

Por fim, os rapazes se juntam a nós e, enquanto um corre ao acampamento para buscar-me uma nova lança, afiamos a que se embotou numa pedra de afiar achada no local.

Um bem-vindo intervalo de refresco e, então, rearmados e descansados, mandamos os batedores para empurrá-lo para fora mais uma vez.

Mas isso não é trabalho fácil. O javali não dá bola para os tambores e ameaças, mas quando eles chegam perto ele faz uma carga e atravessa a linha para abrigar-se em alguma moita frondosa atrás deles. Então, eles se viram novamente e vão dando ao porco uma serenata infernal.

De repente, essa monótona gritaria toma outro tom; há um tagarelar confuso, um silêncio, e então uma sucessão de gritos de alguma forma mais coerentes, dos quais conseguimos captar que “o velho Buldoo foi morto pelo javali”. O ruído cessa e os *coolies* saem amontoados do mato, carregando um deles.

Claro que ele não está morto, nem próximo disso; mas seus amigos esperam que esteja, vendo em sua morte uma possível divisão entre eles das oitenta rupias que nós, *sahibs*³¹, daríamos como pagamento de consolação.

Entretanto, o coitado do Buldoo tem um corte feio no lado interno da coxa; mas em pouco tempo nós o pusemos devidamente remendado e a caminho de casa, confortavelmente instalado num estrado obtido na cabana de um plantador de melões na vizinhança.

Então, pela primeira vez meu *shikaree*³² dá um passo à frente, sorrindo, e segurando na mão a lança que eu perdera presa ao porco. O javali, ao atacar Buldoo, passou bem junto do homem, então ele foi capaz

³¹ Senhores, amos.

³² Caçador nativo.

de agarrar a lança com as duas mãos e arrancá-la. Mas a haste estava partida, além de qualquer possibilidade de conserto.

Mais uma vez os batedores se põem ao trabalho, e se é alguma coragem inata ou alguma estoica submissão ao destino que os guia, não se pode deixar de admirar a forma como eles prosseguem, desarmados e a pé, para encarar uma fera que lhes leva a melhor por dez a um, na selva.

George também desmontou e está entrando com eles, com a lança na mão, deixando-me para cavalgar sobre o javali se ele rompesse através da linha; mas nesse momento, a excitada gritaria de um pastor de cabras num outeiro próximo informa-nos que nossa esperta caça tirou vantagem de nossa preocupação e, discretamente, evadiu-se.

Em poucos segundos estamos no outeiro, e dali podemos ver nosso amigo fugindo pela planície. Uma segunda vez temos uma gloriosa, porém curta, aparição no terreno aberto, e uma vez mais George avança bem adiante de mim. Entretanto, o porco não está com senso de humor para fazer-nos galopar; quando ele descobre que nós o estamos alcançando, aperta o passo e, esquivando-se no caminho por um momento ou dois, ele de repente se vira e vem para cima de George com a morte nos olhos.

Mas ele não reparou na lança afiada, e quando ele se lança contra o cavalo com sua cabeça de lado, de forma a dar um corte de suas afiadas presas, a ponta da lança o acerta bem nos ombros e o faz rolar na poeira. Imediatamente, ele de novo está sobre as patas e, furioso, vira-se e vem a toda a velocidade para cima de mim.

É um grande espécime de sólida e selvagem bravura, o pelo eriçado, vindo em minha direção; mas o tempo para admirar é muito curto, pois ele mergulha de cabeça no rumo do cavalo.

Um bom pontaco em suas costas pouco faz para diminuir o ímpeto de sua corrida, e um rápido giro de sua cabeça para cima resulta num corte feio no ombro de meu cavalo.

Mas o javali agora está seriamente ferido. Perto dele está uma dessas pragas dos campos de caça indianos, um profundo *nullah*, ou leito seco de rio, com uns seis metros de largura e três de profundidade, com

barrancas íngremes. Ali ele se lança, e quando atingimos a borda, vemos que ele rasteja para a proteção de um grande espinheiro lá no fundo. Notamos que imediatamente acima do espinheiro, as barrancas cederam e bloquearam completamente a ravina. Então, movendo-nos uns poucos metros mais abaixo, desmontamos, deixamos os cavalos e desescalamos, lança na mão, para o fundo do *nullah*. Então, avançamos ombro a ombro em direção ao espinheiro, e de uma distância de uns dez metros lançamos dois ou três pedregulhos lá para dentro.

Então, há uma agitação, e nosso amigo se esgueira para fora bem quietinho, no lado mais distante, manquejando em seu trote *nullah* acima até que descobre o caminho barrado pelas barrancas caídas.

Ele se vira e nos defronta, seus olhinhos reluzindo vermelhos de raiva, o sangue brotando e brilhando ao descer pelo seu ombro, seu grande focinho seco e empoeirado, sangue e lodo pingando de suas mandíbulas ofegantes.

Sua imagem está fotografada em minha memória; mas é um instantâneo, pois no próximo momento suas orelhas estão de pé, sua crina eriçada, e ele avança em nossa direção num trote bamboleante; a uns cinco metros, ele passa ao galope e carrega cegamente contra nós. Nossas lanças estão abaixadas; há um choque; ambos somos lançados para trás contra a lateral da ravina.

Então, no meio de uma nuvem de poeira, vemos o javali ajoelhado aos nossos pés, ambas as lanças plantadas em seu peito e ombro. Ele tenta se levantar, mas volta e cai sobre um lado, e mais um pontão de lança em seu flanco dá fim a um javali que correu como caça de valor.

CAPÍTULO V

UMA CAÇADA DE LEÃO³³

Se não tivéssemos ido caçar hipopótamo naquele dia, não teria havido caçada ao leão – então, preciso começar pelo começo.

Um amigo e eu estávamos acampando junto a um lago na África, no qual havia muitos hipopótamos, e os nativos das vizinhanças estavam numa condição que beirava a fome, e tinham terrível necessidade de carne.

Mas os hipopótamos eram muito astutos. Eles não se mostrariam à flor da água enquanto estivéssemos por ali, então era muito difícil acertar um tiro neles.

Um dia fomos para um ponto mais distante na margem para tocaíá-los.

Os hipopótamos, como se sabe, podem ficar um longo tempo debaixo d'água, mas ocasionalmente têm de subir para respirar. Quando fazem isso, eles são tremendamente cuidadosos, pondo apenas suas narinas logo acima da superfície; então eles expiram, um pequeno chafariz de água, e descem novamente. Assim, tudo que se pode ver deles são seis pequenos pontos pretos – as duas narinas, os olhos, e as orelhas – e que só aparecem por uns três segundos. Mas eles sempre vêm à tona no mesmo lugar; então, o método é ter o seu fuzil pronto, apontado para esse ponto, e no momento em que os olhos aparecem, você puxa o gatilho.

Meu amigo e eu apostamos para ver quem conseguiria matar um grande hipopótamo que se portava dessa maneira no lado oposto àquele em que estávamos. Deitei-me de costas, de modo a ter uma pontaria mais estável³⁴, e quando ele veio à tona no mesmo lugar uma segunda vez, eu estava pronto e mandei ver.

³³ *Lições da escola da vida; também em Caminho para o sucesso.*

³⁴ Segundo Baden-Powell, essa foi a origem do apelido *M'hlala-panzi*.

O monstro lançou-se com meio corpo fora da água com um tremendo ronco e mergulhou no meio de uma fonte de borrifos, e não o vimos mais.

Um outro apareceu, não muito distante, e meu amigo deu-lhe um tiro que também o fez pular.

Quando morto, um hipopótamo usualmente desce para o fundo; mas quatro ou cinco horas depois ele flutua. Nossos nativos estavam atentos, portanto, para que os corpos aparecessem, e à noite um mensageiro veio, excitado, para o acampamento para informar-nos que um deles estava flutuando no lago, morto.

Corremos para examiná-lo, e lá estava ele, um grande monstro gordo, encalhado entre as taboas e caído sobre um lado.

Não conseguíamos encontrar nenhum sinal de ferimento, até que levantamos sua pálpebra, e descobrimos que o olho tinha sido esmigalhado; a bala acertou bem nessa marca e penetrou até o cérebro.

Claro, cada um de nós clamou a presa como sua. Eu usei um fuzil governamental, enquanto meu amigo usou um *Express*³⁵. Quando extraímos a bala, ela tinha uma flecha larga gravada na base³⁶, provando que o hipopótamo era meu.

Era coisa de se ver os nossos nativos e o que fizeram com o hipopótamo. Primeiro, eles cortaram um buraco quadrado no flanco do bicho, grande apenas o suficiente para passar um homem, e um homem entrou lá com uma faca e foi cortando todo tipo de bocados, pedaços do fígado, do coração, etc., que ele entregava aos companheiros.

Coberto de sangue literalmente da cabeça aos pés, aquele garoto sorridente era uma imagem bem feia de se contemplar.

O território nos arredores era quase deserto, e vimos poucos habitantes, mas ao cair da noite havia quase uma centena de nativos

³⁵ Fuzil de caça, capaz de disparar munições de alta velocidade.

³⁶ A munição recebe marcações de fábrica, para dar indicações como data e lote de fabricação, e a quem se destina.

reunidos junto à carcaça, para os quais um naco de carne crua dava tanta alegria quanto um peru de Natal para um inglês comum.

Naquela noite, nosso acampamento foi cena de banquete e festa. Cada homem acendeu sua própria fogueira, e após espetar grandes postas de carne em suas azagaias, ele as plantava ao redor do fogo. Então ele se sentava e solenemente punha-se ao trabalho de comer tudo, não dando sequer tempo para que cozesse totalmente.

Durante toda a noite, quando quer que acordássemos, podíamos ouvir os homens mastigando sua refeição.

Por volta das quatro da manhã, estávamos dormindo pacificamente, as fogueiras do acampamento já estavam baixas, e mesmo os mais famintos dos nossos rapazes já estavam dormindo, quando um dos cães me despertou. Então, uma cabra nas imediações assustou a noite com um estridente balido de alarme; noutro momento, houve um súbito farfalhar, como se do vento, um impacto, um confuso tropel de cascos em fuga, e nosso rebanho de quatro bois estourou para fora de seu curral, correndo para o mato circundante.

Num segundo, todo mundo estava de pé e se movendo. Corri para fora de minha barraca, lança em punho, para encontrar todos os rapazes em grande agitação, com uma única palavra nos lábios: “*Ingonyama* (leões)”.

Atraídos pelo cheiro de hipopótamo assado, um bando errante de leões deu uma corrida pelo nosso campo, e o gado estourou, seguido pelos agressores. Enquanto discutíamos a situação, um estridente grito de dor ecoando pelo mato não muito distante do campo informou-nos do destino de uma das nossas reses.

Ao amanhecer, despachamos três rapazes para constatar o pior, enquanto nos preparávamos para seguir os leões e extrair deles a vingança que pudéssemos.

Claro que cada rapaz no acampamento queria juntar-se à expedição, mas selecionamos apenas uma dúzia dos melhores rastreadores e dos homens mais confiáveis. Imediatamente eles começaram a vestir-se com suas melhores pinturas de guerra e penas.

(Nossos marujos de antigamente foram acostumados a vestir seus melhores cachecóis de seda quando iam entrar em ação, e muitos bons homens além de Nelson gostava de vestir-se com apuro para uma missão perigosa; então, do mesmo modo nossos nativos ficavam encantados em ornamentar-se com toda a sua panóplia de penas antes de partir em um empreendimento que poderia removê-los para sempre para os felizes campos de caça.)

Mal tínhamos terminado de fazer o café quando os três homens que havíamos enviado retornaram ao acampamento em solene procissão, trazendo o couro ainda úmido, a tibia, a cabeça e os chifres da rês morta.

Eles haviam perturbado os matadores em seu banquete a cerca de oitocentos metros do acampamento, e descobriram um leão e duas leas devorando nossa carne, enquanto outro, um grande leão mais velho, tendo terminado seu desjejum, ficava mais afastado para permitir aos mais jovens ter a sua chance.

Partimos sem demora para visitar a cena do repasto. Lá chegando, apanhamos o rastro dos leões, cujas patas macias deixavam uma pouca distintiva marca na areia macia. Leve como era, era suficiente para os olhos experimentados dos nossos caçadores, e eles nos guiaram em passo vivo em perfeito silêncio por um longo caminho através do mato. A cada trecho de algumas centenas de metros eles notavam que os leões haviam parado para escutar e mudado a direção de sua retirada; claro, o novo caminho era imediatamente tomado, mas por um bom tempo seguimos sem sermos recompensados por visão ou som de nossos inimigos.

Por fim, quando avançávamos disfarçadamente em fila, prontos para qualquer coisa à nossa frente, uma súbita agitação no mato foi ouvida à nossa direita; uma olhada ao chão mostrou que nossa caça, em sua rota zigue-zagueada, passara bem perto do nosso flanco; outra e outra vez essa manobra foi feita sem que tivéssemos a menor percepção deles.

Após um bom tempo, o grande calor do sol começou a se fazer sentir; mas se fazia efeito em nós, sabíamos que o faria em dobro sobre

os leões, que são fracos de desempenho durante o dia, especialmente após uma refeição pesada.

Os rastros agora nos davam todo o encorajamento para perseverar; o instinto (comum a todos os animais, inclusive o homem) de que estavam sendo seguidos agora parecia ter tomado conta dos leões; eles haviam galopado por distâncias curtas com frequentes mudanças de direção, parado para um repouso curto, e novamente de pé e prosseguindo, com a energia do desespero.

Por fim, nosso rastreador principal, esgueirando-se com seus olhos enxergando bem mais adiante, repentinamente “congelou” como um perdigueiro, quase como se petrificado. Por um breve momento essa estátua viva de bronze ficou fotografada em minha memória, e no momento seguinte um ruído de agitação no meio do mato informou-nos que havíamos alcançado os leões durante a sua sesta.

Mas ainda assim não conseguimos nem vê-los de relance. O susto que nossa súbita aparição causou a eles impeliu-os a fazer sua evasão em direções diferentes, e daí para a frente prosseguimos para seguir o leão grande, que tomou seu próprio caminho.

E seguimos adiante, no calor do dia, pisando na areia pesada, esforçando-nos para evitar pisar em galhos que poderiam estalar e sendo puxados por espinhos que nos agarravam.

Depois de um bom tempo, o mato foi ficando cada vez mais ralo: estávamos chegando ao final, e a claridade do dia entre as árvores indicava que alcançaríamos terreno aberto além. Se conseguíssemos persuadi-lo a vir para o campo aberto, tínhamos quase certeza de atingi-lo com um tiro.

De repente, uma parada, um sussurro, um grito e uma corrida generalizada para o campo aberto. Lá estava ele, quinhentos metros adiante, passando pelo capim e pelas moitas – um grande e esguio gato amarelo, com as costas e a cauda curvadas, indo tão rápido quanto podia rumo a uma pequena cobertura de espinheiros.

Largamo-nos atrás dele, os rapazes tão excitados quanto nós. Aos poucos, fomos nos espaçando, com os melhores corredores orgulhosos

de estar à frente, enquanto os outros ficavam para trás. Apesar de correr bem nos duzentos metros, eu nunca consegui manter bom desempenho além dos quatrocentos, nem mesmo em Charterhouse³⁷, e aqui, carregado com um fuzil e a munição, fui facilmente ultrapassado pelos caçadores nativos bem treinados e de longas pernas.

Entretanto, nem mesmo os melhores entre nós eram rápidos o suficiente para ter o leão ao alcance antes que ele chegasse à proteção da cobertura vegetal. Assim, os rapazes foram postados em todos os cantos para dar alarme de sua saída, enquanto nós, os atiradores, decidimos avançar para dentro do lugar e encontrá-lo. O lugar era exatamente como um capão de urze, denso e cheio de espinhos, com trilhas de vários animais selvagens formando passagens e túneis pelo meio dele.

Meu assistente zulu então sugeriu uma ideia que ele jurou que havia funcionado bem doutra feita, e era que cada atirador deveria seguir por um túnel, indo de gatinhas com seu assistente logo atrás. Ao avistar o leão, atiraria nele ou, preferivelmente, no chão logo à sua frente. O leão, então, atacaria e o atirador se deitaria chapado no chão; o assistente, então, o cobriria com seu escudo e espetaria o leão com a azagaia quando ele pulasse sobre a dupla.

Essa combinação para fazer frente ao monarca da selva era bastante simples, mas não muito do meu agrado. Parecia-me mais uma forma peculiar de oferecer almoço ao velho brutamontes depois de tê-lo provido com um lauto desjejum. Entretanto, os outros pareceram concordar com isso, e eu tive de acompanhar.

Com o coração na sola dos pés, fui engatinhando pelo meu túnel. É curioso como você se acostuma com as coisas. Pouco depois de ter entrado, eu já comecei a ficar acostumado com a situação, e de fato achei melhor do que se fosse de outro jeito.

E segui engatinhando, até que de repente enxerguei diante de mim – não o leão, mas a saída do meu túnel.

³⁷ Escola em que B-P estudou entre 1869 e 1876.

Foi um alívio encontrar-me novamente em espaço aberto, vendo meus companheiros a emergir de seus túneis. Todos presentes; ninguém fora comido e ninguém vira o leão. E nunca mais o vimos de novo. Se ele fugiu se esgueirando pelo capim, se bateu asas e voou, ou se engoliu a si próprio, jamais conseguimos saber.

Tive outros encontros com leões, e pelo menos um com um resultado mais satisfatório, mas nunca tive uma caçada que me deu um momento tão emocionante.

CAPÍTULO VI

BLEFANDO EM MAFEKING³⁸

Mafeking era um lugarejo de aparência bem comum quando fui para lá em 1899.

Apenas uma cidadezinha de pequenas casas com telhado de zinco jogada sobre o *veldt*, junto ao arroio Molopo e a uns oitocentos metros do *stadt*, que consistia de cabanas circulares de barro vermelho, com tetos de vime trançado, abrigando uns sete mil nativos. Tudo em volta era pradaria aberta, coberta de capim em terreno ondulado.

Difícilmente seria o lugar em que alguém procuraria aventuras excitantes.

Alguns podem se lembrar que em 1899, dois ou três meses antes da Guerra Sul-Africana³⁹, havíamos preparado uma força na fronteira noroeste do Transvaal para vigiar a Rodésia⁴⁰ e a Bechuanalândia⁴¹, e para atrair os bôeres nessa direção tanto quanto possível, aguardando a chegada de tropas britânicas à costa quando a guerra estourasse, e também para preservar nosso prestígio entre as grandes tribos nativas do norte, e assim mantê-las quietas.

Metade dessa força foi posta sob o comando do Coronel Plumer⁴², na Rodésia, e a outra sob o comando do Coronel Hore em Mafeking, tendo eu o comando geral.

³⁸ *Lições da escola da vida.*

³⁹ Segunda (e mais longa e famosa) Guerra Anglo-Bôer, de 1899 a 1902, que terminou com o domínio britânico estabelecido sobre toda a África do Sul. A Primeira guerra Anglo-Bôer, da qual os ingleses não gostam de lembrar, durou três meses (dezembro de 1880 – março de 1881), e terminou com vitória bôer.

⁴⁰ Atual Zimbabwe.

⁴¹ Atual Botswana.

⁴² Herbert Plumer, nascido também em 1857, ingressou no Exército na mesma ocasião que B-P (setembro de 1876), mas cursou Sandhurst, na Arma de Infantaria. Destacou-se como comandante na Primeira Guerra Mundial e ligou-se também ao Movimento Escoteiro. Foi em seu setor da Frente Ocidental (2º Exército britânico) que se cavaram os túneis de Messines, minados e cuja explosão, abrindo a ofensiva tentada em junho de 1917, foi “o maior estrondo já ouvido na Europa”.

Quando rompeu a guerra, nós em Mafeking fomos cercados⁴³ pelos bôeres, enquanto Plumer repeliu suas tentativas contra a Rodésia e acabou pressionando rumo ao sul, até ter condições de cooperar conosco na região de Mafeking.

A defesa de Mafeking, como verdadeiro feito de armas, foi uma operação menor à qual foi dada importância exagerada pela imprensa da época⁴⁴. Em grande parte foi um blefe, mas blefe justificado pelas circunstâncias especiais e que, no fim das contas, logrou êxito em seu objetivo.

Os objetivos de nossa resistência ali, por outro lado, foram, no mínimo, subestimados. Eles foram melhor apresentados na obra de Crestwick *South Africa and the Transvaal War*, na qual o autor destaca que quando começaram as hostilidades, havia um conluio entre os holandeses do Cabo e os bôeres da Federação⁴⁵, e a captura de determinadas cidades seria o sinal para os aliados se unirem e expulsarem os britânicos da África do Sul.

“Acreditava-se que a comparativamente insignificante vila de Mafeking estaria entre as primeiras a cair, e os bôeres regozijavam-se antecipadamente que, uma vez que o lugar caísse, as portas para a Rodésia estariam escancaradas. Cronje⁴⁶ poderia, então, seguir para o norte e derrotar Plumer. A captura de Mafeking confundiria os nativos e os forçaria a tomar o lado dos bôeres. A deslealdade se espalharia, então,

⁴³ Os outros dois cercos que ocorreram nessa etapa inicial da guerra foram os de Ladysmith e Kimberley. Os reveses britânicos em Colenso e Spion Kop, em dezembro de 1899 e janeiro de 1900, decorreram de tentativas infrutíferas de levantar o cerco de Ladysmith.

⁴⁴ A superação do cerco de Mafeking teve papel importante para elevar o moral na frente doméstica, uma vez que nos primeiros meses da guerra, especialmente em dezembro de 1899, os britânicos vinham sofrendo reveses perante os bôeres. Um “bando de caipiras” torcia a cauda do leão britânico.

⁴⁵ República Sul-Africana, congregando os Estados Livres de Transvaal e Orange, depois absorvida pelo Império Britânico.

⁴⁶ Pieter Cronje, general bôer.

até a Baía da Mesa⁴⁷, se Cronje não tivesse, de saída, ficado preso a Mafeking”.

Os sitiados em Mafeking consistiam de um milhar de homens, recentemente organizados e armados, seiscentas mulheres e crianças brancas e sete mil nativos. De início, retivemos ali mais de dez mil bôeres comandados por Cronje, e depois efetivos menores comandados por Snijman.

O cerco durou de 12 de outubro de 1899 a 17 de maio de 1900.

Depois de umas poucas tentativas sem muito entusiasmo sob o comando de Cronje, os bôeres fixaram-se para nos bombardear até a submissão, e por todos os sete meses restantes eles apenas fizeram um ataque realmente determinado – sob o comando de Eloff – e que veio muito tarde no cerco, quando nossas defesas já tinham sido aperfeiçoadas.

Eu estava sempre na expectativa de um ataque noturno, e no intuito de desencorajá-lo, começamos a acender holofotes em cada ponto-forte. Quer dizer, nós fizemos um holofote com um grande refletor feito de latas de biscoito posto na ponta de um poste, que púnhamos de pé no solo e girávamos suavemente para a direção desejada.

Havia um homem em Mafeking que era vendedor-viajante de lâmpadas de acetileno, e ele tinha algumas delas e um pequeno suprimento de acetileno consigo; então, ele adaptou uma lâmpada com um queimador de acetileno ao nosso refletor, e uma noite mostrou um grande clarão de nossa fortificação em Cannon Kopje, com um esplêndido facho de busca que silenciosamente percorreu o terreno ao redor. Mais tarde nessa noite, a mesma lâmpada apareceu numa fortificação noutra parte completamente diferente das defesas, e isso se repetiu por algumas noites, cada vez num ponto-forte diferente, de modo que o inimigo pensou que estávamos bem supridos de holofotes, que podiam ser ligados no momento em que tentassem um ataque. Na verdade, em pouco tempo nosso acetileno acabou.

⁴⁷ Onde fica a Cidade do Cabo.

Então, bolei outro divertido pequeno ardil.

Eu tinha um grande megafone de lata, com o qual eu ia até uma de nossas trincheiras avançadas durante a noite e dava uma de ventríloquo para o inimigo. Eu descobrira que minha voz chegava facilmente até a mais de um quilômetro, e eu podia comandar uma imaginária patrulha de incursão, dando, na voz do oficial, ordens para avançar silenciosamente e perguntando ao Sargento Jackson se seus homens estavam todos prontos. E o “Sargento Jackson” respondia: “Diga ao Soldado Thomas para armar baioneta”, e por aí ia. Isso acabava atraindo tremenda fuzilaria com o alarme dado pelos bôeres. Buscamos sempre proporcionar noites agitadas aos nossos oponentes, e tão calmas quanto possível para nós mesmos, pois os homens precisavam de todo o repouso que lhes pudéssemos dar.

Quando nossos inimigos se entrincheiraram em escavações próximas à cidade, fizemos outras escavações de trincheiras⁴⁸ e sapas⁴⁹ em sua direção, nas quais nossos homens podiam ter cobertas e abrigos para incomodá-los e eventualmente empurrá-los de volta. Para chegar a essas trincheiras, tivemos que cavar sapas profundas.

Assim, gradativamente, estabelecemos um sistema regular de trincheiras mais ou menos parecido com a guerra de antigamente⁵⁰. Por fim, chegamos a um ponto em que estávamos a meros trinta metros do inimigo, e ficamos retidos ali por alguns dias, até que pensamos em usar bombas ou granadas de mão.

⁴⁸ Escavação que serve de posição de tiro para tropa; normalmente, extensa lateralmente, com profundidade capaz de acomodar homens em pé e proporcionando-lhes posição de tiro sobre um setor da frente.

⁴⁹ Escavação mais rasa e estreita que a trincheira, servindo para ligar trincheiras entre si ou as trincheiras com a retaguarda.

⁵⁰ Baden-Powell refere-se aos sítios da Idade Média. Entretanto, poucos anos depois, a Primeira Guerra Mundial levaria a extremos a guerra de trincheiras, travada com fuzis, mas também com armas de combate corpo a corpo: pistolas e revólveres, facas, granadas de mão, baionetas e pás de sapa; para esse tipo de situação é que nasceu (em 1915) a submetralhadora, capaz de dar volume de fogo sendo usada em espaço reduzido.

Fizemos essas granadas de mão a partir de latas de carne ou de geleia, preenchidas com dinamite ou pólvora, com um iniciador (pavio ou espoleta) ligada a elas, e nós as lançávamos nas trincheiras dos bôeres. Eles logo respondiam com granadas de mão mais artisticamente feitas e retiravam-se de sua trincheira avançada uns poucos metros. E lá ficamos retidos por uma quinzena, não mais que uns sessenta metros distantes deles.

Nossos métodos de guerra de trincheiras e granadas de mão foram alvo de gozação como “medievais”, e ninguém imaginava que dentro de poucos anos os exércitos mais modernos estariam combatendo dessa mesma maneira.

Com o passar do tempo, naturalmente começamos a ficar ansiosos quanto ao nosso suprimento de comida. Todo mundo estava sujeito ao estrito racionamento, e o Estado-Maior tinha de viver com rações menores que os soldados, para que pudéssemos avaliar quanto seria o mínimo necessário para sermos capazes de nos mantermos em ação. Acabamos aprendendo a economizar muito estritamente em matéria de comida, e também a descobrir substitutos alimentícios.

Quando um cavalo morria, sua crina e sua cauda eram cortadas fora e mandadas para o hospital para rechear colchões e travesseiros. Suas ferraduras iam para a fundição, para se fazerem projéteis. A pele, depois de escaldada para remover os pelos, era fervida junto com a cabeça e os pés por muitas horas, tudo era partido em pequenos pedaços e, com a adição de um pouco de salitre, servida como “paio”. A carne era removida dos ossos e moída num grande moedor, e das tripas usava-se a pele para dentro da qual se enfiava a carne, fazendo-se linguças. Os ossos eram então cozidos numa rica sopa que era distribuída nas diferentes cozinhas de sopa; e depois eram esmagados em pó com que se dava mais volume à farinha⁵¹. Então, não se perdia muita coisa do cavalo.

⁵¹ Essa adulteração, como se vê, não é grande novidade, com os pães com serragem dos alemães e o café *ersatz*.

Nossa farinha era feita a partir da aveia dos cavalos, esmagada e, tanto quanto possível, peneirada. Mas dava um pão bem grosseiro, na melhor das hipóteses. Com isso, cada homem tinha diariamente para si um grande biscoito de aveia.

As cascas da aveia eram imersas em grandes banheiras de água por várias horas, e ao fim desse tempo a espuma era separada e dada como comida aos frangos do hospital, enquanto o resíduo formava uma pasta conhecida como “*sowens*” – muito saudável e capaz de embuchar, mas com aparência e gosto de cola de cartazes, se você alguma vez já a experimentou.

Para os inválidos no hospital, demos um jeito de fornecer um “pó nutritivo” especial, feito a partir do “pó de arroz” requisitado dos estabelecimentos dos farmacêuticos e dos cabeleireiros!

Como dinheiro era necessário para pagar salários e mercadorias requisitadas, assumimos o controle do valor em dinheiro do Standard Bank, mas também emitimos algum papel-moeda próprio, na forma de cédulas de uma libra e de dez *shillings*, para as quais desenhei as estampas. Estas poderiam ser trocadas por dinheiro regular, se apresentadas num prazo de seis meses após o término do cerco. Mas nenhuma delas foi apresentada, porque as pessoas preferiram guardá-las como recordação. Com isso, o governo ficou com um crédito extra de umas seis mil libras sem conseguir entender o porquê.

Também consideramos necessário emitir selos postais para a correspondência dentro de nosso perímetro defensivo. Minha equipe, ao desenhar alguns dos selos, lançou uma série com a minha efígie, sem meu conhecimento. Como eles eram inteiramente para uso local e temporário, não foi problema de grande importância, mas posteriormente ouvi que foi um grosseiro ato de lesa-majestade de minha parte – se não de traição – imprimir a minha própria efígie nos selos⁵², e que a Rainha tinha ficado muito irritada comigo.

⁵² No Império Britânico – e no Reino Unido, ainda nos dias de hoje – a moeda (metal ou papel) e os selos postais têm a efígie do monarca, e é ilegal emitir qualquer desses itens sem que seja dessa forma.

Bem, se ficou, Sua Majestade não o demonstrou; pelo contrário, enviou-me as mais graciosas mensagens de reconhecimento durante e após o cerco, e determinou pessoalmente minha promoção a Major-General.

O comandante bôer, Sarel Eloff, enviou uma mensagem certo dia, dizendo que ele e seus amigos propunham entrar em Mafeking em breve para jogar críquete conosco. Repliquei que no momento nosso lado estava em campo, e que eles teriam de nos pôr fora antes que seu lado pudesse ter qualquer acesso ao campo⁵³. Ele bem que fez um esforço para isso pouco depois, mas fracassou, e nós o capturamos juntamente com uma centena de oficiais e praças. Uma semana depois, o cerco de Mafeking foi levantado.

A coluna de reforço sob o comando dos Coronéis Mahon e Plumer entrou na cidade às duas da madrugada, e estávamos felicíssimos em vê-los⁵⁴. Era para ser um momento emocionante, mas estávamos todos tão cansados que tudo que queríamos era ter uma boa noite de sono.

O telegrama da Rainha, rascunhado por ela mesma à mesa do jantar, era uma leitura inspiradora: “Eu e todo o meu Império regozijamo-nos grandemente com o levantamento do cerco de Mafeking, após a esplêndida defesa conduzida por Vossa Senhoria ao longo destes meses. Calorosamente congratulo-me com Vossa Senhoria e todos sob seu comando, militares e civis, britânicos e nativos, pelo heroísmo e devoção que demonstraram”.

⁵³ No original: “I replied that our side was in at present and he must bowl us out before his side could have an innings”. B-P fez jogo de palavras com expressões típicas do críquete – difícil traduzir.

⁵⁴ O irmão do Fundador, Baden Fletcher Baden-Powell, estava entre os integrantes da coluna. Consta ter sido ele que acordou Baden-Powell, anunciando o levantamento do Cerco.

CAPÍTULO VII

ESTRATÉGIA NA SELVA⁵⁵

“Com jeito, com jeitinho, se captura o macaquinho⁵⁶”, é um provérbio da Costa Oeste africana, significando que paciência leva ao sucesso.

A experiência que vou contar, de uma greve no meio da selva, mostra que esse é um preceito valiosíssimo na prática.

“Os malditos krobos dizem que não vão trabalhar hoje”.

“Por quê?”

“Estão sem sal para a barriga”.

Esse foi o anúncio de meu ordenança hauçá ao trazer-me na rede meu chocolate matinal.

“Sal”? Perguntei.

“Sim, sinhô. O cabra safado diz que não pode trabalhar se não tiver sal na barriga”.

“Bem, o que podemos fazer quanto a isso?”

“Eu acho que o chicote falante do mestre responde bem pelo sal”; e ele disse isso com um rápido e astuto piscar de olho olhando de soslaio para o chicote.

“Chame o Rei aqui (sem gabolice indevida, há um prazer inaudito em dar bronca num rei de verdade, especialmente quando alguém está vestindo meramente pijama).

Então, falei com Matikoli, Rei dos krobos. Eu lhe disse que em todo caso ele, pessoalmente, seria multado em um *shilling* e que ele deveria explicar aos seus homens que eles não receberiam sal neste acampamento, em parte porque não havia sal para eles receberem, e em parte porque eles ameaçaram fazer greve por causa do sal; porém no próximo acampamento, naquela noite, haveria fatura de sal, mas apenas para aqueles que tivessem trabalhado bem durante o dia. Enquanto isso,

⁵⁵ *The downfall of Prempeh.*

⁵⁶ No original: “*Softlee, softlee, catchee monkey*”.

todas as outras companhias, os adansis, os mumfords, os elminas, os winnebabs, e todos os demais estavam fazendo seu trabalho, e se os krobos estivessem ausentes do trabalho quando eu fosse percorrer o campo mais tarde, seu pagamento do dia seria dividido entre as outras companhias.

Então, tendo bebido meu chocolate, saí como estava, vestido de pijama e mocassins⁵⁷, para dar uma olhada no problema.

O campo estava vazio, exceto pelos krobos – uns trezentos deles. Esses estavam acocorados, em estudada despreocupação, de costas para a minha cabana, escutando polidamente mas de maneira pouco responsiva ao relatório de seu Rei quanto à entrevista comigo. A solução proposta evidentemente teve muito pouco apelo junto aos grevistas, e a espiada a mim dada por mais de um canto de olho, para ver como eu reagiria, deu-me uma linha de ação a seguir.

Então, eu disse, alto, para o Rei, que avisasse seus homens que agora eu ia convocar nosso velho amigo, o “chicote-falante”, e que o último homem a estar no acampamento seria com quem ele conversaria.

Com passo vivo encaminhei-me para minha barraca, e quando voltei um minuto depois e dei um ressoante *crack* com meu chicote, o bando todo pôs-se de pé e já estava lançando os fardos sobre os ombros ou a cabeça enquanto corria, rindo e tagarelado como um bando de garotos à saída da escola.

Greves desse tipo eram uma ocorrência diária no contingente nativo, mas como havia nele sete ou oito tribos diferentes – algumas incapazes de falar a língua das outras – era possível a dois homens brancos controlar o grupo todo, uma vez que sempre tínhamos o balanço de “pernas negras” a nosso favor.

Além do “chicote-falante”, eu tinha outro meio de persuasão moral, na forma de Isiqwaqwa, uma carabina de repetição Colt⁵⁸. Esta pequena

⁵⁷ Mocassin: tipo de calçado que se encaixa no pé, sem uso de cadarços.

⁵⁸ Carabina Colt-Burgess modelo 1883, de ação de alavanca, em calibre .44-40 Winchester, com um carregador tubular sob o cano. A versão “fuzil” tinha um cano de 650 mm, e um carregador com

arma podia disparar de seu carregador uma dúzia de tiros, se fosse necessário, tão rapidamente quanto um homem fosse capaz de manejá-la. No primeiro dia de meu comando dei à minha força uma pequena demonstração de sua capacidade. Tomando um mamoeiro como meu alvo – uma árvore, alta, fina, pelada, com uma coroa de folhas no topo e um punhado de frutas penduradas – disparei rapidamente seguidas vezes, mandando impiedosamente as frutas pelos ares em pedaços.

Quando o último cartucho deixou o carregador, baixei a carabina com força dramática, dizendo: “Eis aí, podemos continuar eternamente deste jeito. É o que nos manterá a salvo dos ashantis. Ai do homem com quem esta arma falar. Ouviram?”. E então, com inflexão especial: “Ai do homem com quem esta arma falar”.

Fez-se um silêncio para que a repetição fosse bem absorvida com seu significado especial para eles, e assim foi. Mais tarde o aviso foi bem lembrado.

Como proteção contra motins, um governo paternalista me forneceu uma guarda pessoal especial de oito homens de Serra Leoa. Sendo seu país, maneiras, costumes e linguagem totalmente estranhos aos do meu contingente, haveriam de manter-se como um corpo de elite, uma coisa à parte, uma guarda confiável para mim.

Estávamos tendo um alto de um dia, o repouso de um dia para todos. E aqui eu daria uma dica para qualquer pata-tenra que vá para a costa. A experiência mostra que o dia de repouso em uma marcha é o dia para pegar febre; então, quando você fizer uma parada de um dia, não abra mão de partir para alguma forma bem desgastante de atividade para manter os poros abertos como de costume. Estávamos tendo uma parada de um dia e parti para meu bocado de exercício salutar, acompanhado do meu ordenança hauçá, carregando Isiqwaqwa.

Fiz um grande círculo pelo mato ao redor do acampamento, que me trouxe à trilha pela qual nossa força viera subindo desde a costa, e segui

capacidade para 15 cartuchos. A versão “carabina”, que era a de B-P, tinha um cano de 510 mm, e um carregador com capacidade para 12 cartuchos.

por ela abaixo por uma certa distância para ver como estavam se sustentando nossas pontes e outras obras. No retorno rumo ao acampamento, tivemos a surpresa de, ao virar uma curva, topar com a minha guarda pessoal, todos os oito, que vinham descendo a trilha.

Eles estacaram, surpresos; o homem da frente – e a trilha só dava espaço para um, ou no máximo dois de frente – tentou recuar de sua posição, mas os colegas atrás dele empurravam-no para a frente.

Pressionado desse jeito, ele agarrou firmemente seu bastão e assumiu um ar de determinação que ele evidentemente não sentia; flexionou os joelhos e preparou-se para atacar.

Reparei que seus companheiros também se haviam munido de porretes de bambu. Evidentemente, eles falavam sério.

Nesse momento, meu ordenança atrás de mim empurrou Isiqwaqwa para minhas mãos, dizendo: “Porcaria de sujeito. Atire nele, sinhô”.

Mas não houve necessidade de atirar. A simples visão da carabina derrubou o moral do bando.

“Larguem os bastões!”, foi a minha ordem para eles. “Mãos para cima. Meia-volta, volver. Acelerado, marche”.

E assim prosseguimos por todo o caminho de volta ao acampamento, para os olhares atônitos e divertidos de todo o regimento. Meus oito guardas estrangeiros tinham muito poucos amigos no meio daquela multidão, e isso logo se tornou evidente.

Com umas poucas machadadas, meu ordenança derrubou uma árvore nova, de modo a ficar apoiada numa extremidade pelo pé do tronco e pela ramagem na outra, e ela ficou paralela ao solo a uma altura de mais ou menos uns trinta e cinco centímetros.

Ele fez nossos prisioneiros sentarem-se um ao lado do outro, no chão, fazendo frente para a árvore, com as pernas estendidas para debaixo dela; depois ele fez que cada um se debruçasse sobre o tronco até que suas mãos tocassem os pés. Com cordões feitos de fibra de casca

de árvore⁵⁹, ele então amarrou os polegares de cada homem aos dedões dos pés, e com esta forma improvisada de pelourinho ele deixou os oito amotinados expostos à execração pelo resto do contingente.

Para estes, foi o entretenimento vespertino mais alegre que tiveram por um longo tempo; deu oportunidade a todo aspirante a humorista de exhibir o que quer que tivesse numa tirada de espírito ou sarcasmo, e ninguém deixou de tirar sua casquinha. Assim eles malharam adequadamente os miseráveis serra-leoneses.

Quando chegou a noite e o acampamento recolheu-se para dormir, os prisioneiros viram sua chance de virar a mesa e obter alguma revanche. Se eles iam ficar desconfortáveis, nós também teríamos incômodo. Combinaram entre si começar a uivar e manter um contínuo e lúgubre uivo por toda a noite, revezando-se dois em cada turno, para manter a continuidade da inquietação.

Quando a serenata começou, certamente me arrancou do meu primeiro sono, e eu estava furiosamente meditando sobre como acabar com aquilo; mas antes que eu tomasse qualquer medida definitiva, ela se encerrou por si mesma tão abruptamente quanto começara.

Mas a última nota tinha sido lançada *con amore*, com um grito agudo como *finale*. Olhando para fora para ver o que estava acontecendo, vi que meu fiel ordenança, tão logo começara o dueto, esgueirou-se por trás dos cantores com uma varinha de cana-da-índia, e desferiu golpes cortantes sobre as costas curvadas, com a garantia de que continuaria a marcar o compasso dessa maneira pelo tempo que eles continuassem a cantar.

Isso encerrou a serenata pelo resto da noite, e pelo restante da campanha os homens da minha guarda pessoal foram os mais confiáveis e menos preguiçosos em todo o meu pequeno exército.

⁵⁹ Conhecidos no Brasil como embiras.

Este contingente, do qual venho falando, era o destacamento precursor⁶⁰ de uma força britânica subindo por cerca de cento e sessenta quilômetros internando-se no país, avançando da Costa do Ouro para dentro do território dos ashantis⁶¹.

O objetivo da expedição era compelir o Rei desses povos a cumprir os termos do tratado, um dos quais era pôr fim a sacrifícios humanos e cessar as incursões de captura de escravos entre as tribos vizinhas que estavam sob a proteção britânica.

Este destacamento precursor compreendia um contingente recrutado de oitocentos nativos amigáveis de diferentes tribos, sob o comando de dois oficiais brancos. Sua tarefa principal era atuar como uma força de reconhecimento composta de esclarecedores e pioneiros⁶², para abrir um caminho para o corpo principal através da densa floresta que cobria todo o pedaço do território no qual estávamos operando.

Um ponto que frequentemente não é percebido por aqueles que não têm experiência no ambiente de selva é que não apenas há um emaranhado de vegetação baixa e trepadeiras para atravessar, mas há também quase tantas árvores caídas quantas árvores de pé, e nesta selva em particular muitas dessas eram árvores com uns sessenta metros de altura e um diâmetro de uns dois metros a dois metros e meio; então, passar por cima delas era trabalho mais árduo que dar a volta nelas, e isso já era ruim o suficiente.

Adicione-se a isso que o chão sob nossos pés geralmente era úmido e por vezes atoladiço, enquanto a atmosfera em que se trabalhava era pesada, quente e cheia de vapores, com um aroma parecido com o de uma horta de repolhos velhos.

⁶⁰ Destacamento precursor: aquele que, precedendo a força principal em deslocamento, marca o itinerário, os locais de parada, equipa meios de transposição de obstáculos e instala meios de apoio nos locais de parada.

⁶¹ Baden-Powell, Major a esse tempo (foi promovido a Tenente-Coronel pouco depois), era o comandante do destacamento precursor. A força britânica que empreendeu essa missão destinada a a submeter os ashantis estava sob o comando do Coronel Sir Francis Scott.

⁶² Combatentes de Engenharia: sapadores e pontoneiros.

A missão da minha equipe, então, era fazer um caminho para as tropas britânicas e os transportadores dos trens de suprimento que vinham depois de nós.

Cortamos nosso caminho diretamente através da selva, marcando o percurso por azimutes e construindo passagens por cima dos troncos caídos fazendo rampas de terra em cada lado; trechos atoladiços eram “acarpetados” com toras, e construíam-se pontes sobre os frequentes cursos d’água.

A distâncias regulares, abriam-se clareiras de alguns acres⁶³ na vegetação mais baixa, cabanas eram erigidas e cobertas para formar acampamentos de repouso para as tropas; choupanas-depósito eram também construídas para guardar os suprimentos, e fortificações feitas ao seu redor para dar-lhes proteção.

E durante todo o tempo em que isto era feito, tínhamos que manter uma multidão de esclarecedores e sentinelas à frente e ao redor de nós para nos guardar de quaisquer surpresas, bem como para obter os informes que pudessem sobre os movimentos e intenções do inimigo.

Tínhamos fartura de ocupações para nossos homens, desde que eles conseguissem se fixar ao trabalho. Mas o trabalho regular definitivamente não estava entre os seus hábitos. Somente tratando-os animadamente e como a crianças é que se conseguia obter trabalho deles. Eles estavam sempre prontos para rir e cantar, mas igualmente prontos para ficarem amuados e amotinar-se, de acordo com o que lhes fosse sugerido.

Paciência, e sempre paciência, era a única maneira. Mas paciência e animação não são virtudes tão fáceis de obter naquele calor úmido, com a febre a pique de derrubar você e com a ansiedade e responsabilidade do comando sempre a pesar em seus ombros.

Mas de alguma forma as coisas foram tomando forma.

Então, num dia abençoado, vieram esgueirando-se pelo mato dois mensageiros do inimigo à frente. Eles eram emissários do Rei de Bekwai,

⁶³ Um acre = 0,4 hectare.

um dos principais vassallos do Rei de Ashanti, cujo território ficava bem próximo do nosso trajeto de aproximação.

Dentro de um dia ou pouco mais, nossa estrada, da maneira como a íamos abrindo, nos levaria a uma aldeia ashanti chamada Essian Qwanta, e desde esse ponto uma trilha derivada levava à cidade de Bekwai, uns vinte quilômetros para o noroeste. O Rei de Bekwai, percebendo que seria o primeiro a ter os britânicos no seu pescoço, enviou esses mensageiros para dizer que ele estava ansioso para render-se e ficar sob a proteção da bandeira britânica, mas acrescentou que se Prempeh, o Rei de Ashanti, viesse a saber disso, significaria um fim bem rápido para o Rei de Bekwai, a menos que estivéssemos lá para salvá-lo.

Claro, o mais fácil para nós seria pressionar adiante e apoderarmos-nos de Essian Qwanta, e dessa forma estabelecer o contato com ele. Mas nossos esclarecedores agora relatavam que os ashantis tinham um forte contingente esperando-nos naquele ponto, pronto para resistir ao nosso avanço.

E minhas ordens escritas do Quartel-General eram para de forma alguma atacar nem provocar luta.

Aqui estava um dilema e um problema. Fico imaginando como você, leitor, o resolveria.

De todo modo, eis o que fizemos.

Reunindo toda a nossa força, trazendo para junto de nós os destacamentos avançados, incluindo duas companhias de hauças que não estavam longe de nós na estrada – juntamente com todo o suprimento de víveres disponível, deixamos tudo pronto com o expresse propósito de avançar para Essian Qwanta ao alvorecer do dia seguinte.

Entretanto, assim que escureceu, quando não havia mais nenhum medo de homens desertarem para o campo inimigo ou esculcas hostis virem nos espiar (dado que nenhum nativo iria para o mato sozinho após escurecer), para surpresa geral circulou rápida e discretamente a ordem de entrar em forma; instruções simples mas completas foram dadas a cada homem; cargas foram distribuídas, munição entregue e, como registra o meu diário: “Foi dada ordem para marchar; não que se tenha

dito alguma palavra, mas a longa fila de homens, de pé como uma parede na escuridão, foi vista deslizar silenciosamente para sumir no estreito túnel da mata”.

Mas não era na direção de Essian Qwanta. Nosso plano era deixar uns poucos esclarecedores para “cutucar” a frente inimiga naquele ponto, e enquanto isso, fazer uma marcha em segredo com toda a nossa força através da mata para Heman, flanqueando desse modo a força que estava em Essian Qwanta, para estar em posição no dia seguinte, de tal modo que pudéssemos garantir a segurança de Bekwai e ter seu apoio, e ao mesmo tempo, se necessário, estar em condições de atacar Essian Qwanta pela retaguarda e cortar a retirada de sua guarnição para Kumasi.

Esse era o nosso plano; mas nós tínhamos de pelejar com aquela selva e um inimigo ativo e vigilante. Conseguiríamos fazê-lo?

Eram uns quinze quilômetros em linha reta desde o nosso acampamento, mas que quinze quilômetros! O trajeto passava pela selva que já descrevi, numa escuridão de breu, pois, apesar de haver lua, nem um raio de sua luz conseguia penetrar as cortinas de densa folhagem acima de nós; e só podíamos avançar em coluna por um, uma coluna de oitocentos homens pesadamente carregados e de natureza bastante tímida.

Entretanto, quem nada arrisca, nada ganha.

Por sorte, tínhamos o auxílio das duas companhias da polícia regular hauçá, armada, para servir de espinha dorsal à força. Eles eram também sujeitos animados e disciplinados, lembrando um bocado os nossos camaradinhos combatentes gurkhas⁶⁴, na Índia.

Então, seguimos adiante em nossa aventura. O único guia para cada homem era o pedacinho branco de tecido ou casca de árvore posto, para esse fim, nas costas do homem imediatamente à sua frente, cada homem sentindo o terreno em que pisava com um bastão leve. Isto era

⁶⁴ Mesmo após a independência da “Índia (Índia, Paquistão, Bangladesh, Nepal)”, é motivo de orgulho para os nepaleses gurkhas continuar a servir no Exército britânico – estiveram presentes, inclusive, na Guerra das Falklands de 1982.

importante, pois a cada passo você cambaleava num murundum⁶⁵, tropeçava numa raiz, ou se emaranhava numa trepadeira, ou chafurdava num brejo.

E ao nosso redor estava o profundo e escuro silêncio da floresta, quebrado apenas a raros intervalos pelo estalido de um galho pisado. Dificilmente se poderia crer que algumas centenas de pessoas estavam se movendo através da selva – bem devagar, é verdade; mas ainda assim movendo-se sempre adiante.

Árvores caídas eram frequentes, e emaranhados de arbustos e córregos combinavam-se para atrasar o passo e quebrar a continuidade da coluna.

Cada homem levava alguns segundos para lidar com o obstáculo e perder alguns metros ao fazê-lo, e com isso a cada minuto que passava a coluna se alongava e se tornava menos conectada. Isso só podia ser remediado com frequentes altos e com a testa andando mais devagar.

Ocasionalmente, o retardo podia vir da própria testa. Marchando em coluna, repentinamente você podia colidir com o homem à sua frente e, como num trem de mercadorias carregado, todo o grupo ia colidindo com o da frente, em sucessão, até parar.

Já passava das duas da manhã quando nossos esclarecedores avançados informaram que estavam na aldeia de Heman, onde tudo estava quieto; e já passava das quatro quando toda a nossa força finalmente se reuniu lá.

Nossos esclarecedores nativos, apoiados por uma equipe de hauças, esgueiraram-se silenciosamente pela trilha rumo a Essian Qwanta, para vigiar contra qualquer surpresa que viesse daquela direção.

Enquanto isso, os habitantes da pequena aldeia de Heman, que eram bekwais, surpreendidos por nossa súbita invasão, foram rapidamente acalmados quando constataram que éramos amigos, e informaram-nos que os ashantis até então não haviam feito nenhum

⁶⁵ Murundum: desnível no solo em forma de casa de cupim; um pequeno aglomerado de terra em alto-relevo no solo.

movimento contra o seu Rei, e evidentemente não suspeitavam de sua defecção.

E ali descansamos por um tempo.

Então, quando clareou o dia, vieram boas notícias. Mensageiros excitados trouxeram mensagens do oficial hauçá que tinha ido vigiar Essian Qwanta. Os esclarecedores ashantis, de algum modo, tinham ficado sabendo do nosso movimento, e a guarnição daquele posto percebendo que nós os havíamos desbordado, estava agora a toda pressa fazendo sua retirada para Kumasi.

Assim, sem precisar combater, ganhamos nosso ponto de apoio e liberamos a estrada para nosso corpo principal.

Mais uma vez, foi um caso de paciência conquistando suas vitórias, de maneira não menos notável que se fosse por ataques.

Ao mesmo tempo, isso nos permitiu dar as mãos a Bekwai. Nem nós nos demoramos a fazê-lo. Enviamos mensageiros para dizer ao Rei que estávamos chegando.

Dezesseis quilômetros mais de marcha, apesar de cansados como nossos homens estavam, foram relativamente fáceis de cobrir, já que era por um caminho já existente e à luz do dia; e por fim toda a força emergiu da floresta para a clareira que, com suas quatro ruas de casas nativas, constituía a cidade de Bekwai.

Sem demora, encaminhei-me para o assim chamado palácio, um conjunto de edificações de adobe muito bem-feitas, com telhados de palha, e fui logo recebido pelo Rei, em conselho com seus principais auxiliares.

Li para ele uma carta de meu general, dando-lhe garantia da proteção britânica, e recebi seus evidentemente entusiásticos agradecimentos pela pronta vinda da força de proteção.

A manhã seguinte foi devotada à cerimônia de hasteamento da bandeira britânica, e, por pequeno que parecesse a princípio ser o problema, ele se desenvolveu para tornar-se uma atividade bem impressionante.

Monarcas africanos são bem difíceis de se apressar, mas havia muito negócio a fazer, e negócios numa expedição como esta têm de ser feitos rapidamente. Então, após algumas mensagens solicitando informações sobre as intenções do Rei quanto a onde e como teria lugar a cerimônia de hasteamento da bandeira, eu fiz erigir-se o mastro num lugar que escolhi por minha própria conta, pus a tropa em forma e mandei avisar o Rei que estava tudo pronto. Isso acabou tendo o efeito desejado, apesar de a guarda de honra de hauçás e esclarecedores ter precisado esperar por algum tempo antes que o barulho de tambores e trombetas e o rugido da multidão informassem que a procissão real estava em movimento.

Finalmente ela se fez visível – uma vasta multidão negra de alguns milhares de pessoas ondeando e gritando ao redor das liteiras em que o Rei e seus chefes eram carregados. Acima e ao redor deles, giravam os grandes guarda-sóis de estado. À frente vinham bandas de tamborileiros com tambores pequenos, depois dançarinos que saltavam e rodopiavam acompanhando, feiticeiros com penteados bizarros, tamborileiros com tambores médios, trombeteiros com suas trombetas de marfim ornamentadas com maxilares humanos, e então os grandes tambores de guerra transportados à altura dos ombros e com caveiras penduradas (que, no entanto, mais tarde foram cobertas com uma faixa de tecido, significando que era uma cerimônia de paz). Vinham então os animadores⁶⁶ da corte do Rei com seus chapeuzinhos preto-e-branco, e correndo à frente e atrás vinha a multidão de moleques escravos carregando as banquetas de seus amos sobre a cabeça. O rugido e o som de tambores tornaram-se intensos à medida que a procissão veio correndo estrada acima – pois ela se movia a passo acelerado – e os guarda-sóis girando e saltando davam à cena muita vida e agitação.

Por fim, instalaram-se o trono e as cadeiras, e as pessoas enfileiraram-se por ordem de precedência. Então, ofereci ao Rei a bandeira com todas as suas vantagens, que o Rei, com muita presença

⁶⁶ Espécie de claque, equipe puxadora de aplausos.

de espírito em suas palavras, fervorosamente aceitou; cada frase que ele usou, além de formalmente aplaudida pelo coro dos animadores da corte, foi evidentemente aprovada pelos demais participantes.

O Rei, então, moveu-se de seu assento para o mastro da bandeira. Apesar de distar apenas uns poucos passos, o movimento envolvia não pouca cerimônia. O guarda-sol tinha de ser mantido girando acima dele, enquanto o seu portador movia-se apenas sobre o calcanhar. Homens vieram à frente para limpar todo galhinho ou palha do caminho real. O feiticeiro, usando um belo cocar de penas semelhante aos dos peles-vermelhas americanos e um esplêndido cinto de prata, parecia abençoar a cena. Um homem apoiava o Rei segurando sua cintura e era do mesmo modo apoiado por dois ou três outros em sucessão atrás dele. Outro, ainda, enxugava o Rei com um lenço, enquanto garotos, armados com caudas de elefante, afugentavam moscas da real presença.

O Rei estava vestido com uma espécie de toga de vários pedaços de tecido, com uma echarpe de seda verde; em sua cabeça, um pequeno boné de casco de cágado, e nos seus pulsos, entre os amuletos pendentes, ele usava alguns esplêndidos braceletes de pepitas brutas de ouro e dentes humanos.

Em todo seu esplendor bárbaro, o Rei dirigiu-se ao mastro. A bandeira estava no topo, dobrada⁶⁷, e quando ele puxou a adriça para que ela se desfraldasse, a banda dos hauçás tocou *God Save the Queen*⁶⁸ e a tropa apresentou armas⁶⁹.

O Rei fez um gesto como de quem fosse dormir, com a cabeça sobre a mão, e disse que sob a bandeira ele repousaria em paz até morrer.

Se eu fosse encerrar o incidente aqui como se tivesse todo sido completado com sucesso, eu não estaria dizendo a verdade quanto à

⁶⁷ Diferentemente do processo usado no Brasil, de içar a bandeira pela adriça até o topo do mastro, os britânicos deixavam a bandeira “embolada” no topo do mastro, com uma soltura rápida, de modo que o hasteamento consistia no seu desfraldamento, após o que a adriça era presa.

⁶⁸ Hino nacional britânico.

⁶⁹ Apresentar arma é prestar continência quando portando arma.

experiência geral com governantes nativos, nem quanto à história deste caso em particular. Então, aqui vai um adendo.

Era simplesmente correto e adequado que, após ter salvo a vida e o reino do Rei, pedíssemos a ele algo tangível em troca.

A expedição estava sendo retardada por falta de carregadores e pioneiros, então eu requisitei a ele que os homens que ele, tivessem as coisas corrido de outra forma, teria de fornecer como contingente ao exército ashanti para lutar contra nós, contando cerca de três mil, fossem agora transferidos para nosso auxílio.

“Certamente. Claro”, foi sua resposta. “Que tipo é o mais necessário”?

“Carregadores”.

“Quanto e quando”?

“Um milhar, dentro de dois dias”.

Bem, sim; ele não tinha condições de fazer isso, mas podíamos confiar que teríamos duzentos em seis dias a partir de hoje.

“Bem, e quanto a soldados?” (sabíamos que ele tinha dois mil já reunidos e armados para o exército ashanti).

Sim, esses ele podia fornecer, isto é, um milhar, amanhã.

“Muito bem”, eu disse. “Vou levar esses e usá-los como carregadores até que os carregadores estejam disponíveis”.

Oh, não, isso jamais poderia ser. Soldados não sabem carregar cargas. “Nesse caso não haverá homens disponíveis”.

“Muito bem”, repliquei. “Nesse caso, amanhã eu arriarei a bandeira britânica e levarei minha força embora”.

Esta ameaça, é claro, imediatamente reverteu o quadro todo, e subitamente ele estimou que podia dar um jeito de arranjar o que havíamos pedido, e só pedia mais um dia ou dois para discutir isso com seus chefes.

Dava vontade de pôr fim a esse infundável palavrório fazendo algo desesperado e impondo a mão forte sobre ele. Mas de novo, veio a vizinha sussurrando no ouvido: “Suave, com jeitinho; a paciência ganha o dia”.

Enquanto fazíamos uma pausa, meus bons espiões, que mantinham os olhos abertos o tempo todo, relataram que dois nativos civilizados tinham acabado de chegar secretamente da costa e ido para o palácio.

Quase simultaneamente, dois ashantis haviam chegado discretamente, vindos da direção de Kumasi.

Isso me deu o pretexto para “ação direta”.

Os hauçás entraram em forma imediatamente, e em passo acelerado formaram um cordão de isolamento ao redor do palácio, de forma que ninguém podia entrar nem sair. Chegara o momento de mostrar que debaixo da luva de veludo havia algum ferro.

Chamei o Rei e apresentei-lhe uma nova face. Eu lhe disse, de cara, para entregar-me os quatro mensageiros como prisioneiros, o que, depois de algumas negativas fúteis, ele fez.

Então, mantendo a pressão na minha vantagem, pois aqueles hauçás rodeando o palácio produziam um esplêndido efeito moral, eu repeti todas as minhas exigências e ordenei, em lugar de sugerir, sua aceitação imediata.

Não houve mais hesitação. Ele cumpriu plenamente nossas ordens. E isso foi o fim de toda lentidão e volubilidade por parte de Bekwai. Ele assumiu o papel e, de todo coração, jogou do nosso lado pelo resto da campanha.

Assim, a porta para Kumasi foi aberta sem precisar derramar sangue: “Com jeito, com jeitinho se pegou o macaquinho”.

CAPÍTULO VIII**HADJ ANO⁷⁰**

O sol havia se posto e a escuridão vinha chegando rapidamente, quando avistamos as bem-vindas luzes da fazenda de Brown.

Era a segunda noite desde a chegada à Tunísia, e os dois últimos dias haviam sido gastos na viagem de Bizerta até lá, passando por incidentes retardadores de lama, rios com enchente, montarias ruins e guias desorientados.

“Nós” éramos meu servidor-intérprete e eu mesmo. Ele era um maltês que eu contratara em Bizerta, com a recomendação de que ele sabia falar árabe e tinha sido bombeiro a bordo de um navio mercante britânico.

Ele se juntou a mim bem quando eu iniciava a marcha com meus dois cavalos. Por fim, descobri que o árabe que ele falava era meramente o dialeto maltês do árabe e que o seu inglês se limitava inteiramente às palavras que ele se habituara a ouvir na sua condição de foguista; ele tinha um vocabulário bastante rico e completo de pragas, e algumas poucas frases como “atice o fogo”, “distribua o fogo”, “vá em frente”, “pare”, e coisas do tipo. É verdade que ele tinha no acervo uma sentença diferente – “Ela anda pela rua” – mas esta ele usava mais como fórmula de saudação que qualquer outra coisa.

“Atice o fogo” veio a significar, entre nós, “Equipar e pôr-se em marcha”; “distribua o fogo” significava que podíamos fazer alto e acampar; e com esse limitado vocabulário, mesclado com sinais de mímica, nós nos entendemos bastante bem, considerando tudo. De qualquer forma, fomos bem-sucedidos em chegar ao lugar certo – molhados e cansados, é verdade, mas satisfeitos com o resultado.

Ao chegarmos à fazenda, encontrei um bilhete de Brown dando-nos as boas-vindas, e explicando que em sua ausência forçada (tivera de ir a Túnis), dois oficiais franceses, que eram também seus hóspedes, teriam

⁷⁰ *Lições da escola da vida.*

grande satisfação em ajudar-me em matéria de atividades esportivas. De fato, os ditos oficiais receberam-me à porta, e fizeram as honras da casa com a maior boa vontade; mas senti falta, nessa cena, da figura familiar de Hadj⁷¹ Ano, que eu conhecera lá em visitas anteriores. Ele era um árabe educado, de casta elevada, que fazia o papel de administrador da fazenda para Brown. Era um árabe argelino, e, portanto, um desportista e um cavalheiro, e era superior em muito aos nativos tunisianos locais, muito mais servis.

Na manhã seguinte, logo após alvorecer estávamos a caminho do campo de caça de narcejas, que ficava ao pé do Djebel⁷² Ishkel. Era uma montanha cujos penhascos arroxeados elevavam-se bem acima da planície, semelhando-se bastante na aparência a Gibraltar.⁷³

Que curiosidades eram para mim meus companheiros franceses! E, sem dúvida, eu devia ser igualmente um objeto de interesse para eles. Seu apronto para caçar narcejas era o quepe e a blusa do uniforme, com um macacão folgado de linho, bornais de grande capacidade e espingardas penduradas às costas, e eles cavalgavam seus cavalos mestiços, de cor amarelada, em selas regimentais.

A planície ampla, de capim amarelo, e as distantes montanhas arredondadas, na úmida e clara atmosfera da manhã trouxe uma forte semelhança entre a parte mais setentrional da África e sua extremidade sul. À medida que eu avançava com meus dois companheiros estrangeiros, parecia que eu estava novamente com meus amigos bôeres, saindo para o *veldt* em cavalos para caça. Mas em lugar das silenciosas baforadas do tabaco bôer, vinha dos meus companheiros uma incessante tagarelice e uma série de perguntas quanto a se, passando por Paris e

⁷¹ Hadj é o título dado a todo muçulmano que faz a peregrinação a Meca.

⁷² Djebel: montanha, em árabe.

⁷³ Só lembrando da história: Gibraltar = Djebel-al-Tarik (monte de Tárik); Tárik era o comandante da força muçulmana que invadiu a Espanha em 711. Desde o começo do século XVIII Gibraltar está em mãos britânicas, guardando a entrada do Mediterrâneo.

Marselha, eu teria visto esta ou aquela cantora ou dançarina, e quais eram as histórias mais recentes sendo contadas.

Isso parecia ser o único interesse, não apenas desta dupla, mas de metade dos oficiais que conheci nessa colônia⁷⁴. Meus amigos eram um capitão e um oficial subalterno⁷⁵, ambos bem mais velhos do que seria o caso para tais postos no nosso Exército, e o capitão era bastante bem dotado de tecido adiposo. Provavelmente ambos tinham vindo das fileiras⁷⁶; e de todo modo, seu treinamento intelectual não era de ordem muito elevada, e sua habilidade como cavaleiros estava no mesmo nível.

Acabamos chegando a um rio que tinha de ser atravessado antes que pudéssemos chegar ao nosso campo de caça; tinha uns cinquenta metros de largura, e vadeável só o suficiente para um homem a cavalo.

O capitão, que ia à frente, avançou primeiro, enquanto Pierre, o subalterno, descia pela barranca.

Quando o cavalo do capitão começou a escalar a margem oposta, colocou suas costas num ângulo tal que permitiu ao cavaleiro deslizar pela sua retaguarda para cair dentro da corrente lamacenta. Havendo assim deposto sua carga, o cavalo fez meia-volta e cruzou novamente o rio para juntar-se a nós. Quando ele passou ao meu alcance, eu o peguei e conduzi de volta para o outro lado.

Enquanto isso, Pierre estava lutando em vão com sua montaria, que firmemente declinava de enfrentar a água e, por fim, eu tive de voltar e buscá-lo.

Por fim, nós nos aproximamos do campo de caça, e quando desmontamos e amarramos nossos cavalos, começamos a andar pelo brejo, em fila.

Nem bem tomáramos lugar quando as aves começaram a saltar à nossa frente, e a promessa de termos esporte elevou nossos espíritos ao apogeu; ainda assim, as aves eram selvagens, e de início meus tiros eram

⁷⁴ Marrocos, Argélia e Tunísia eram, nesse tempo, colônias da França.

⁷⁵ Segundo ou Primeiro-Tenente.

⁷⁶ Vindos dos quadros de praças, sem ter cursado academia militar.

poucos e espaçados. Tal não era o que ocorria com os franceses, que atiravam assim que viam cada pássaro, não considerando a distância.

Mas de repente nosso esporte foi interrompido: um diabólico ruído de relinchos, gritos e bufos subia do grupo de arbustos onde havíamos deixado nossos cavalos. O capitão, que era quem estava mais próximo do local, subiu para o barranco vizinho e, dando um forte grito, correu na direção do ruído, rapidamente seguido por Pierre e por mim. Então, constatamos que o cavalo de Pierre tinha tirado sua cabeçada e o do capitão tinha quebrado o galhinho a que fora amarrado, e os dois estavam agora tendo uma boa briga – cascos e dentes – com toda a ferocidade.

Foi uma grande luta, e o que era mais divertido era ver os dois donos saltitando ao redor, a uma distância segura, lançando pedras e insultos com igual futilidade contra as suas pugilísticas montarias.

Por fim, usando grandes ramagens, conseguimos separar e conter os combatentes; e, apesar de eles estarem cobertos de arranhões, mordidas e contusões – felizmente, nada de muito sério –, prendemo-los novamente de maneira adequada e fora da vista um do outro, e fomos retomar nossa caçada. Mas esse jogo era sem esperança, pois à medida que avançávamos, tínhamos que a toda hora esperar por um ou outro dos franceses. O mais gordo movia-se devagar, e o outro morria de medo de ficar atolado; ambos falavam sem parar e em altas vozes, e abriam fogo sempre que encontrassem uma desculpa para isso; em consequência, as narcejas, das quais parecia haver grande número, continuavam a saltar a uns setenta metros à nossa frente de modo simplesmente nojento. Entretanto, notei, com grande satisfação, que elas não iam longe, a maioria delas descia novamente na extremidade do longo e estreito brejo no qual estávamos andando.

Afinal, Pierre, por seu excesso de cautela, acabou atolado; ao perceber que o chão no qual estava de pé tremia e cedia, ele ficou imóvel, temendo mover-se em qualquer direção, em lugar de dar um passo para fora; e quando ele se sentiu afundando, sua primeira ação foi enfiar o cano de sua arma para dentro do barro, e a segunda, lançar uma sucessão de agudos gritos, que bem depressa nos trouxeram em seu

socorro. Em pouco tempo nós o guindamos e à sua arma para fora do brejo – que, afinal de contas, não era de forma alguma um atoleiro perigoso – e o depositamos na margem para recobrar-se. Passado um tempo, ele disse estar apto para prosseguir conosco, mas escolheu seguir paralelamente a nós, permanecendo na terra firma.

Ansiosamente, eu implorei por silêncio agora, já que estávamos chegando ao fim do trecho, e por uma distância curta tudo correu bem, exceto pelo ruidoso patinhar do capitão, que bem depressa estava ficando exausto, a despeito de nosso ritmo lento através dos juncos.

Então, um grande e pesado gavião bateu asas e decolou; um grito de alerta de Pierre e bang!, bang!, bang!, bang! – quatro canos carregados com chumbo granulado disparados a uma distância de cinquenta metros tiveram o efeito de fazer o gavião sorrir enquanto dava uma piscada de olho. Isso não me fez sorrir, especialmente quando um deles, notando que eu não tomara parte nessa salva de artilharia, disse em tom de admoestação: “Certamente lhe é divertido o tiro contra as aves grandes”. Mas nesse ínterim eu estava de olho era na ave menor, a Sra Narceja, e eu podia vê-las escafedendo-se às duas e três, ganhando altura ao fugir na distância.

Por fim, passo a passo fomos chegando ao final do trecho – logo seria apenas um problema de saber ficar quieto para deixar as aves se levantarem uma por uma; e fomos, cada vez mais devagar.

Súbito, Pierre, no topo do barranco, começou a chamar afobadamente para que viéssemos para uma verdadeira oportunidade de fazer presas; e começou a correr pelo barranco, rumo ao fim do brejo; um momento depois, estava o capitão patinhando atrás dele, bem pelo meio da cobertura vegetal. As narcejas decolavam ao seu redor como uma nuvem de moscas: o ar estava cheio com a imagem de seu alarme. Por um momento ou dois, não consegui encontrar palavras adequadas para a ocasião, e então, falando figurativamente, eu me segurei pela garganta e me mantive abaixado, calado, até estar um pouco mais calmo.

E o que esses dois idiotas estavam procurando? Olhei por cima do barranco para vê-los tocaiando com elaborada precisão e precaução rumo

a um arbusto no qual estava empoleirado um bando de estorninhos! Deixei-os com sua diversão e caminhei de volta através do brejo, e obtive sucesso ao dar alguns tiros em aves pelas quais passáramos direto, e achei-me com uns três pares delas no bernal ao tempo em que alcancei os cavalos. Aqui, meus amigos reuniram-se a mim, tendo logrado êxito em obter uma fleira de estorninhos, uma parelha de narcejas e outra de pintassilgos.

Então, montamos e atravessamos o rio de volta, desta vez sem incidentes. Então, quando propus tentarmos outro brejinho, eu sabia que os franceses não queriam nem ouvir falar nisso: primeiro, eles já estavam um bocado cansados com o exercício feito até aquela hora e, segundo, argumentaram que o desjejum já estaria à nossa espera na fazenda. Então, decidi que eu mesmo iria tentar a sorte no brejo sozinho, na verdade bastante aliviado com a decisão deles.

Não decorreu muito tempo desde que me separei deles quando notei um pequeno árabe, evidentemente tentando me alcançar. Esperei por ele, na expectativa de que tivesse alguma dica de boa caça por perto, mas ele não disse nem uma palavra até chegar perto o suficiente para tocar meu estribo. Então, em voz baixa, ele me perguntou em árabe se eu era inglês; tendo-o eu satisfeito nesse quesito, ele simplesmente disse, numa voz mais baixa ainda: “Hadj Ano”, e apontou para um capão de árvores ao longe. Adivinhei que meu amigo devia estar lá e havia enviado esse misterioso pequeno mensageiro para me avisar.

Então, acompanhado pelo garoto, cavalguei naquela direção, e quando nos aproximamos do local, uma figura saiu ao nosso encontro, na qual logo reconheci o próprio Hadj Ano. Ele era um homem belo, alto e bem-proporcionado ao redor dos quarenta anos, com as típicas características dos árabes de casta elevada. Exceto por um turbante, ele estava vestindo roupas de caçador ao estilo europeu, e levava nas mãos uma espingarda pertencente a Brown. Ele me cumprimentou cordialmente (ele falava francês como um nativo da França), e me guiou até o bosque. Ali, encontrei um encantador pequeno acampamento com

duas tendas árabes, uma das quais estava ocupada pelo próprio Hadj, e a outra por uns três ou quatro árabes que o acompanhavam.

Em poucos minutos, alguns desses homens pegaram meu cavalo e o estavam escovando e alimentando, enquanto outro preparava comida para mim.

Após algumas perguntas mútuas, perguntei ao Hadj por que ele estava acampando naquele local em lugar de alojar-se na fazenda, como lhe era usual, ao que ele riu e disse que não se dava muito bem com oficiais franceses, e que enquanto eles estivessem na fazenda ele preferia acampar fora; e, sabendo do desamor que os argelinos tinham pelos seus senhores franceses, não pensei mais no caso. Ele disse que tinha ouvido falar da minha chegada, e mandara o garoto para levar-me até ele se eu estivesse sozinho.

Tivemos um excelente desjejum de comidas árabes, entre as quais o cuscuz (espécie de polenta feita com semolina e pedaços de frango temperado) era a peça principal, e depois de um breve repouso saímos para um pedaço de terreno que Hadj Ano recomendava – aberto, solo pedregoso com tufo de capim e amontoados de espinheiros, atravessado pelos meandros de um córrego que aqui e ali se abria em um verde brejo cheio de tufo de vegetação.

Era terreno que podia conter, e, como logo descobrimos depois, continha, grande variedade de caça. Pouco depois de começarmos a ronda, com dois garotos árabes como carregadores da caça, descobrimos um belo punhadinho de perdizes a certa distância além do alcance de tiro, e quase imediatamente o Hadj abateu uma lebre. Então, de uma moita entre nós levantou voo uma galinhola que, cruzando à minha frente, ofereceu-me um tiro fácil que a trouxe ao chão. Pouco mais adiante, outra lebre foi abatida por meu companheiro.

Então chegamos a um pequeno buraco, evidentemente bem irrigado, cheio de espinheiros, capim amarelo, e umas poucas moitas verdes semelhantes a azevinho. Hadj Ano e eu posicionamo-nos do lado de fora dessa cobertura e enviamos os garotos para agirem como se fossem *spaniels*. Então, com um movimento rápido e silencioso, uma bela

galinhola marrom esvoaçou na minha frente, e com a mesma rapidez mudou de curso para escapar à chuva de chumbo com que a saudei. Mas não menos de três outras aves saíram do mesmo espinheiro, duas para mim e outra para o Haj, todas devidamente contabilizadas. Prosseguimos, e um tentador pedaço de pântano cheio de juncos atraiu nossa atenção, e aqui tivemos algum excelente tiro à narceja. Elas estavam alertas como de manhã, mas não voaram longe na primeira revoada, e meus companheiros atuais, astutos e silentes, eram bem diferentes dos barulhentos franceses. Como consequência, não demorou para enchermos um boral. Não tínhamos cachorro, mas nosso deslocamento calmo e cauteloso serviu para levantar os pássaros do jeito certo, e os garotos árabes eram tão precisos quanto agulhas em identificar e buscar a caça abatida.

Depois chegamos a um longo e estreito cinturão de espinheiros, perfilando-se por ambas as margens do riacho. Hadj Ano foi por um lado e eu pelo outro, com os garotos trabalhando a acompanhar-nos no mato, batendo à medida que iam avançando. Quatro tiros a intervalos, partidos da arma de Hadj Ano, começaram a deixar-me impaciente com o silêncio da minha, mas afinal um maçarico levantou-se do meio dos espinheiros e veio em minha direção, e tornou-se um alvo fácil quando virou para voar ao longo da lateral da cobertura vegetal; quase no mesmo lugar em que ele caiu, outro se levantou e tornou-se um tiro longo para meu cano esquerdo. Provavelmente se eu o errasse estaria em meu direito, mas, nessa situação, ele também mordeu o pó.

E seguimos adiante, obtendo aqui e ali um tiro num galo silvestre, até que por fim o sol começou a descer para o crepúsculo, e nós tínhamos andado para bem longe do acampamento. Então fizemos meia-volta e, enquanto a luminosidade o permitiu, viemos atirando no nosso caminho de volta rumo às tendas. De um poço com juncos pegamos um pato selvagem e seu par, e um pouco adiante uma galinhola, provavelmente ferida, levantou-se do terreno limpo com a nossa aproximação, e caiu, após um voo vacilante, ao fogo do meu segundo cano. Pouco depois, o sol

se pôs, um assobio de tarambola dourada soou bem perto, e quando elas passaram por sobre nossas cabeças, derrubamos um casal e mais uma.

Esse foi nosso último e talvez mais satisfatório tiro do que foi, no fim das contas, um dia muito satisfatório.

A escuridão chegou antes que alcançássemos as árvores onde ficava nosso acampamento. Como distava uns oito quilômetros da fazenda, e meu cavalo estava sentindo uma de suas patas depois da marcha desde Bizerta, eu acedi à sugestão de Hadj Ano e decidi passar a noite no acampamento.

Um bilhete dando esse aviso foi levado por um dos homens para acalmar a ansiedade de meus amigos franceses lá na fazenda, e eu me sentei com a consciência tranquila e um considerável apetite para o repasto preparado pelo cozinheiro do Hadj. Hadj Ano, enquanto isso, havia trocado suas roupas de caça pela sua vestimenta árabe nativa, que ele sempre usava em casa.

Então, veio uma dessas encantadoras experiências que se apresentam muito raramente – deitar-se à vontade na fria e clara noite junto a uma quente e animadora fogueira. A tranquilidade dela chama cada junta da carcaça do esportista cansado, enquanto sua mente é divertida pelos contos curiosos e plangentes canções com que os árabes passam uma hora ou duas.

Então, aquecido e sonolento, enrolo-me no meu cobertor para adormecer toda a fadiga e reunir nova energia do puro e fresco ar deste dormitório sob as estrelas.

Frequentemente durante a noite, como é meu costume, eu despertava para dar uma espiada ao redor, e todas as vezes em que o fazia eu via uma figura vigilante sentada por perto, ou de pé, olhando pela planície além das árvores. Só bem mais tarde é que fui descobrir o motivo dessa vigilância.

De manhã cedo, vim caçando em meu caminho de volta para a fazenda, sozinho, pois Hadj Ano, rindo, recusou-se a acompanhar-me para ver os franceses. Separamo-nos com um animado aceno de mãos, esperando em breve encontrar-nos novamente.

Mas nunca mais voltamos a nos encontrar.

Poucos meses depois, aconteceu de eu ler *La Depeche Tunisienne*, e cheguei a uma coluna descrevendo como a polícia fizera uma incursão à fazenda de Brown com o objetivo de capturar “o conhecido criminoso Hadj Ano”. Meu amigo, ao que parecia, tinha sido um chefe de alta posição na Argélia, onde, de acordo com um costume tribal, ele tinha feito sua parte numa velha vindita familiar com uma tribo vizinha, e, após um bem combatido duelo, matara seu oponente. Mas ele havia esquecido que a Argélia era agora um território civilizado – uma parte da França, na verdade – e o resultado foi que “O meirinho veio, e o juiz também, com alarido, grito e tumulto”, e o pobre Hadj Ano foi enviado para o além-mar para expiar seu crime a bordo de um navio-presídio na Nova Caledônia.

De alguma forma ele conseguiu escapar e retornar para junto de seu povo; mas achando a Argélia um lugar muito perigoso para viver, ele atravessou as montanhas para a Tunísia, com alguns poucos seguidores confiáveis. Aqui ele conheceu Brown, e seu caráter desportista e cavalheiresco, combinado à sua inteligência e educação, fizeram-no de imediato um capataz útil e uma agradável companhia na fazenda. Sua gente fiel vigiou e cuidou dele, e os árabes do país por quilômetros ao redor conheciam sua história e lhe davam aviso quando agentes franceses de qualquer tipo se dirigiam para a fazenda de Brown.

Por fim, o destino foi contra ele. De alguma forma, por suborno ou outros meios de que eu nunca soube, a polícia conseguiu ocultar seus movimentos e, tendo cercado a fazenda durante a noite, capturou o pobre Hadj Ano ao alvorecer e levou-o de volta para a prisão.

Qual foi o seu destino depois disso, eu nunca soube.

CAPÍTULO IX

UMA EMBOSCADA⁷⁷

Não era lá um rio tão formidável de se ver. Mal e mal se poderia chamá-lo rio, pois tinha só uns trinta a quarenta metros de largura, mas era profundo e rápido, e sujeito a enchentes repentinas após chuvas. De todo modo, tinha de ser lançada uma ponte sobre ele, para torná-lo facilmente transponível pela força em qualquer tempo.

Naturalmente, os Sapadores (Corpo de Engenheiros) viriam, desenhariam planos e fariam estimativas de material, ferramentas, equipes de trabalho, etc., e instalariam um bloqueio duplo, ou tripla expansão, ou alguma ponte de alta classe desse tipo.

Mas, nesse entretanto, tudo isso necessitaria de proteção. Estávamos a menos de vinte quilômetros de Kumasi⁷⁸, onde sabíamos que nosso inimigo estava reunindo suas forças. Então, meu pequeno comando, um contingente recrutado nativo de uns oitocentos homens, tinha de ocupar a margem de lá do rio e limpar um bom espaço de floresta e mato à frente, para que não restasse nenhuma espécie de cobertura para quaisquer atacantes; e propusemo-nos também a construir uma boa fortificação na margem de lá para servir de cabeça-de-ponte⁷⁹, a fim de defender aquele ponto de travessia contra todo tipo de assalto dos nossos oponentes.

Para tudo isso acontecer, era preciso haver uma ponte provisória para nosso próprio uso. Mas isso não era tarefa grande demais para nós. Tínhamos uma companhia⁸⁰ de especialistas trabalhando nisso, e eles

⁷⁷ *The downfall of Prempeh.*

⁷⁸ Capital dos ashantis.

⁷⁹ Cabeça-de-ponte: posição conquistada em terreno inimigo, geralmente após transpor um obstáculo natural, e a partir da qual se pode desencadear ataques que consolidem e ampliem os ganhos. Quando o obstáculo é um trecho de mar, costuma ser chamada cabeça-de-praia, como foi o caso na Normandia, em 1944.

⁸⁰ Companhia: fração de comando militar, geralmente com um efetivo da ordem de 120 a 180 homens, comandada usualmente por um Capitão.

eram os mampons – grandes camaradas de constituição maciça, pescadores da costa. Eles eram o único grupo, dentre nossas oito companhias, que sabiam como usar cordas e fazer nós.

Ainda por cima, viemos a descobrir, pela experiência com os nativos da Costa Oeste, que quanto maiores os homens, menores os seus corações. Os enrugados homenzinhos da floresta, da tribo dos adansis, eram cheios de coragem e disposição, mas os corpulentos “rapazes espigados” eram tão avessos ao combate quanto caramujos. Por isso eles não foram armados, mas constituíram a “Companhia de Pontagem”, e sob a proteção dos outros faziam seu trabalho de apurada técnica, bem e habilidosamente.

Eles construíram bem perto de duzentas pontes e passagens de aterro ao longo da expedição, e assim ganharam uma experiência que os tornou rápidos e eficientes em seu trabalho.

Mas neste último curso d’água descobrimos ser mais simples nem mesmo chamá-los, mas sim pôr em ação os lenhadores da “Companhia de Derrubada”. Tendo selecionado uma paineira de aparência adequada que crescia próximo à barranca, com seu grande e grosso tronco subindo reto, com raros ramos, até uma altura de uns sessenta metros, derrubamo-la, de modo que ela caiu direitinho atravessando o rio, e com seu próprio peso assentou-se seguramente em posição.

A turma das enxós pôs-se ao trabalho e, em pouco tempo, já havia desbastado a face superior do tronco para tornar-se uma passarela plana e nivelada, enquanto os pontoneiros instalavam um corrimão para proporcionar segurança adicional. E o serviço estava feito.

Pode-se acrescentar, falando baixinho, que os eventos na verdade se aceleraram nas poucas horas seguintes, e antes que a ponte “regulamentar” ficasse pronta, a coluna principal precisou ser acelerada para avançar passando pela nossa construção improvisada.

Mais tarde, quando foi preciso empreender a marcha de volta, veio um vendaval, e uma cabeça d’água⁸¹ que carregou a ponte oficial mas

⁸¹ Enchente-relâmpago, ocasionada por chuvas fortes na cabeceira de um rio.

não causou moossa no velho e sólido tronco de árvore, e ele foi novamente convocado para servir a toda a expedição em sua jornada para casa.

Mas isto é um conhecimento acessório e é outra história.

Quero é contar-lhes como chegamos a Kumasi e o que fizemos com o Rei.

Por um século ou mais, os ashantis foram um espinho no flanco⁸² do Protetorado da Costa do Ouro⁸³. Eram uma tribo poderosa e consideravelmente sanguinária, vivendo cerca de cento e sessenta quilômetros para o interior, em território coberto por densa floresta. Eles não apenas extorquiam os comerciantes de borracha e marfim que vinham do interior para a costa, mas também incursionavam contra as indefesas tribos costeiras sempre que se achassem necessitados de escravos.

E este era mais ou menos geralmente o caso, pois precisavam de escravos em quantidade suficiente para protagonizarem espetáculos de sacrifício humano.

Mais de uma expedição, mais destacadamente aquela de Lord Wolseley⁸⁴, já tinha ido a Kumasi e feito tratados e extraído promessas do Rei dos Ashantis que os sacrifícios humanos deveriam cessar, e a estrada deveria ser mantida aberta para o comércio pacífico com a costa.

⁸² A expressão correspondente em português seria “um calo no pé”.

⁸³ Atual Gana.

⁸⁴ Sir Garnet Wolseley (1833-1913) comandou uma expedição a Ashanti em 1873-74, também com o intuito de submeter esses povos à autoridade britânica. Um dos mais destacados militares britânicos do século XIX, combateu na Guerra da Crimeia (1854-55), na China (segunda Guerra do Ópio, 1857) e no Motim dos Sipaios (1857-58). Em 1884-85, comandou as forças anglo-egípcias que combateram os rebeldes sudaneses, provendo os meios para que se fizesse a subida do Nilo e a travessia do deserto. Foi Comandante do Exército Britânico de 1895 a 1900 (foi ele quem convocou B-P para ir à África do Sul em 1899, no episódio relatado em *Lições da escola da vida*). Wolseley foi um dos mais ativos promotores da modernização do Exército Britânico após a Guerra da Crimeia.

Mas o atual Rei, Prempeh⁸⁵, tal como seus predecessores, ignorou todos esses acordos, e as coisas estavam tão mal como sempre tinham estado.

Então, esta expedição, ao comando de Sir Francis Scott, foi enviada para remediar esse estado de coisas.

O corpo principal dessa força consistia de tropas brancas e um grande contingente de transportadores nativos para o suprimento de víveres e munições.

Meu pequeno grupamento era um contingente nativo, recrutado entre as tribos amigáveis, que servia como uma vanguarda de esclarecedores e pioneiros, uns poucos dias adiante do corpo principal.

E agora estávamos a um dia de marcha da capital, a uns duzentos e quarenta quilômetros da costa.

Desnecessário dizer que estes poucos quilômetros finais de nossa longa marcha através da densa floresta, em nosso avanço para o grande desenlace, foram cheias de intensa excitação para nós.

O inimigo nos daria combate ou não? Não sabíamos. O que sabíamos de nossos espiões e de escravos fugidos era que o Rei havia convocado à capital seus dez chefes com os respectivos contingentes para passar pela cerimônia de fetiche que era costumeira antes da guerra, e que usualmente levava umas duas semanas para se completar.

Nosso objetivo era suplantá-los antes que pudessem completar essas práticas. Nossas ordens eram para que a força moral, mais do que metralhadoras Maxim, deveria ser usada tanto quanto possível; isto é, a rapidez na ação e a demonstração de força teriam boas chances de êxito.

Assim, minha força avançada foi dividida em três colunas, operando por caminhos distintos de modo a aparecerem simultaneamente, numa data e hora pré-fixadas, por três direções convergindo sobre a capital.

⁸⁵ Prempeh I (1870-1931), que assumiu o trono em 1888; deposto, preso e exilado nas ilhas Seychelles; por volta de 1908, foi libertado e voltou a Kumasi, e quando o Escotismo chegou a suas terras, chegou a ser o Escoteiro-Chefe da Costa do Ouro.

Cautelosamente avançamos, com os esclarecedores infiltrando-se e abrindo seu caminho pela vegetação baixa à frente e de cada lado de nós. Emboscadas eram positivamente uma doença típica do nosso adversário.

Agora estávamos num caminho regular conduzindo à cidade. Então, encontramos uma longa fila de pequenas bonecas de madeira plantadas no solo, com a face voltada para a costa. Isso era um fetiche dando uma dica sutil para que fizéssemos meia-volta e voltássemos pelo mesmo caminho em que viéramos, do contrário seus deuses seriam muito pouco gentis para conosco – se não fossem absolutamente brutais.

Fôssemos nós o tipo de inimigo com que eles estavam habituados, e se eles não estivessem na defensiva no tocante a sacrifícios humanos, eles não teriam plantado bonecos de madeira ali, mas sim haveria escravos plantados vivos na terra, enterrados até o pescoço e deixados ali para que as formigas fizessem o restante do trabalho.

A aparência das vítimas executadas desta maneira geralmente era suficiente para dissuadir qualquer inimigo de prosseguir pela trilha.

Estava chegando a hora prevista para que nosso destacamento chegasse diante de Kumasi em cooperação com as duas outras alas de nossa coluna, vindo de cada flanco.

Então, passamos por um grupo de cabanas, vazias no momento, mas com evidências de ocupação recente: os ocupantes fugiram à nossa aproximação. Então, mais cabanas e clareiras entre as árvores, com uma alta e densa floresta de capim-elefante por toda a volta.

Súbito, veio um som estranho, o rufar e estrondear de tambores à frente; alguns longe, outros bem perto. Soava como se fôssemos ter negócios!

Num momento, todos pareciam estar sorrindo; olhos brilhavam; homens aceleravam o passo; a expectativa e a excitação estavam no ar. Os tambores inimigos estavam dando o alarma. Era exatamente como um enxame de abelhas ao perturbar a colmeia. Evidentemente, nossa aproximação, ou a de nossas colunas de flanqueamento, havia sido detectada.

Então, alguns de nossos esclarecedores avançados vieram correndo de volta para nos dizer que havíamos chegado ao local.

Súbito, todos paramos para ouvir: houve uma significativa parada no som de tambores, e uma mudança de ritmo, ou de cadência. Era a “conversa dos tambores”, o telégrafo sem fio da selva.

Nossos homens eram todos ouvidos. Um momento depois, meu ordenança hauçá, Musa⁸⁶, resmungou: “Ah! O cabra safado ashanti diz pelo tambor para os caras brancos que ele não quer lutar, que quer sentar e tratar no palavrório; eu digo que ele é um cabra safado”; e cuspiu limpinho por entre os dentes para demonstrar o que sentia por eles.

Emergimos para fora das profundezas escuras e encharcadas da floresta, pela primeira vez em semanas, para o sol em campo aberto. Diante de nós apresentava-se uma clareira quase como um pátio de formaturas, largo de uns quatrocentos metros, e para além dele, numa rampa suave numa depressão, uma massa de tetos de palha, estendendo-se até a selva mais adiante.

Kumasi! Apenas uma vasta aldeia, nada de impressionante para ver; nada de muros ou rampas, nada de espirais ou minaretes; e no entanto, um lugar com uma longa e lúgubre história por si mesmo; a chave para uma enorme região interiorana.

De olho na produção do efeito desejado, pusemos nossa força em forma ao longo de um dos lados do campo de parada, enquanto do outro lado os ashantis começavam a aparecer da cidade para nos ver. Havíamos nos arrumado dando alguma ideia de ordem, e seguindo um grupo de esclarecedores avançados veio nosso oficial político e o Estado-Maior (de dois oficiais brancos), com a *Union Jack* numa lança de caçar javalis. Eles eram seguidos por algumas companhias do contingente nativo usando seu uniforme de pele marrom (provido pela natureza) e chapéus vermelhos (providos pelo Governo); depois, uma companhia de hauçás da Costa do Ouro, precedidos de uma pequena banda de tambores e flautas.

Essa força entrou em forma em linha, de frente para a cidade.

⁸⁶ Correspondente a Moisés.

Mas não estávamos deixando as coisas por conta do acaso. O “papo de tambor” de paz e boa vontade poderia ser um fingimento para desarmar as suspeitas enquanto eles enviassem ataques de surpresa contra nossos flancos ou retaguarda. Então, enquanto entrávamos em forma no campo de parada, destacamos piquetes para servirem de postos avançados, a fim de vigiar e guardar nossos flancos.

Enquanto ainda estávamos ocupados entrando em forma, apareceram dos dois lados da cidade, simultaneamente, destacamentos de ligação vindos de nossas duas colunas flanqueadoras, que nesse interim haviam chegado, bem na horinha, nos lugares previstos.

Kumasi estava cercada.

Agora o ruído de tambores vindo da cidade ressoava mais alto, e o bramido de vozes enchia o ar. Logo podiam-se ver guarda-sóis coloridos dançando e aparecendo acima das cabeças da crescente multidão de nativos, enquanto se despejavam no campo de parada. Porta-banquetas corriam à frente de seus amos, seguidos de rodopiantes dançarinos com suas saias amarelas esvoaçando ao seu redor. Tambores grandes como barris de cerveja, ornamentados com crânios humanos e transportados na cabeça dos escravos, lançavam suas notas, enquanto bandas de trombetas de presas de elefante somavam-se à barulhada. O Rei e seus chefes vinham trazidos em cadeiras elevadas, e posicionaram-se numa densa linha acompanhando a margem do campo de parada para ver as tropas chegarem. Os guarda-sóis formaram uma fileira de cabanas, sob as quais os chefes se assentaram em suas cadeiras com pregos de bronze, tendo seus cortesãos à sua volta.

Frequentemente eles se posicionaram dessa forma naquele local, mas nunca essa tomada de posição havia sido sem a visão de sangue. O objetivo deste espaço aberto não era exatamente para formatura de tropas, mas sim o uso como teatro de sacrifícios humanos.

Seguiu-se uma longa espera, durante a qual ocorreram dois incidentes menores, que, pequenos que fossem, tiveram sua importância. O primeiro foi quando um pequeno grupo de integrantes de nossa força, consistindo de três soldados brancos e quatro nativos, correu

apressadamente através do campo, carregando uma bobina de fio e instalando o telégrafo de campanha. Deste modo, em poucos minutos da chegada da força avançada diante de Kumasi o fato se tornara sabido por todo o caminho de volta até a costa e de lá à Inglaterra.

Não pudemos evitar uma aclamação de admiração por esses intrépidos camaradas da Engenharia⁸⁷ por seu trabalho audaz e determinado. Mas, incidentalmente, sua chegada teve um efeito particular sobre os ashantis, pois, como Musa explicou, “esses cabras safados não gostam do cordão fetiche do homem branco: dizem que ele traz demônios”.

Logo após isto, o oficial branco que estava comigo, perambulando pela área, dirigiu-se a um capão de grandes paineiras logo atrás de nós. Quando ele fez isso, notei uma súbita agitação entre os ashantis. Alguns deles puseram-se de pé num salto e, conversando ansiosamente entre si, assistiram seus movimentos de orelhas em pé.

Suspeitando de uma emboscada, prontamente chamei-o de volta e enviei alguns esclarecedores para ir lá e investigar. Em poucos minutos estavam de volta, com sorrisos largos, para relatar que o bosque inteiro estava cheio de homens mortos. E estava. Uma visão muito desagradável, mas ao mesmo tempo útil para o nosso propósito: ela expôs, sem necessidade de qualquer outra prova, que a prática do sacrifício humano, apesar de negada pelo Rei, ainda prevalecia, e, portanto, nossa expedição não fora empreendida sem boas razões.

(Incidentalmente, um dia depois, alguns dos meus assecas obtiveram autorização de saída para “visitar a cidade”, e retornaram à noite, para grande inveja dos que haviam permanecido no acampamento, com colares de dentes humanos rodeando seus pescoços. Dentes

⁸⁷ Nessa época, os Sinaleiros eram um ramo da Arma de Engenharia. A título de curiosidade, no Exército Brasileiro, a Arma de Comunicações só se tornou independente em 1956 (portanto, Cândido Rondon, Patrono dessa Arma, que construiu milhares de quilômetros de linhas telegráficas no interior do Brasil, era de Engenharia).

humanos, para as damas dos seus territórios, eram como diamantes para suas irmãs da sociedade em Belgravia⁸⁸).

Então, vimos a aproximação de nosso Comandante⁸⁹ com seu Estado-Maior, seguidos pelo corpo principal de nossas tropas brancas em dispositivo militar.

O Rei, sob instruções, veio à frente saudar o general [sic], mas quando começou a perguntar por que as tropas tinham vindo, foi-lhe ordenado, em outras palavras, para “poupar saliva” até a chegada de Sua Excelência o Governador, na manhã seguinte; então lhe seria dado saber por que estávamos lá.

Enquanto isso, as tropas foram alojadas em diferentes pontos ao redor do perímetro da cidade.

Um breve reconhecimento do palácio do Rei mostrou ser ele uma coleção de edificações com pé direito alto e telhados de várias camadas de palha, tendo no interior um compartimento com muros altos. Algumas “portas dos fundos” no muro davam para um matagal com capim-elefante e vegetação baixa, e para além dele ficava a floresta.

Com liberdade de ação para tomar as medidas que considerasse desejáveis, logo pus meu pequeno exército a trabalhar no corte dessa vegetação baixa, de modo a isolar o palácio e criar uma clareira ao seu redor, que poderia ser facilmente vigiada de dia ou à noite – e instalei sentinelas para tomar conta dessa clareira.

Uma trilha em particular, que saía de uma portinhola na parede do palácio, era difícil de limpar, estando escondida em um túnel de densos espinheiros. Então foi lá que, após o cair da noite, instalei uma emboscada.

O Rei havia convocado um conselho no palácio, e esteve nele até altas horas da noite. Então, nossa vigilância foi recompensada, quando um brilho de luz veio da porta do palácio, e uma procissão com tochas avançou. Poderia isso ser Prempeh evadindo-se?

⁸⁸ Bairro de classe alta em Londres.

⁸⁹ Coronel Sir Francis Scott.

Agora eram três da madrugada, e havia uma espessa névoa úmida. A cadeia de figuras em robes brancos, parecendo ainda mais pitoresca à luz dos archotes, foi chegando silenciosamente mais perto, e então descobrimos, pelas grandes máscaras de mão conduzidas pelos serventes, que a principal figura de nobreza no grupo era a Rainha-Mãe.

Silenciosamente eles passaram a pouco menos de vinte metros de nós, e muito silenciosamente nós os seguimos, até verificar sua entrada junto à residência da Rainha. Pusemos sentinelas em volta da residência.

Então, de volta à nossa emboscada.

Minutos depois, um conselheiro a caminho de casa, servido por um garoto escravo carregando sua banquetta, caminhou para o meio de nós. Ele estava pasmo demais para falar, antes que lhe fosse avisado que o silêncio lhe salvaria a vida.

Não demorou muito até que vissemos uma sombra esgueirando-se através do bosque. Um homem acompanhou-a de perto, sua silhueta desenhada contra o céu estrelado.

Assim que ele passou por mim, emiti nosso chamado, o som de uma rã, “quit-quit-quit”, mas sob a forma longo-curto-longo, como faz a codorniz. Isso avisou a equipe de emboscada que ficou junto à trilha alguns metros mais adiante, e quando ele chegou àquele ponto, foi silenciosamente agarrado, amordaçado, amarrado e removido para guarda em lugar seguro.

Outro e outro desses homens foram saindo a intervalos, apenas para receberem o mesmo tratamento. Eram batedores do palácio que iam ver se o caminho estava livre.

Após uma pausa, um movimento nas sombras mostrou dois homens vindo bem devagar e sem serem facilmente detectáveis, um atrás do outro. Eles chegaram cada vez mais perto, até que o líder estava perto – bem perto – à minha frente. Aqui ele se verificou, parado e tenso, olhando adiante, tentando perfurar a escuridão que escondia nossa equipe emboscada.

Por horas, assim pareceu, ele permaneceu assim, todos nós num estado de animação suspensa, mal ousando respirar, como se fazendo um quadro vivo.

A tensão quase doía. No que ia dar aquilo? De quem seria o próximo movimento?

O fim dessa situação veio repentinamente, e essa contenção forçada aliviou-se na surpreendente energia que marcou a luta corpo a corpo que se seguiu. Meu “amigo” virou-se para cochichar algo ao seu acompanhante: evidentemente, ele tinha visto algo suspeito. Era hora de agir. Eu só precisava ficar de pé onde me encontrava e alcançá-lo para envolver-lhe o pescoço com um braço, e meter-lhe o joelho na parte baixa das costas para derrubá-lo.

Então tivemos uma rara disputa. Ele tentou pôr sua clavina em ação contra mim, e eu por sorte consegui agarrar o cão⁹⁰, que, providencialmente, como o cabo de uma jarra velha, saiu na minha mão.

Rolamos, então, agarrados, para a valeta. Para minha sorte, o acompanhante do meu adversário teve suficiente senso de “jogo justo” para dar no pé e deixar o assunto ser resolvido entre nós; e creio que meu oponente teria levado a melhor se o meu fiel Musa não tivesse chegado no momento exato em que o ashanti, tendo sacado uma faca da parte de trás do cinto, procurava pelo meu fígado para recebê-la.

No entanto, tudo acabou bem. Logo o homem estava amarrado e amordaçado. Nesse meio tempo, seu assistente tinha também sido derrubado e capturado por alguns dos meus adansis. Depois disso, nenhum outro batedor veio em nossa direção até o nascer do dia.

Foi determinado que na manhã seguinte se fizesse uma grande formatura. A tropa entrou em forma ocupando três lados de um quadrado, e toda Kumasi compareceu ao local e ficou em volta para assistir à cena.

⁹⁰ Peça de arma de fogo que funciona como um martelo, percutindo a cápsula para detonar um cartucho. No caso de armas de pederneira, o cão, ao bater na caçoleta, produzia a faísca que, passando pelo “ouvido” da arma, incendiava a pólvora para o disparo.

O quarto lado do quadrado era um espaço reservado para o Rei e seus conselheiros, mas quando a tropa já estava formada, eles não estavam lá. Correu o rumor de que o Rei e a Rainha Mãe tinham sido bem-sucedidos em evadir-se durante a noite.

Mas nós éramos mais sabidos. Enviamos mensageiros a eles, mas eles demonstraram alguma hesitação para vir. Foi então que Donald Stewart, o Comissário Civil, providenciou uma chamada matinal para a dama. Suas maneiras desagradavelmente diretas surpreenderam, mas ao mesmo tempo impressionaram-na e às suas aias. Ele não se contentou em esperar no tapete do salão de entrada; caminhou diretamente para o quarto de Sua Majestade. Lá, ele acendeu um cigarro, e disse a ele que se ela não estivesse vestida e pronta para começar a cerimônia ao tempo que o cigarro tivesse acabado, ela seria levada à força, do jeito que estava, para o local de formatura.

Eu nunca soube de uma dama que tenha completado sua *toilette* tão rapidamente como o fez aquela Rainha.

O Rei também recebeu uma mensagem igualmente peremptória; mas como ele demonstrou uma certa má disposição para atender, uma companhia dos West Yorks apareceu no local para servir-lhe de escolta – e ele veio.

Havia algo de patético na formatura subsequente. Das descrições que Bowditch⁹¹ fez das apresentações diárias e do cerimonial na corte do Rei de Kumasi, mais de cem anos atrás, podia-se perceber que elas haviam se modificado muito pouco até este dia.

Ali estavam os mesmos arautos, anões, conselheiros, porta-banquetas, homens da medicina e chefes tributários, e toda a demonstração de vestimentas e joalheria, sob os grandes guarda-sóis a girar, que agora preenchiam o quarto lado do quadrado, três lados do qual estavam formados pela tropa da expedição.

⁹¹ Thomas Edward Bowditch (1791-1824), viajante e escritor inglês, publicou, em 1818, *Mission from Cape Coast Castle to Ashantee*.

Para nós, havia a novidade da conformação de um cerimonial bárbaro; para os ashantis, era um espetáculo familiar e frequentemente temido, uma vez que quase sempre envolvia alguns dentre eles sendo torturados e executados. Sempre tinha sido assim.

Mas hoje eles viam isso pela última vez. Nem bem a fileira de guarda-sóis reais com a multidão de cortesãos tomou sua posição, um corpo de tropa marchou rigidamente para posicionar-se à sua retaguarda, completando assim o fechamento do quadrilátero.

Foi então lida a acusação contra o Rei e seus chefes, mostrando como os ashantis haviam deixado de honrar suas obrigações de tratado.

Não era necessário discutir. Os cadáveres jazendo no bosque sagrado adiante constituíam evidência suficiente.

Ao Rei e à Rainha Mãe foi ordenado virem à frente e prestarem vassalagem ao Governador da Costa do Ouro, como representante da Grande Rainha Branca⁹².

Lá, na presença de seus chefes vassalos e de seu povo, Prempeh teve de ajoelhar-se e penitenciar-se, coisa nunca antes feita por um monarca ashanti.

Então, pronunciou-se a sentença de banimento contra ele, enquanto liberdade e proteção foram oferecidas ao povo ashanti.

A deposição de seu Rei abalou visivelmente a plateia. Eles estavam acostumados a vê-lo como todo-poderoso, e lá estava ele, curvando-se no meio da poeira a pedir mercê, tal como sem dúvida mais de uma vítima de sua sede de sangue deve ter-se curvado em vão perante ele.

Quando Prempeh e sua mãe deixaram o quadrilátero ao fim da conferência, já não era mais na condição de Rei e Rainha Mãe como tinham entrado, mas sim na de exilados que, por fim, seriam instalados em terras distantes.

⁹² A rainha Vitória (1819-1901), que reinou de 1837 até sua morte. Seus filhos e netos casaram-se com outros membros da realeza e de famílias nobres por todo o continente europeu, o que lhe valeu o apelido de “a avó da Europa”. O Kaiser Wilhelm II, da Alemanha, por exemplo, era seu neto, e combateu a Primeira Guerra Mundial contra o também neto George V.

Atualmente, Kumasi tem sua ferrovia, seus negócios e prosperidade comercial, suas escolas e seus Escoteiros.

CAPÍTULO X

UMA CAÇADA AO ELEFANTE⁹³

Uma vez, fui parar no meio de uma manada de elefantes selvagens. Ela estava numa grande floresta na África do Sul e, vindo para terreno aberto um dos lados de um vale, vimos as grandes costas arredondadas e cinzentas de uns doze elefantes, alimentando-se entre os arbustos, no declive do lado de lá. Então, tomando nossa orientação pelo sol, pelo vento e pelas árvores, descemos para a ravina de modo a chegarmos até eles sem sermos notados.

Entramos num denso emaranhado de vegetação baixa – espinheiros e trepadeiras, e um capim longo e fino, tão denso que seria impossível abrir caminho por ele, se não fosse pelos elefantes que haviam passado por ali antes de nós: por escavar seu caminho para lá e para cá através do capim, eles haviam aberto trilhas para si próprios, que tornaram nossa progressão relativamente mais fácil.

O perigo destas trilhas é que, se os elefantes de repente se assustam, eles vêm rasgando por elas, e você pode ficar numa situação tão boa quanto estar numa viela estreita com um ônibus descendo por ela a toda velocidade. Não há como sair para qualquer lado, e o elefante, em seu pavor ou ira, ficará encantado em esmagar você sob seus grandes pés. Então, foi com algum alívio que saímos desse emaranhado para vegetação baixa que era menos densa. Essa vegetação se compunha principalmente de samambaias arbóreas – ou seja, samambaias crescendo em grandes talos em cima de troncos baixos e grossos, com uns dois metros de altura. Era uma esplêndida cobertura para nós, já que podíamos caminhar por entre os talos mas éramos completamente ocultos de avistamento pelo grosso teto de samambaias acima de nós.

Mais ainda, olhando por entre os talos, tínhamos chance de ver as pernas dos elefantes antes que seus donos nos vissem. Mas o elefante não enxerga muito bem, e tal como muitos outros animais selvagens ele

⁹³ *Lições da escola da vida.*

raramente descobre você se você ficar perfeitamente imóvel; no entanto, você precisa ter cuidado para ficar a sotavento dele⁹⁴; ele fareja você muito rapidamente, mesmo que afastado. Na floresta, é claro, é muito difícil dizer para que lado o vento está soprando, já que a sensação é que o ar está parado, no meio de toda aquela vegetação; então, não é tão fácil dizer quando se está com o vento a favor.

Aos poucos, à medida que nos esgueirávamos, começamos a ouvir os elefantes à frente, em plena faina de arrancar galhos de árvores para comer as folhas. Havia muito barulho de quebra e rachadura de madeira, e um tipo regular de conversa na forma de sons gorgolejantes e resmungos, com um ocasional ronco ou barrido semelhante a um trompete. Súbito, houve um barulho à nossa direita e um som de quebra à nossa esquerda, bem perto. E não conseguíamos ver nada. Então, houve um gorgolejar com um ruído surdo bem atrás de nós! Estávamos bem no meio deles.

E ainda assim, não conseguíamos ver nada, e no entanto os animais faziam barulho, alguns deles, como estando bem próximos. Agachamo-nos bem baixo, esperamos e ouvimos os curiosos ruídos feitos pela manada, que evidentemente não tinha consciência de nossa presença. Podíamos ouvir os pequenos filhotes com seus gritos mais agudos, evidentemente pedindo que puxassem para eles algum ramo mais alto, e então seguia-se o barulho de ruptura e sibilante queda, quando a mamãe elefante alcançava e puxava para baixo uma ramagem folhuda com sua grande e forte tromba. Então, seguia-se um resmungo, gorgolejo e mastigação dos jovens famintos.

Por fim, quando nos esgueirávamos para a frente, em direção a um ponto escuro no meio da vegetação, que parecia um túnel sombreado na selva, ele se moveu! Era a perna de um elefante, bem perto à nossa frente, não mais que uns dez metros distante, logo do outro lado de um grande arbusto denso.

⁹⁴ Ou seja, o vento vir do elefante para a pessoa, não o contrário.

Este arbusto ele estava destruindo com a tromba – os galhos acima de nossas cabeças estavam sendo sacudidos e sibilavam. Olhávamos, expectantes, para ter uma visão do seu corpo ou cabeça, e de repente nós a tivemos – só por um momento! Mas não foi no local para onde estávamos olhando: era muito mais perto. Bem por cima de nós subitamente veio uma escura massa de tromba, um reluzir de grandes presas, e então as moitas voltaram a se fechar e esconderam a visão.

Com o coração na boca, esperamos pela próxima aparição, com os fuzis prontos para disparar no momento em que vissemos algum ponto vital no qual mirar. Mas houve uma pausa. Mesmo o barulho de quedas de troncos na vegetação cessou.

À nossa volta, o gorgolejo e os ruídos mais distantes de quebra de ramos cessaram. Tudo estava quieto, nós inclusive.

Esperamos e esperamos pelo próximo movimento ou som, mas não houve nenhum! Os elefantes tinham ido embora! Eles nos haviam percebido e, sem nenhum ruído, sem nenhum arrasto ou quebra de galho, eles saíram de fininho, rápida e silenciosamente. É perfeitamente maravilhoso como, sem um único som, o sinal de perigo é dado simultaneamente através da manada e como o bando inteiro destas grandes criaturas é capaz de rapidamente ir embora, na ponta dos pés, como aconteceu.

Chegamos ao esporão, mas descobrimos que eles haviam partido em passo acelerado e, como elefantes alarmados podem correr por cinquenta a sessenta quilômetros sem parar, desistimos da caçada como algo sem esperança de êxito.

Admito que não lamentei muito, pois não pude deixar de sentir que atirar em uma dessas esplêndidas criaturas – que bem poderia ter uns 150 anos de idade quando nasci – seria quase uma impertinência de minha parte; seria quase como se eu fosse mandar pelos ares a Torre de Londres com dinamite.

CAPÍTULO XI

O VALOR DAS DANÇAS FOLCLÓRICAS⁹⁵

Foi na Matabelelândia, em 1896.

Sabíamos que o inimigo estava em umas montanhas, distante de nós uns vinte e cinco quilômetros, e minha missão era ir lá descobrir exatamente onde eles estavam, com que efetivo e, se possível, descobrir onde eles haviam escondido suas mulheres e seu gado.

Fui autorizado a levar quantos soldados quisesse, mas eu havia aprendido que geralmente era melhor ir sozinho, com um bom e confiável nativo para me ajudar. Se eu fosse com uma tropa, o inimigo não teria dificuldade em descobrir-nos de imediato, e então iria esconder-se nas montanhas, onde não conseguiríamos descobrir nada sobre ele.

Então, parti numa noite, com um zulu de primeira linha, nós ambos a cavalo.

Em pouco tempo chegamos a uma linha de colinas compartimentadas, além das quais ficava um amplo vale de capim alto e arbustos, e do outro lado dele elevava-se a massa das montanhas que formava o ponto-forte do inimigo.

Na primeira linha de colinas, eles mantinham pequenos destacamentos de homens estacionados como sentinelas, prontos a dar o alarme se nosso exército avançasse para atacá-los.

À medida que nos aproximávamos das colinas, podíamos ver o brilho e a fumaça das fogueiras aqui e ali entre as pedras; então, era relativamente fácil para nós tomar um trajeto que passasse entre os postos de sentinela. Era um trabalho excitante.

Desmontando, envolvemos os pés de nossos cavalos em pedaços de cobertores velhos que trouxéramos conosco a fim de tanto abafar o ruído quanto disfarçar as pegadas. E então, cautelosamente sentindo nosso caminho e conduzindo os rocins, passamos silenciosamente através da linha de postos de vigilância.

⁹⁵ *The Matabele campaign – 1896*; também em *Escotismo para rapazes* e em *Lições da escola da vida*.

Uma vez tendo passado a salvo, alegremente montamos e prosseguimos, guiados pelo brilho das estrelas sobre nós, em direção às montanhas, cruzando a planície. Por fim, elas começaram a aparecer-nos na escuridão, sombrias e silentes. E no entanto, sabíamos que centenas de nossos inimigos estavam escondidos lá.

Chegamos cada vez mais perto, até que as montanhas pareciam elevar-se sobre nós.

Agora, por fim, deixamos nossos cavalos, dando-lhes de beber e um pouco de milho, e cuidando deles num ponto bem escondido. Então, continuamos nosso caminho a pé, indo cada vez mais cautelosamente e silenciosamente à medida que chegávamos entre as rochas e sopés de elevações da serra. Precisávamos ser especialmente cautelosos em não deixar mais pegadas que o necessário, porque já estivéramos neste jogo uma ou duas vezes antes e o inimigo havia encontrado nossa pista à luz do dia, seguido por ela e tentado cortar nossa linha de retraimento. Então, fizemos o melhor que podíamos para não deixar indícios de nossos movimentos.

Por fim, chegamos a um lugar de onde julgamos que com a luz do dia poderíamos ter uma boa visão do ponto-forte, e aí nos escondemos entre os arbustos e esperamos o alvorecer.

Se os matabeles não recebessem sinal de alarme das sentinelas nas colinas avançadas, era seu costume começar a acender as fogueiras e cozinhar a comida pouco antes do alvorecer, e essa era nossa única oportunidade de ver exatamente onde eles estavam acampados. Então poderíamos infiltrar-nos até perto desse ponto, esconder-nos em algum lugar durante o dia, e vigiar seus movimentos. Dali poderíamos provavelmente ver as mulheres trazendo-lhes comida, e assim descobrir seu esconderijo.

Uma luz fraca começou a aparecer no céu a leste, acompanhada por um friozinho no ar – a madrugada chegava.

De repente, na escura encosta à nossa frente houve uma centelha e um brilho, e uma fogueira começou a arder. Acendeu-se outra, depois outra.

O inimigo estava bem à nossa frente. Eu pensava comigo mesmo: “Seus tolos; vocês nem sabem que estão denunciando suas posições”; mas mal passara esse pensamento pela minha mente quando Jan⁹⁶, meu acompanhante zulu, pousou sua mão inquietamente em meu braço e, rindo silenciosamente, cochichou-me: “Eles montaram uma armadilha para nós. Espere aqui e eu vou ver”.

Ele despiu as roupas europeias que vestia e, deixando-as numa pilha ao meu lado, deslizou silenciosamente para a escuridão, levando consigo seu fuzil e seu bastão de caminhada.

Enquanto eu ficava ali, pensando no que ele sugerira – pois eu não vira sinais de armadilha – veio-me o pensamento de que talvez ele estivesse preparando uma armadilha para mim. Os matabeles são primos dos zulus e eles falam a mesma língua. Seria bem fácil para ele ir até o inimigo e oferecer-se para entregar-me a eles por um retorno adequado em gado. Nenhum zulu resiste a uma chance de obter gado!

Então, não demorou muito desde a partida dele para que eu também me arrastasse afastando-me de meu esconderijo. Minha primeira ideia era chegar aos cavalos e estar pronto para dar no pé se as circunstâncias assim o requeressem; mas no meu caminho para lá, passei por uma pilha de pedras e uma ideia melhor me ocorreu: esconder-me entre elas, de onde eu podia ver nosso esconderijo original e ainda estar ao alcance dos cavalos.

Então ali me posicionei, aparentemente por horas, enquanto a luz do dia gradualmente aumentava e a montanha se avivava com as fogueiras. Logo pude ver homens movendo-se entre elas, e por fim uma quantidade considerável de guerreiros subiu a encosta saindo do capinzal, não muito distante da minha posição.

Súbito, houve um movimento no capim perto de meu primeiro esconderijo: uma figura marrom, nua, esgueirou-se para lá, sozinha.

Era Jan, e ele não trouxera o inimigo com ele.

⁹⁶ Jan Grootboom, considerado por B-P um dos melhores *Scouts* que ele já viu na vida.

Ele olhou ao redor, surpreso com minha ausência, mas tão logo me assegurei de que ele não estava acompanhado, dei o pio de uma ave noturna, que era nosso sinal, e em breve ele se juntou a mim nas pedras.

Então ele me contou como, tendo notado que as fogueiras tinham sido acesas uma a uma em sucessão regular, ocorreu-lhe que o serviço estava sendo feito por um único homem, não por vários ao mesmo tempo, e que provavelmente era um truque para nos atrair – porque os inimigos sabiam que frequentemente nós íamos à noite observá-los.

Então ele foi à frente, e em pouco tempo descobriu-se no meio de um monte de guerreiros matabeles emboscados onde julgavam que viríamos. Obviamente, fingiu ser um deles e ficou com eles por um tempo, e conseguiu dissuadi-los da ideia de que estaríamos por lá nessa noite. Então, antes de clarear o dia, aproveitou uma oportunidade para se evadir e retornar para junto de mim.

Senti-me profundamente envergonhado por ter suspeitado dele, mas não disse nada sobre isso.

Aquele dia ainda nos traria mais excitação antes que o Sol se pusesse.

Descobrimos, ao romper do dia, que estávamos situados diretamente à frente da primeira linha inimiga e que poderíamos, portanto, estar no caminho de homens indo para lá ou vindo de lá, pensamos ser melhor sair para uma posição mais no flanco, de onde pudéssemos ver tão bem e com menos risco de sermos encontrados. Então rastejamos, afastando-nos dali e fomos dando lanços entre arbustos, projeções de pedra e capim alto até chegarmos a um local adequado.

Uma velha árvore morta deu-nos um bom referencial quanto ao ponto onde nossos cavalos estavam ocultos, se precisássemos em algum momento de urgência encontrá-los. E, sem dúvida, antes de decorrerem muitas horas teríamos oportunidade de fazê-lo com muita urgência.

Após estudar a posição inimiga por algum tempo com minha luneta, cheguei à conclusão de que parte dela estava oculta de nós por uma projeção de rocha na encosta, e pensei que se conseguisse subir por

lá sem ser percebido, poderia obter uma visão realmente boa do ponto-forte e descobrir com exatidão como poderia ser atacado da melhor maneira.

Enquanto isso, Jan também estava pensativo e intranquilo, e por fim ele disse que pensava que podia descobrir exatamente onde as mulheres e o gado estavam escondidos se fizesse um breve deslocamento para a nossa direita; de fato, podíamos ouvir os sons do gado e o ladrar de cachorros entre as ravinas naquela direção.

Então, ele saiu naquela direção, combinando comigo que se houvesse algum alarme, nós deveríamos tomar caminho tão depressa quanto possível para os nossos cavalos, cada um cuidando de si.

Então tomei meu desjejum, consistindo de alguns bocados de biscoito do Exército e uma barra de chocolate, mordidos alternadamente; depois disso, comecei a ficar ansioso novamente para dar uma espiada no ponto-forte. Daí, parti depois de ter examinado cada polegada do trajeto pelo telescópio e registrado na memória cada árvore ou pedra peculiar que me poderiam servir de referência ao longo do caminho.

Fui chegando cada vez mais perto, até que a projeção rochosa ocultou totalmente a posição inimiga, e eu me senti comparativamente a salvo de ser visto. Avançando e subindo escalei, silencioso em minhas botas com sola de borracha, até que por fim meus marcos de referência me indicaram que eu estava chegando ao topo da pedra. Arrastando-me como um lagarto, alcancei um arbusto amigo entre duas rochas na crista e, enfiando minha cabeça pelo arbusto, olhei para baixo, para o local que eu queria ver.

A uma curta distância abaixo de mim, e aparentemente inconscientes de minha presença, centenas de matabeles estavam cuidando da vida – uns cozinhando e comendo, outros pondo os cobertores para tomar sol. Lá estavam seus pequenos abrigos de bivaque, feitos de galhos e capim, entre as rochas. As pequenas fendas e patamares da encosta estavam fortemente barricados com parapeitos de pedras e toras, e escadas rústicas feitas de troncos de árvore levavam de

uma posição a outra, enquanto grutas aqui e ali davam ampla proteção contra o fogo de artilharia.

Era uma posição difícil para atacar, e fiquei por um longo tempo tomando nota das dificuldades para um atacante. Então considerei que era hora de examinar o restante da encosta, para ver onde estaria a melhor rota para assaltar o lugar, e deslizei silenciosamente para trás para deixar minha posição, e alcancei novamente as pedras na ravina atrás de mim.

De repente, um grito selvagem lançado de um ponto bem mais elevado que o meu na encosta disse-me que eu fora descoberto, e vi muitos matabeles correndo e saltando nas rochas – e eles me viram.

Não havia outra coisa a fazer senão dar o fora dali tão depressa quanto possível.

“Bang”, fez uma arma; “smack”, fez uma bala (longe de mim) contra a face de uma pedra. Uma rápida olhada para trás mostrou cerca de uma dúzia de guerreiros correndo atrás de mim como cães atrás de uma raposa.

Esconder-me era inútil. Então, comecei a saltar de uma pedra para outra, em lugar de desescalar entre elas. Meus calçados com solas de borracha aderiam bem à rocha em cada aterragem e não me deixaram escorregar. Anos antes, eu aprendera danças folclóricas, e o valor desse aprendizado estava em ter domínio sobre meus pés, fazendo-me capaz de saltar com leveza e rapidez de pedra em pedra, colocando os pés onde queria, sem errar.

Uma espiada para trás mostrou que meus perseguidores estavam formando uma fila. Eles estavam ficando para trás, e eu percebi que os matabeles, desacostumados ao terreno montanhoso, não eram tão rápidos quanto eu em passar pelas pedras. Meu coração se animou novamente. Minha presença de espírito voltou a mim e, em lugar de correr diretamente descendo a encosta eu fiz um desvio para a esquerda, ainda descendo e ganhando terreno sobre os que vinham no meu encalço.

Por fim, cheguei ao terreno plano e saí de vista deles entre o capim alto. Então, mudei de direção novamente e tive sorte suficiente para

encontrar um leito seco de rio seguindo para minha direita, bem na direção da árvore onde estavam nossos cavalos.

Corri por ele, abaixando-me por todo o caminho, enquanto meus inimigos, praguejando, ainda corriam para a esquerda, na direção oposta à minha. Quando alcancei as moitas junto à árvore morta, houve um movimento entre elas. Caí no chão e esperei.

Era Jan; ele emergiu, sorrindo, conduzindo os dois cavalos e ofegando quase tanto quanto eu. Em um segundo estávamos montados, e em poucos minutos estávamos fora de alcance dos nossos adversários.

Jan contou-me que ouviu os matabeles gritando que me haviam visto, e ouviu os tiros; mas estes haviam cessado porque os chefes avisaram: “É o Lobo⁹⁷ (apelido que os matabeles me deram). Não atirem nele. Peguem-no vivo. Peguem-no com suas mãos”.

Se eu tivesse sabido disso na hora e entendido o tipo de diversão que eles pretendiam ter comigo antes de matar-me, acho que teria corrido ainda mais depressa do que o fiz.

E se eu nunca tivesse aprendido danças folclóricas, provavelmente não estaria escrevendo esta história hoje⁹⁸.

⁹⁷ Impisa, “O lobo que nunca dorme”, segundo B-P.

⁹⁸ Noutra ocasião, nessa operação repressiva ao levante matabele, B-P conseguiu capturar Uwini, um dos principais líderes dos rebeldes. Fez que ele fosse submetido a julgamento, no campo, e daí resultou a condenação à morte pelo assassinato de súditos britânicos. O fuzilamento de Uwini mostrou ser uma medida que poupou vidas, pois ele era considerado um em quem o M’limo era forte, e acreditava-se que as balas não lhe fariam mal. Quando elas não se transformaram em gotas d’água e realmente o mataram, isso quebrou o ânimo combativo de muitos, acelerando o processo de rendição.

CAPÍTULO XII

QUANDO FUI ESPIÃO⁹⁹

Quando criança, eu era viciado na brincadeira de esconde-esconde, e a habilidade aprendida nessa inocente atividade foi-me de grande valia em mais de uma ocasião crítica desde então.

Deitar rente ao solo num sulco entre as groselheiras, quando não deu tempo de chegar aos densos arbustos de buxo antes de o perseguidor chegar à vista ensinou-me o valor de não usar a cobertura mais óbvia, que seria a primeira a ser verificada. Os perseguidores iam direto para os arbustos de buxo como esconderijo mais provável, enquanto eu podia ver tudo que eles faziam de entre os ramos das groselheiras.

Outro segredo aprendido no esconde-esconde era, se possível, ficar acima do nível dos olhos do caçador e “congelar” – isto é, ficar paradinho, sem fazer nenhum movimento. Mesmo que não esteja totalmente escondido, você tem boas chances de deixar de ser notado se fizer assim. Descobri isso setenta anos atrás, ao deitar-me estendido acompanhando a cumeada de um muro coberto de hera enquanto meus perseguidores passavam pertinho de mim sem nunca olhar para cima. Mais tarde na vida voltei a pôr isso à prova, sentando-me num barranco ao lado da estrada, pouco acima da altura de um homem, mas tão próximo que eu poderia tocar um passante com uma vara de pescar. Sentei-me ali sem nenhuma espécie de cobertura e contei cinquenta e quatro percorrendo o caminho. E destes, não mais que onze me notaram.

Saber desse fato veio a ser-me bem útil em uma das minhas missões de levantamento de informações. Do lado de dentro de um muro alto ficava uma doca, na qual, segundo rumores, uma nova casa de força estava sendo erigida, e possivelmente estava-se preparando também uma doca seca.

⁹⁹ *Adventures of a spy*, capítulo XVI; também em *Lições da escola da vida*.

Era de manhã cedo. Os portões tinham acabado de ser abertos; os trabalhadores estavam começando a chegar, e algumas carroças com material esperavam sua vez de entrar.

Aproveitando a oportunidade de estarem os portões abertos, dei uma espiada rápida para dentro como qualquer passante comum o faria. Fui prontamente afugentado pelo policial que estava de serviço na casa da guarda. Mas não fui longe. Minha intenção era entrar, de alguma forma, e ver o que me fosse possível.

Vi a primeira carroça entrar, e notei que o guarda estava vivamente empenhado numa conversa com o carroceiro da frente, enquanto o segundo começava a passar pelo portão.

Num segundo, eu pulei acompanhando a carroça no lado posto ao do vigia, e assim passei para dentro e continuei a andar junto do veículo quando ele virou para a direita e fez seu caminho rodeando o novo prédio em construção.

Então, notei outro policial à minha frente, e mantive minha posição junto à carroça, readaptando-me à sua cobertura de modo a evitar ser visto. Para meu azar, quando viramos a esquina, fui visto pelo primeiro guarda, e ele imediatamente começou a gritar para mim.

Surdo às suas observações, continuei a andar tão despreocupadamente quanto possível para alguém apanhado em flagrante, até colocar o canto do novo prédio entre mim e ele. Daí, eu acompanhei o contorno do prédio e dei a volta no seu canto mais afastado.

Ao fazer isso, notei pelo canto do olho que ele vinha a toda velocidade no meu encalço e estava chamando o policial número 2 para ajudá-lo. Corri como uma lebre, virando a próxima esquina para sair da vista dos policiais, e procurei um jeito de escapar.

Os andaimes da obra da nova casa de força elevavam-se acima de mim, e uma escada levava lá para cima. Subi por ela tão rapidamente quanto um acendedor de lampiões, sempre de olho na esquina do prédio para ver se não seria seguido.

Eu estava apenas a meio caminho da subida quando um dos policiais veio, virando a esquina. Imediatamente eu “congelei”.

Eu estava uns cinco metros acima do nível do mar e a menos de vinte metros dele. Ele parou ali, em pé, indeciso, com as pernas bem afastadas, olhando de um lado para outro, em todas as direções, para ver onde eu tinha ido, muito ansioso e inquieto. Eu estava igualmente ansioso, e imóvel.

Por fim, ele foi chegando mais perto da minha escada e, por estranho que possa parecer, eu me senti mais seguro quando ele veio parar bem abaixo de mim, e passou quase debaixo de mim, olhando pelas aberturas das portas do prédio inacabado. Então, ele, desconfiado, fez meia-volta e olhou para um barracão atrás dele, pensando que eu poderia ter entrado ali e, finalmente, partiu correndo, virando a esquina. No momento em que ele saiu de vista eu terminei de subir a escada e cheguei são e salvo à plataforma do andaime.

Os trabalhadores ainda não estavam no prédio, então eu tinha todo o lugar à minha disposição. Minha primeira providência foi procurar por outra escada como rota de fuga para o caso de ser perseguido. Sempre é bom ter uma “porta dos fundos” para seu esconderijo; essa é uma das coisas essenciais nas operações de reconhecimento.

Por fim, encontrei uma escada curta levando da minha plataforma até um piso abaixo, mas ela não chegava ao chão. Espiando sem fazer alarde pelo andaime, vi meu amigo policial abaixo, ainda desatento. Eu bendisse minha estrela por ele não ser um rastreador e, por isso, não ter visto minhas pegadas levando até o pé da escada.

Prossegui, então, para tomar nota do que havia ao meu redor e coletar informações.

A julgar pela configuração do prédio, suas grandes chaminés, etc., eu estava, em verdade, na própria nova casa de força. De onde me encontrava eu tinha excelente visão das docas, e a uns trinta metros de mim estavam as escavações do que seria a nova doca, cujas dimensões eu podia estimar com facilidade.

Saquei minha bússola prismática e rapidamente tomei a visada de dois pontos destacados nas colinas próximas, e assim determinei a posição que poderia ser marcada num mapa de grande escala.

Enquanto isso, meu perseguidor havia chamado o outro policial para junto de si e eles estavam confabulando logo abaixo de mim, onde eu podia vigiá-los através de uma fenda entre duas tábuas do piso. Evidentemente, eles haviam chegado à conclusão de que eu não estava na casa de força, já que o interior estava todo exposto e eles tinham dado uma boa olhada por todo o lugar.

Seu próximo passo seria examinar o barracão de material nas proximidades, que evidentemente estava cheio de escoras, suportes e o mais.

Um deles entrou no barracão, enquanto o outro permaneceu do lado de fora, na rota que eu provavelmente teria de tomar para escapar, isto é, entre o barracão e o muro levando até o portão.

Por acidente, mais do que intencionalmente, ele ficou perto do pé da minha escada, e desse modo cortou minha retirada por esse caminho.

Enquanto eles estavam assim ocupados, tinham deixado o portão desguarnecido, e era uma chance boa demais para ser perdida; assim, retornando pelos andaimes até chegar à escada curta, eu a descii até o piso de baixo e, não vendo ninguém por perto, rapidamente deslizei por um dos esteios do andaime e aterrissei em segurança no chão, pouco atrás da grande chaminé do prédio.

Aqui eu estava fora de vista, apesar de não estar longe do policial que vigiava a escada; e, tomando cuidado para manter a esquina do prédio entre nós, fiz meu caminho de volta para trás da casa da guarda e me esgueirei através do portão sem ser visto.

Sem dúvida, a espionagem seria um esporte intensamente interessante, mesmo que não se obtivessem grandes resultados. Há uma fascinação que toma conta de qualquer um que tenha experimentado essa arte. Cada dia traz situações e condições novas, requerendo rápida mudança de ação e originalidade para fazer-lhes frente.

O incidente relatado acima, de vivência real, não é nada fora do comum, mas explica algo do valor esportivo desse tipo de trabalho.

Sim, para qualquer um que esteja aborrecido com a vida, a emocionante vida de um espião deve ser a melhor forma de recuperação.

CAPÍTULO XIII

A BACIA DE SANGUE¹⁰⁰

“Os Reis, e somente os Reis, são sepultados em Bantama, e o ouro sagrado é sepultado com eles.

Em frente à edificação em que seus ossos são depositados está o maior tacho de bronze que já vi (para sacrifícios), medindo mais ou menos um metro e meio de diâmetro, com quatro pequenas figuras de leão na borda. Aqui, os sacrifícios humanos são frequentes e costumeiros para ‘regar as sepulturas’ dos Reis (extraído de *A Mission to Ashanti*, por Bowditch, 1817)”.

Era uma noite quente e estrelada, e estávamos fora, no campo, dando serviço como “patrulha pendente¹⁰¹”. Isso não significa que íamos enforcar alguém, mas éramos um pequeno destacamento de dez integrantes, com uma função que não era nem a de um posto fixo guarnecendo um local determinado, nem uma equipe de reconhecimento que patrulharia um trecho estabelecido do terreno; nossa missão ficava no meio dessas duas. Deveríamos ficar à espera em lugares propícios e manter vigilância para quaisquer movimentos por parte do inimigo.

Tínhamos o corpo principal do inimigo encurralado, de qualquer forma, em Kumasi, distante coisa de um quilômetro e meio; mas era justamente o que precisava ser vigiado: ele provavelmente estaria enviando ou recebendo comunicações por mensageiros, e era nesses que tínhamos que ficar de olho, a fim de interceptá-los.

Via de regra, o negro da Costa Ocidental não é muito confiável na floresta à noite. Ele é excessivamente preocupado com fantasmas e assombrações para concentrar sua mente no trabalho que tem nas mãos. Mas minha pequena equipe era de adansis, uma tribo habituada a caçar e trabalhar à noite na selva, e, portanto, por todos os títulos os homens

¹⁰⁰ *The downfall of Prempeh.*

¹⁰¹ No original, “*hanging patrol*”; *to hang*, em inglês, pode significar “pendurar”, “enforcar”, “estar nas proximidades” ou “estar de sobreaviso”.

mais adequados para esta missão. Eles conseguiam ver bem no escuro; eles podiam ouvir, eles podiam sentir cheiros; eles conseguiam mover-se em absoluto silêncio e sem serem vistos; eles eram homenzinhos animados, resistentes, aparentando não fazer tantas gerações que se separaram dos macacos que caçavam¹⁰². Eu gostava deles.

Há gente que lhes dirá que missão de exploração à noite não tem nada de interessante, mas há outros para quem ela tem uma fascinação duradoura, e eu sou um destes últimos.

É verdade que tem os seus penares nos climas setentrionais, com vento, neve, lama, mas numa tépida noite tropical na floresta é outra coisa. Há um silêncio misterioso ao nosso redor, e, no entanto, pequenas vozes parecem tagarelar em toda parte. O cricrilar dos grilos, o coaxar de sapos, a soltura e queda das folhas, e o vago sussurro das brisas noturnas soando pelos ramos acima de nossas cabeças.

Ocasionalmente, a longos intervalos, o pacífico silêncio é subitamente quebrado pelo mais impressionante de todos os sons da floresta – o estrondo trovejante de um corpulento veterano dentre as gigantescas árvores que chega ao fim da vida e despenca de seu lugar orgulhoso, arrastando e rompendo alguns dos seus semelhantes menores ao trazer seu impacto sobre a terra.

Há um momento de tenso e como que respeitoso silêncio, e então todas as pequenas vozes da floresta reiniciam seus sussurros.

Eu ouvia tudo isso, acorado entre as grandes e arqueadas raízes de uma elevada paineira, com cinco dos meus fiéis asseclas que formavam a reserva de minha patrulha. Eles já haviam cumprido seu turno de percorrer os arredores em busca de informação e agora estavam descansando, mas alertas e prontos se fosse necessário. A meia-luz da alvorada que se aproximava já se mostrava no ar, e a neblina matinal começava a elevar-se entre as árvores. Nossa vigília em breve chegaria ao fim.

¹⁰² Cabe lembrar que essas considerações racistas eram típicas desse tempo (1895-6), apogeu da “Era dos Impérios”, como a chamou Hobsbawm.

Por fim, um som distinguiu-se dos demais na floresta. Era como o “quit-quit-quit” de uma rã. Entretanto, não era o próprio, pois foi emitido sob a forma longo-curto-longo, como o da narceja. Mas não há narcejas na floresta. Era a senha de nossa patrulha, produzida por um dos esculcas avançados.

Respondendo ao chamado, rastejei silenciosamente em sua direção, mantendo-me na sombra com os olhos vigilantes e tentando perscrutar a escuridão, olhando um pouco acima, em lugar de diretamente para qualquer objeto suspeito. E quantos desses você vê, movendo-se quando você se move, mas quietos quando você para.

Em rastejar silenciosamente e ocultamente, sempre pronto para encontrar um inimigo na próxima moita, há algo que, como diria um francês, “dá uma emoção”.

De novo, eu suavemente emiti o chamado. Após uma pausa, ele foi suavemente respondido, logo adiante.

À minha frente havia uma trilha, uma daquelas que estávamos vigiando, dado que conduzia da aldeia-fetiche de Bantama a Kumasi, e os sacerdotes, ou homens da medicina, de Bantama eram os mais confiáveis dos mensageiros do Rei Prempeh.

Um chamado quase sussurrado conduziu-me atravessando a estrada até onde, entre as raízes de uma grande figueira, eu apenas conseguia discernir dois dos meus mirmidões¹⁰³ agachados. Um deles avançou silenciosamente e levou-me pelo pulso até a profunda sombra da árvore, e ali ele guiou minha mão até tocar a borda de uma grande vasilha de metal ou caldeirão. Novamente ele emitiu o chamado, e não demorou para que outros esclarecedores, como sombras, se agrupassem ao nosso redor.

Eles se reuniram junto à vasilha, e seus sussurros e movimentos ansiosos mostravam que ela tinha um interesse acima do comum para ele. Então, um deles apontou-me algo entre os galhos mais baixos da árvore acima de nós. Na escuridão, eu não via nada, mas chegando mais

¹⁰³ Alusão aos soldados comandados por Aquiles, na Guerra de Troia.

perto do grande tronco retorcido ele guiou minha mão tão alto quanto pude alcançar, e toquei o que bem depressa se provou ser um maxilar humano pendurado ali. E então outro, e mais outro. Era uma árvore-fetiche.

Com o alvorecer, nossa vigília terminou. Percebi que a vasilha, de bronze, com cerca de um metro e meio de diâmetro e uns 45 cm de profundidade, era do tamanho exato para servir-me como uma magnífica banheira. Então, com alguns cipós cortados da árvore mais próxima, nós a penduramos numa vara e a levamos em triunfo para o acampamento, meus sicários sorrindo e cochichando alegremente entre si.

Nosso acampamento era bem perto do recinto sagrado, ou das casas-fetiche de Bantama.

Nesse dia, recebemos ordens de abrir as catacumbas entre elas, nas quais eram depositados os grandes Reis de Ashanti. Sabia-se que com cada Rei era sepultado o tesouro que ele tivesse acumulado durante sua vida. Assim, Bantama era o depósito dos tesouros da nação. E um pouco desse tesouro era-nos devido.

A razão para a presença de nossa força em Ashanti nesse tempo era que o Rei Prempeh tinha deixado de cumprir os termos de seu tratado com os britânicos. Um deles era que deveria ser posto fim a todo sacrifício humano e escravidão no país, e outro era que ele deveria pagar uma indenização estipulada desde a última expedição contra essa nação liderada por Lord Wolseley, uns vinte anos antes.

Sabia-se que a casa do tesouro estava a cargo de uns oitenta sacerdotes, ou homens da medicina, e que os encantamentos que, de acordo com a fama, eles podiam fazer cair sobre qualquer candidato a saqueador eram suficientemente horríveis para tornar o depósito decididamente à prova de ladrões.

Quando tomamos o local e o cercamos, descobrimos que consistia de um simples grupo de cabanas cobertas de palha e choupanas, com apenas um velhinho decrepito tomando conta.

Tive a sorte de ter como guia um nativo civilizado, que sabia falar inglês; ele recebera educação moderna em Cape Coast Castle, e vestia roupas europeias, e também, no caso, era presunçoso.

Ele explicou que seus compatriotas eram menos que desprezíveis, por serem “tolos ignorantes” que acreditavam que *abayifo*, ou demônios vermelhos, viviam no lugar e que forçariam as pessoas a comerem seus próprios membros se ultrapassassem os limites. Isso foi o que ele disse quando estávamos a alguma distância do local. À medida que nos aproximávamos, notei que ele tirara o chapéu e o carregava na mão, e só falava sussurrando baixinho, e quando chegamos bem perto ele me recomendou, para meu próprio bem, que não chegasse ao prédio de maneira irreverente, e quanto a ele próprio, afastou-se alguns passos com certa preocupação quando viu que estávamos entrando. E sua preocupação cedeu lugar a abjeto horror quando começamos a abrir caminho para penetrar no mausoléu real.

Era uma espécie de cripta, cuja entrada tinha sido fechada com tijolos. O cimento que selara a porta era por certo relativamente fresco, com apenas algumas semanas de aplicado, apesar de o último Rei que morrera já estar sepultado ali havia alguns anos.

Este fato, aliado à ausência dos sacerdotes, preparou-nos para esperar decepção. Uns poucos golpes de picareta e a passagem estava aberta. Lá dentro, encontramos nove ataúdes de bronze, ou antes escrínios enfileirados, e em cima de cada um havia taças e tigelas contendo alimento para os monarcas falecidos.

Tudo parecia em ordem. Mas quando se removeram as tigelas e as tampas dos escrínios foram removidas, não havia neles nada, a não ser o vazio.

Uns poucos pedaços de cordão endurecido com dobras em ângulo mostravam que recentemente tinha havido ali lingotes de ouro amarrados juntos, mas, como soubemos depois, todos eles, juntamente com os restos mortais dos Reis, tinham sido removidos uma quinzena antes da chegada da expedição pelos sacerdotes guardiões, que se dispersaram

para dentro da selva, cada um carregando uma parcela para algum esconderijo seguro.

Certamente, eles haviam feito seu trabalho bem e eficazmente. E nós, por nossa vez, fizemos o nosso. Depois de prender fogo a tudo que podia ser queimado no local, pusemos abaixo as paredes com aríetes improvisados feitos com troncos.

Assim pusemos fim a Bantama.

Isso não foi feito com nenhuma intenção de sacrilégio ou falta de respeito por quaisquer convicções religiosas do povo, mas sim porque por mais de cem anos ali tinha sido o grande centro de sacrifícios humanos.

Era um dos três centros desse tipo em Kumasi; o segundo era o recinto de execuções junto ao palácio do Rei, e na praça do mercado ficava ainda o terceiro.

Foi neste último local que, dentro de poucos minutos desde nossa chegada a Kumasi, meus esclarecedores descobriram uma grande quantidade de corpos decapitados escondidos num bosque.

Dentro da cidade, três blocos de casas foram separados como alojamentos dos carrascos, o que por si só já indicava intensa atividade nesse tipo de negócio.

Cada grande festival, ou o funeral de algum homem de destaque era oportunidade para sacrifício humano. As execuções eram, para o povo, o que uma tourada é para os espanhóis ou uma partida de futebol para os britânicos. Os carrascos eram tão populares aos olhos do público quanto os atuais atores de cinema ou pilotos de provas.

Seu humor era uma das principais características. Eram uns camaradas de aspecto horrível, suas cabeças parecendo flácidas com longos cachos onde os homens comuns têm as cabeças raspadas. E, pior que tudo, cada um usava uma imitação parecendo real de um terceiro olho no centro da testa.

Geralmente, as vítimas eram malfeitores e escravos, mas havia também várias pequenas regras locais cuja quebra envolvia punição capital.

Em Bantama, por exemplo, perto do caminho pelo qual os viajantes chegavam à cidade, alguns assentos de aparência tentadora eram colocados à sombra das árvores. Entretanto, era um crime capital sentar-se em algum deles. Desgraçadamente para alguns viajantes, esta regra não estava escrita, sendo conhecida apenas pelos carrascos, que estavam sempre vigilantes para garantir que não houvesse abuso com impunidade por parte dos estrangeiros.

Tive uma entrevista com um dos principais operadores, que me contou muitos fatos interessantes desta natureza. E por acaso eu vim a descobrir que sua popularidade era em grande medida devida a um incidente no qual ele estava a ponto de cortar fora uma cabeça quando uma ideia lhe ocorreu: pegar um pedaço da pele da vítima, da parte de trás das omoplatas, entre o indicador e o polegar, e cortá-lo; então, segurando-o diante do desgraçado, ele disse: “A última coisa que você verá é esta, e você a está vendo pela primeira vez”.

Esse chiste, como diria o Sr Boswell¹⁰⁴, deu oportunidade a muito riso. Assim, a tortura e o derramamento de sangue tornaram-se uma orgia estabelecida no país, sob a superstição do fetichismo. Nada menos que medidas heroicas poderia acabar com isso.

Retornando ao meu acampamento após a destruição das cabanas-fetichê, deparei com uma multidão de soldados do *Special Service Corps* e do *West Yorks Regiment* ali reunida. Um de seus oficiais estava discursando para eles. Juntei-me a eles, e descobri que minha nova banheira era o centro das atenções, e o oficial estava explicando à sua audiência que essa era a célebre vasilha-fetichê mencionada por Bowditch, que visitara Ashanti em 1817. Era o grande fetichê do país.

O Rei do país costumava visitar Bantama a cada três meses para fazer suas devoções, e nessas ocasiões vinte homens eram sacrificados por decapitação sobre a vasilha, de modo a enchê-la com seu sangue. Oitenta homens por ano era a quota requerida. Mas também na “Festa

¹⁰⁴ James Boswell (1740-1795), biógrafo e diarista escocês, famoso pelos seus detalhados registros de viagens, fatos e pessoas.

do Inhame” ou Celebração da Colheita todos os anos, mais uma quantidade era sacrificada. Era também costume o rei ocasionalmente “lavar os ossos” de seus antecessores fazendo mais algumas extensivas libações de sangue.

O sangue assim obtido era deixado coagular na bacia e, então, era cortado em pequenas porções, que eram colocadas em envoltórios de tecido costurados e vendidas como amuletos para aqueles desejosos de imunidade contra mau-olhado e outras bruxarias.

Quando ouvi todas essas coisas, minha ideia de banho recebeu um rude choque, que foi mais acentuado quando olhei minha propriedade à luz do dia. Tinha uma sugestiva marca de nível de preenchimento, de um tipo tão horrível que me tirou qualquer desejo de banhar-me nela.

Mas, tendo agora ciência da natureza do meu butim, eu o fiz empacotar sem demora em um pano de barraca que estava sobrando. Então, ela foi pendurada numa vara e dentro de uma hora estava a caminho, a cargo de seis dos meus homens, para ser entregue a um amigo meu em nossa base, em Cape Coast Castle.

De alguma forma, os nativos tiveram notícia dessa partida da bacia de sangue. Por toda a sua jornada de duzentos e quarenta quilômetros, grupos deles vinham vê-la passar, só para tocá-la. Mesmo depois de ter sido embalada em uma caixa e depositada com segurança a bordo de um navio, grupos deles ainda saíam em barcos para dar uma espiada de despedida nela.

Um ashanti explicou-me que para eles, a perda da vasilha era mais significativa que a do seu Rei. “Um Rei nós podemos substituir, mas nunca a grande Bacia de Sangue”.

A bacia agora fica no museu do *Royal United Services Institute*, em Whitehall, Londres – e bondes circulam pelas ruas de Kumasi.

CAPÍTULO XIV

O HOMEM MAIS CORAJOSO QUE JÁ VI¹⁰⁵

Foi por ocasião da tomada do Passo Tungi, na Fronteira Noroeste da Índia. O General Sir Bindon Blood recebeu a missão de invadir o território dos Bunerwals com sua divisão.

O território é tão fortemente protegido por defesas naturais, na forma de cordilheiras intransponíveis, que os Bunerwals chegaram a considerar-se inteiramente protegidos contra qualquer invasão. Sua confiança não era sem motivo, pois expedições anteriores acharam os obstáculos que se lhes opunham difíceis demais de superar.

Na verdade, há três passos que conduzem pelas montanhas da Índia para Buner, e Sir Bindon Blood enviou forças para fazer fintas¹⁰⁶ simultâneas contra todos os três, selecionando um, o Passo Tungi, como o alvo de seu verdadeiro ataque. Assim, ele esperava levar o inimigo a espalhar suas forças, provendo equipes para guarnecer todos os três passos, ficando assim enfraquecido no ponto principal, e obteve sucesso em seu intento.

Entretanto, quando cheguei ao seu acampamento perto do Passo Tungi, na noite antecedente ao ataque, centenas de fogueiras de postos de vigilância inimigos ardiam nas alturas ao redor, mostrando que eles estavam lá em números consideráveis; e se alguém quisesse obter alguma prova de sua arrogância e da confiança em seu poder de resistência, poderia tê-la nessa noite, com o frequente assobio de suas balas, pois eles mantinham um tiroteio intermitente contra o acampamento desde seus postos de observação nas montanhas em volta dele. A esse tiroteio noturno, ou inquietação (*sniping*), como era chamado, ninguém no acampamento dava a menor atenção: era uma ocorrência noturna tão

¹⁰⁵ *Memories of India*; também em *Lições da escola da vida*.

¹⁰⁶ Manobra diversionária, que visa desviar forças do inimigo para diminuir o efetivo que se oponha ao ataque verdadeiro.

corriqueira que teria parecido anormalmente quieto se não estivesse acontecendo.

Na manhã seguinte, pouco depois do alvorecer, toda nossa força estava em movimento para atacar o passo, que distava apenas pouco mais de quilômetro e meio do acampamento. O terreno consistia de um profundo vale, com uma alta e íngreme cadeia de elevações de mais ou menos seiscentos metros de altura de cada lado. A cadeia mais próxima estava ocupada por nós, a outra pelo inimigo, a uma distância de uns 1.200 metros. O passo era meramente uma trilha, muito íngreme e pedregosa, conduzindo por cima da crista mantida pelo inimigo. Ali, podíamos ver os Bunerwals agrupando-se sob seus estandartes, dos quais havia trinta e nove, e tomando seus lugares para defender a posição. Em todos os pontos favoráveis eles haviam construído parapeitos de pedra, ou *sungurs*, que eles agora guarneciam com seus fuzileiros, enquanto seus espadachins tomavam posição fora do alcance dos tiros, atrás da crista, a fim de aguardar o momento em que nosso ataque chegasse perto o suficiente para eles fazerem eficazmente uma carga com arma branca.

Mas eles ficaram confusos com a forma que o ataque tomou: em lugar de fazer a tropa avançar imediatamente para o assalto, como eles esperavam que acontecesse, Sir Bindon Blood abriu fogo com duas baterias de artilharia de montanha e uma de artilharia de campanha¹⁰⁷, e por mais de duas horas elas mantiveram um contínuo despejar de projéteis em cima dos *sungurs*. Tão logo as peças tivessem demolido um *sungur*, voltavam sua atenção para o próximo na linha, fazendo excelente prática o tempo todo; e assim, gradualmente, sistematicamente, destruíram todas as fortificações.

¹⁰⁷ A artilharia de campanha provê o apoio de fogos para tropas desdobradas no terreno, de modo a neutralizar a artilharia inimiga, atingir pontos fortificados e causar baixas; vale-se de peças com boa mobilidade e maior alcance, geralmente tracionadas por cavalos ou viaturas ou, mais modernamente, autopropulsadas ou aerotransportadas. A artilharia de montanha, destinando-se ao combate em terreno compartimentado, geralmente usa peças de menor tamanho e alcance, capazes de serem desmontadas e transportadas (divididas em fardos) em lombo de muare.

O inimigo, percebendo quão pouco podia fazer para replicar, portou-se com grande coragem e autocontrole. Continuamente, eles se empenharam em reconstruir suas amuradas tão rapidamente quanto elas eram derrubadas. Podia-se ver alguns deles num *sungur*: assim que aparecia o brilho do disparo de um canhão, todos eles se abaixavam saindo de vista e, no momento seguinte, se o projétil passasse por cima deles ou se prendesse no muro, levantavam-se novamente as cabeças e eles prosseguiram reconstruindo, tão calmamente quanto antes.

Enquanto isso, nossa infantaria entrava em forma no vale abaixo, pronta para subir a encosta a fim de tomar de assalto as posições; ao mesmo tempo, um batalhão escalava a montanha a oeste do inimigo para atacá-los pelo flanco.

À medida que o ataque se desenvolvia, o inimigo tentou resistir com fuzilaria e rolando grandes pedras encosta abaixo. Estas eram o pior tipo de míssil, pois uma delas, em sua descida, poderia atingir metade de uma companhia de uma vez só; mas a tropa estava preparada para isso, e as ordens eram para que se mantivessem acompanhando as saliências do terreno, uma vez que pedras caindo tendem a tomar o caminho acompanhando cursos d'água e ravinas.

Nossos oponentes necessariamente tinham que se expor de alguma forma, para fazer fogo sobre nossas tropas, e isso dava aos canhões oportunidades de fazer fogo sobre eles – oportunidades que foram muito prontamente aproveitadas, e com grande sucesso.

Sob tal incessante tempestade de obuses, não restava aos adversários nada a fazer; suas defesas estavam feitas em pedaços, eles mesmos estavam sofrendo pesadas perdas, e por fim eles perceberam que estávamos pegando-os tanto pela frente quanto pelo flanco. Muitos dos seus líderes haviam tombado, e outros começaram a pensar que estava na hora de exercer a prudência antes que o valor, e tomar o rumo de casa da melhor forma possível. Assim, gradualmente, começou um retraimento. Os estandartes foram mantidos flutuando em seus diversos postos para fazer crer que toda a força estava lá, mas na realidade a retirada havia começado antes que a nossa infantaria chegasse ao

alcance dos defensores. E quando nossa força de flanqueamento desencadeou seu ataque, seguida diretamente pelo assalto final do corpo principal pela frente, o retraimento do inimigo tornou-se uma fuga precipitada, e a posição era nossa.

Entretanto, foi algum tempo antes deste clímax final que aconteceu o ato corajoso sobre o qual quero contar.

Enquanto a artilharia martelava os *sungurs*, notamos três homens em um *sungur*, armados apenas com espadas, e que desdenhavam abrigar-se quando os tiros caíam perto; calmamente, eles permaneciam de pé, balançando suas reluzentes espadas curvas, evidentemente encorajando seus companheiros tribais para fazerem um contra-ataque sobre os soldados britânicos, que escalavam a encosta diante de sua posição.

No meio de sua arenga, um obus bem apontado esmigalhou a amurada que até então protegera o trio, e na ocasião pensamos que eles também tivessem ido dessa para a melhor. Mas, da poeira e fumaça da explosão, os três emergiram, incólumes. Então, em vez de buscar outro abrigo, eles vieram correndo rapidamente encosta abaixo, como para atacar os atacantes. Depois de percorrer alguns metros, um deles virou para uma trilha lateral, que levava de volta colina acima e por cima da crista, e logo sumiu de vista. Quando ele fez isso, o segundo homem também virou e tomou rumo atrás dele.

Mas o terceiro prosseguiu firmemente. Havia algo muito admirável na forma audaz e determinada com que ele avançava, sozinho, sem um único amigo para ajudá-lo a atacar toda uma força inimiga. Com todo o sangue-frio e agilidade de um experimentado montanhês ele veio descendo saltando pela encosta, suas roupas largas esvoaçando ao vento, e sua espada curva brilhando à luz do sol quando ele a brandia acima da cabeça.

Olhando para ele pelo binóculo, eu podia ver pequenos borrifos de terra levantados pelas balas disparadas contra ele – acima, abaixo, ao lado: passando perto, mas sem atingi-lo, nem o levando a vacilar sequer por um instante.

Súbito, ele tropeça e quase cai, mas num momento está novamente de pé: ele foi atingido, evidentemente na perna, pois, rasgando um pedaço de sua veste, rapidamente faz uma atadura na coxa, acima do joelho; agora, tendo sentido a picada do chumbo, ele por certo há de se retirar ou abrigar-se atrás de uma rocha – mas não. Posta a atadura na perna, lá veio ele novamente, como se tivesse apenas parado para amarrar o cadarço do sapato numa situação cotidiana.

Percebi, entretanto, que ele lançou fora suas sandálias neste momento: fosse por elas não lhe darem uma pisada suficientemente firme, ou porque ele sentia que estava para pisar em chão sagrado – na morte – eu não sei, mas ele acelerou o passo. Era evidente que ele pretendia morrer às mãos do inimigo. Em sua crença, um ato como esse lhe garantiria a entrada no Paraíso; mas se, ao morrer, ele conseguisse também causar a morte de algum infiel, sua entrada seria carregada com maiores honras; e por essa razão ele estava agora correndo no declive através de um chuveiro de balas, para tentar cortar alguém à espada antes de ele mesmo perecer.

Era uma visão esplêndida a da sua corrida: dava até vontade de fazer parar os impiedosos tiros que eram apontados contra ele. Parecia uma corrida entre ele e seu destino. Ele viveria para alcançar nossas linhas, das quais agora distava apenas uns cento e cinquenta metros?

Não. Repentinamente, ele mergulha pesadamente de cara no chão, rola um par de vezes e para, sem mais se mexer. Seu destino o encontrou. Ele está morto.

Pouco depois, passei por ele onde jazia: um belo homem barbudo, em pleno vigor da vida. Poucos minutos antes, tão cheio de vitalidade e frenesi, e agora inerte, nunca mais seria animado.

Sua face era muito serena e solene, quase como se estivesse olhando para além do alcance de nossa visão terrena e pudesse ver diante de si os prazeres da paz eternal que ele conquistara ao combater esta única e curta batalha, na qual as tentações terrenas e o medo da morte foram deliberadamente postas de lado, ao chamado de seu Deus.

P.S.: Em conexão com o episódio acima relatado, eu gostaria de acrescentar um incidente que pode ser interessante. Fiquei feliz em ver que um dos nossos homens, chegando ao local, pegou a faixa da cintura do morto e reverentemente cobriu-o com ela. Foi um pequeno ato que demonstrou grandeza de coração e respeito a um inimigo que morreu por sua fé – não importando quão diferente fosse da sua própria. À sua maneira, foi uma lição para muitos de nós que podemos ser, talvez, mais instruídos, mas com menos abertura de pensamento que esse simples soldado.

CAPÍTULO XV

A EMOÇÃO DA CAÇA AO JAVALI¹⁰⁸

“*Ça donne une emotion, n’est ce pas?*”¹⁰⁹, foi o comentário de um amigo francês quando lhe contei minha pequena peripécia com um javali na Índia.

Bem, preciso confessar que dá mesmo “uma emoção” quando alguém se descobre deitado debaixo de um javali que está com um péssimo humor e tentando fazer uma escavação em suas entranhas. Mas foi justamente o que me aconteceu numa importante ocasião.

A ocasião era importante para mim porque eu havia sido recentemente transferido para um novo regimento¹¹⁰, e sentia que, como recém-chegado, eu estava sendo testado pelos meus companheiros oficiais. É bastante possível camuflar um complô sob um manto de aparente inocência, mas neste caso, ao perguntarem se eu gostaria de ir “espetar o porco”, eles simplesmente exageraram o toque de inocência ao ponto de eu não poder deixar de suspeitar de uma motivação oculta, e que era eles quererem ver do que eu era capaz nesse tipo de empreendimento.

Eu tinha estado longe da Índia por alguns anos¹¹¹; de fato, fazia mais ou menos uma década desde a última vez que eu cavalgara atrás de javalis. Nesse intervalo, com diversas coisas acontecendo, os nervos e os “nãos” estão sujeitos a passar por uma sutil mudança para pior, apesar de não se perceber isso até que alguma aventura inesperada os ponha

¹⁰⁸ *Memories of India*; também em *Lições da escola da vida*.

¹⁰⁹ “Dá uma emoção, né?”, seria a tradução aproximada (em francês no original).

¹¹⁰ B-P, à época Tenente-Coronel, fora designado Comandante do 5º Regimento de Dragões da Guarda, então cumprindo o *tour* de serviço na Índia (havia rodízio entre as unidades do Exército Britânico, cumprindo tempo de guarnição no Império – Índia, África do Sul, Quênia, etc. – e na Metrópole).

¹¹¹ B-P serviu na Índia de 1876 a 1888, com o 13º Regimento de Hussardos. Comandou o 5º de Dragões da Guarda de abril de 1897 (portanto, logo após a campanha matabele) a julho de 1899. Foi por essa época, num torneio inter-regimental de polo, que teve seu primeiro contato com o então Tenente Winston Churchill, do 4º de Hussardos.

sob teste. Por isso, a noite que antecedeu nossa reunião foi para mim nervosa e sem repouso.

Na manhã seguinte, o fato de estar sobre uma montaria realmente manejável, na velha e familiar atmosfera de um fresco alvorecer indiano entre bons companheiros à beira da selva levou a moderar as apavorantes antecipações com as reminiscências felizes. Então, quando os gritos dos batedores nativos explodiram num coro: “Wuh jata hai! Bara dant wallah! (Lá vai ele! Um grande dentuço!)”, e a forma robusta e maciça de um belo javali galopou atravessando o campo aberto, esqueci-me de todo o resto ao saltar em seu encalço, dizendo: “Ha! Seu feioso, vou te pegar”! Tudo prometia ir bem, com um cavalo que era tão entusiasmado quanto esperto em surpreender a caça: não um grande corredor que poderia jogar você ao chão no primeiro *nullah*¹¹², mas rápido em perceber armadilhas no chão e esperto ao lidar com elas, deixando ao cavaleiro concentrar seu olhar apenas no porco (a única maneira de cavalgar em terreno acidentado). Lá estava o porco à frente, e rivais ansiosos de cada lado meu, cada qual correndo para ser o primeiro a lanceá-lo e ficar com as honras da corrida. Por uns 1.200 metros, seguindo no melhor ritmo possível cabeça a cabeça, o javali mantinha-se facilmente adiante de nós, galopando numa cadência que parecia muito tranquila para ele. Mas ele tinha vivido bem demais para manter esse ritmo para sempre. Aos poucos, nossa distância até ele foi diminuindo, e quando chegamos perto dele, ele deu uma ansiosa olhada com o canto do olho, e diminuiu ligeiramente a andadura. O cavaleiro de nosso trio que ia mais à frente deu uma nova esporeada no cavalo e apressou-se adiante, já com a ponta da lança baixa para espetá-lo, mas numa fração de segundo o bandido já não estava lá. Com uma quebrada de corpo ele saiu numa direção inteiramente diversa, e estava bem fora de alcance antes que seu perseguidor pudesse mudar de rumo para seu novo trajeto. Isso possibilitou que nós dois, os outros que vínhamos atrás, continuássemos na caçada – de fato, meu cavalinho vira a manobra sendo preparada e

¹¹² Leito seco de rio temporário; *wadi*.

praticamente acompanhou-a por sua própria iniciativa. Com novo ardor, o javali galopou, até que começamos a alcançá-lo novamente.

Após mais algumas voltas e curvas, o velho dentuço subitamente mudou de tática e de humor, e em vez de tentar outra rota de fuga, ele disse tão francamente quanto poderiam expressar sua atitude e sua ação: “Ei, já basta disto! Estou farto de vocês! Caiam fora!”, e ele veio direto como um dardo em minha direção, com as orelhas em pé e os olhinhos vermelhos brilhando de raiva. “Hoof, hoof!”, ele emitiu de suas espumantes mandíbulas ao carregar contra meu cavalo. Mas o sabichão conhecia uma ou duas coisinhas sobre javalis atacando, e com um salto bem sincronizado, ele saiu do caminho do porco enquanto minha lança se enfiava nos ombros do atacante.

Estávamos então perto de um cinturão de mata denso e isolado, e o javali, meio desencorajado com este revés onde ele esperava triunfar, fez uma curva apertada e rapidamente enfiou-se a coberto antes que pudéssemos pegá-lo novamente. Era impossível para os cavalos segui-lo naquele emaranhado vegetal. Ele era bem capaz de deslizar pelo meio do mato e sair pelo outro lado, ou correr pelo eixo do capão e sair pela extremidade. Portanto, nós cavaleiros rapidamente nos posicionamos em diferentes pontos onde poderíamos ver sua saída. Mas como ele deixou de se mostrar em qualquer lugar, presumimos que ele havia se posto a coberto e estava abaixado no meio do mato. Então, os batedores foram chamados e começaram a mover-se em linha através do mato para afugentá-lo. Eles passaram direto até saírem pelo outro lado. Nem sinal do bicho!

Mas tínhamos a certeza de que ele estava lá em algum lugar, então foi o caso de comandar meia-volta¹¹³ aos batedores, para atravessar o mato de novo em sentido inverso. Ansiosamente nós, cavaleiros, esperávamos do lado de fora, na ponta dos cascos, para vê-lo sair. Os batedores chegaram cada vez mais perto, até emergirem sem nada no

¹¹³ Caso de expressão tipicamente militar; em inglês, o comando “about-turn” ou “about-face” corresponde ao nosso “meia-volta volver”.

terreno aberto. Nada de javali. “Não, *sahib*. Ele não está aí. Ele deve ter corrido para a selva”. “Não”, dissemos nós, e, dando meu cavalo a um soldado para segurar, desmontei e, de lança na mão, liderei a linha para uma vez mais voltar ao ataque. Eu estava mais ou menos no centro da linha, e avançamos lentamente, batendo e espetando cada moita com nossos bastões. Havia nisso uma incerteza que me trouxe um pouco mais de “emoção”. Nunca sabíamos em que momento o safado poderia saltar sobre nós. Já atravessáramos mais da metade, e eu começava a perder a esperança, quando notei que o batedor que era meu vizinho à direita tinha derivado para mais longe de mim; olhando à esquerda, percebi que o mesmo estava acontecendo; ambos os batedores estavam excessivamente atarefados em abrir caminho para fora e deixar uma abertura em nosso centro. Eu estava justamente chamando-os para corrigir isso, quando se ouviu um estrondo e um rosnado na moita bem à minha frente, e o javali saltou em minha direção, uma visão de fúria eriçada e rude. Foi só o tempo de virar minha lança em sua direção e ele correr para cima dela, recebendo a ponta bem no peito. O ímpeto de sua carga, aliado ao seu próprio peso, fez a lança entrar profundamente, mas ao mesmo tempo o impacto fez-me cair de costas. Eu ainda estava agarrando a haste da lança com ambas as mãos, e minha única chance contra ele era manter-me assim agarrado. Ele estava perto sobre mim, tentando com toda sua força avançar mais pela lança, a despeito de qualquer dor adicional – se é que ele sentia alguma naquela hora – de modo a colocar minha barriga ao alcance de suas presas. De novo, e de novo, ele tentou, mas descobriu que não dava conta, então ele empurrou o corpo novamente adiante com toda a força de seus potentes músculos das patas traseiras para ganhar as poucas polegadas extras que nos trariam ao desejado contato. Ele não esmoreceria, nem pela agonia, nem pela presença do homem; não, ele estava numa ira cega, sequioso de sangue; se havia algo que o estimulava, ele estava curtindo a luta e ansiava por matar.

Sem dúvida, caçar javali com lança, analisando do conforto da sua poltrona, é um esporte brutal – não posso defendê-lo. Para nós, humanos,

a selvageria fica logo abaixo da superfície do nosso verniz de civilização. Quando você tem a chance de realmente perder as estribeiras com um adversário e de ser capaz de consumir a raiva matando-o, isso é um luxo desconhecido para aqueles que nunca puderam comprazer-se em suas tendências malévolas. Nem é tanta crueldade com a caça como se poderia supor. Combati com vários porcos e verdadeiramente acredito que ele sente exatamente o mesmo quando a rubra ira e o desejo de matar o fazem insensível a qualquer outra coisa na forma de pânico ou dor.

Esse era certamente o caso com o meu amigo nessa ocasião. Ele era tão intratável e incansável quanto podia ser em seus esforços para me pegar. Ele parecia realmente empenhado na tarefa, enquanto eu, de minha parte, estava praticamente desamparado. Enquanto isso os batedores, bravos rapazes, tendo dado no pé, transmitiram a mensagem aos outros cavaleiros que o javali fora encontrado bastante bem e que infelizmente havia matado o Coronel, e assim por diante.

Meus companheiros rapidamente desmontaram de seus cavalos e, lança em punho, vieram correndo para me resgatar! Em poucos momentos tudo estava terminado para o valente javali que combateu até o último alento. Dei-lhe um aperto de mão: tanto ele quanto eu tínhamos, de toda maneira, “tido emoção”. Apesar de ele ter morrido no meio disso, eu sobrevivi para nunca esquecer.

Eu daria qualquer coisa para saber qual teria sido o primeiro pensamento na cabeça daqueles jovens oficiais quando ouviram dos *coolies* que seu novo Coronel tinha ido para o beleléu. Teria sido “Que pena. Acredito que com o tempo ele poderia colocar-se à altura do Regimento”, ou seria “Era um bom sujeito”?

De qualquer forma, mais tarde tive a impressão de que o veredicto geral a meu respeito foi favorável. Foi no *Mess*¹¹⁴, quando estávamos conversando sobre o incidente, e um dos meus juízes perguntou discretamente: “Coronel, o senhor sempre vai a pé para acabar com o

¹¹⁴ Refeitório dos oficiais.

javali?”. Ansioso por deixar uma boa impressão em minha defesa, repliquei, em tom despreocupado: “E por que não?”.

Isso pareceu resolver o assunto a meu favor. Para o momento, eu me senti jubiloso, a situação fora tranquilizada, eu deslizara para dentro do Regimento, nessa situação, em rolamentos bem lubrificados.

Mas em unguentos lubrificantes, às vezes aparecem moscas, e neste caso houve uma. Eu a descobri na próxima ocasião em que fomos caçar javali. Tínhamos dado a corrida, e o javali, levemente lanceado, tornou-se mal-humorado. Prontamente me perguntaram: “Agora nós vamos a pé, senhor?”. Isso indicava, evidentemente, que o lugar de honra estava sendo oferecido a mim; então, quaisquer que fossem meus sentimentos interiores, fui compelido a aceitar e liderar a ação. Que enrascada!

Mas, sabem? Acabamos achando esse método de espetar o porco tão atraente que de fato nós o adotamos subsequentemente, como forma de “dar uma emoção” a mais a esse esporte.

Se você, meu leitor, se sentir tentado a tentar isso, dou-lhe o aviso de que precisará estar muito atento e tomar cuidado onde põe o pé. Se você encarar o javali sozinho, as vantagens são todas a favor dele. Se vocês forem dois a enfrentá-lo, trabalhando ombro a ombro, as chances são mais ou menos equilibradas.

Por segurança, primeiro eu recomendo que sejam três trabalhando em cooperação para ter condições de êxito.

Em qualquer dos casos, posso prometer-lhe que atacar o javali a pé *vous donnera une emotion*¹¹⁵.

Então, um brinde ao javali, bom na corrida e no combate, e que nunca se diz “morto” até que você o tenha realmente matado.

¹¹⁵ Em francês no original.

CAPÍTULO XVI

O CANIBAL DO MAR

Sujeitinho tihoso é o tubarão. Tentei pegá-lo muitas vezes, mas em poucas fui bem-sucedido. Usa-se um grande anzol de ferro preso a uma longa corrente, pois se fosse corda ele a morderia tão facilmente como você morderia um pedaço de queijo.

Um bom pedaço de carne de porco ou alguma outra é uma boa isca para ele, e é uma bela visão a dele apressando-se para pegá-la lá embaixo na água limpa e fria. Quando chega junto à isca, ele desliza inclinándose para o lado e a faz passar para dentro de sua horrenda boca semicircular, que fica ali embaixo, onde ficaria a garganta.

Você sabe o que acontece quando a sua boia de pesca submerge numa pescaria comum e você pega um bom peixe. Que emoção lhe dá! Mas a emoção quando você pega um tubarão é um milhão de vezes maior. Então, quando seu peixão escapa, como frequentemente ocorre, bate aquela tristeza. Mas quando um tubarão escapa, seu coração desce até as botas. E isso é o pior em um tubarão – ele escapa com frequência demasiada.

Talvez você consiga contê-lo e jogar com ele por algum tempo, e então recolher o guincho e gradualmente trazê-lo à superfície. Mas, no momento em que sente que está sendo sacado para fora da água, ele de alguma forma dá jeito de cuspir o anzol fora.

Quando pescávamos tubarões ao largo de Durban, descobrimos que o melhor método, no fim das contas, era ter à mão um ou dois fuzis, e no momento em que se trouxesse o tubarão à superfície, dar-lhe dois ou três tiros, e assim nós o pegávamos em situação em que, de outra forma, ele conseguiria livrar-se e escapar.

Nadando na água, o tubarão é um animal gracioso, e ainda assim um tanto perigoso. Lembro-me de quando estávamos navegando pelo Mar Vermelho num transporte de tropas, e um ou dois tubarões nos seguiam constantemente por todo o caminho. À noite, podia-se vê-los claramente pelo rastro fosforescente que deixavam n'água, e durante o dia eles se

mantinham firmes no mesmo passo em que ia o navio, geralmente mantendo-se na mesma posição acompanhando-o.

Tanto marinheiros quanto soldados odiavam isso, porque tinham uma ideia de que, se um tubarão seguia o navio, alguém a bordo ia morrer e o tubarão sabia disso!

Em Cuba, fui suficientemente sortudo para capturar um tubarão e colocá-lo com segurança no convés do navio, mas sabendo já de longa data quão sagaz ele era para livrar-se do anzol quando trazido à superfície, eu amarrei outra corda ao redor da linha com um grande nó corrediço que seguia a linha por sobre a cabeça do tubarão, e quando chegamos sob sua mandíbula, puxamos para apertar bem, com a outra ponta num cabrestante e no guincho a vapor, então nós o giramos e penduramos.

Era um monstro, e bem feio de se olhar ali pendurado por sobre o convés. Ele tinha grudados no corpo vários daqueles que chamamos peixe-piloto. São peixes mais ou menos do tamanho de arenques, que sempre nadam junto com o tubarão, provavelmente para pegar uma parte da comida que ele pega. Eles têm ventosas, e quando o tubarão está indo muito rápido para eles, eles aderem ao seu lado e assim são carregados por ele¹¹⁶.

Quando o grande quebra-mar estava sendo construído em Durban, o mergulhador que tinha que descer todos os dias para colocar as fundações de concreto contou-me que da primeira vez em que desceu, ficou horrorizado ao descobrir um grande tubarão aproximando-se dele, e ficou tão apavorado que ficou completamente imóvel e não fez nenhuma tentativa de escapar, e o tubarão passou bem juntinho sem dar mostras de tê-lo notado.

Logo em seguida veio outro grande tubarão, seguido por dois pequenos, e, percebendo que não seria notado se ficasse imóvel, ganhou coragem. Todos os dias acontecia a mesma coisa, a mesma procissão

¹¹⁶ Na verdade, B-P deve estar-se referindo à rêmora. Os peixes-piloto nadam ao redor do tubarão, mas não têm como aderir a ele; o peixe capaz de aderir a um animal maior e, acompanhando-o, “pegar uma rebarba” da comida é a rêmora.

vinha num determinado horário da maré, de tal modo que o mergulhador sabia quase que com margem de um minuto quando esperar a vinda deles. Depois de algum tempo, os tubarões acostumaram-se com ele também, e vendo-o parado em pé ali, imóvel, provavelmente imaginavam ser ele uma pilastra, e deram de esfregar seu lado nele quando passavam.

Conheci outro mergulhador em Áden, mas ele não era um daqueles que desciam em trajes de mergulho. Ele nadava até o fundo para apanhar esponjas. Ele sempre manteve a ideia de que o tubarão era um covarde, e que se você chutasse e agitasse a água o suficiente, ele nunca tocaria em você.

Mas esse camarada cometeu um erro. Um dia, um tubarão provou-lhe que suas ideias estavam erradas; agora o cidadão anda por aí com uma perna de pau e parou de mergulhar.

CAPÍTULO XVII

VIAJANDO DE CANOA NO CANADÁ¹¹⁷

“Por amor à sua vida, fique sentado quietinho!” – isso me foi dito pelo meu canoeiro em Gull Lake. Uma coisa é você navegar placidamente e sem ruído em sua canoa de casca de árvore sobre a calma superfície de um lago, onde os bosques e o céu se refletem na água lisa e tranquila como se num espelho, mas é coisa bem diferente ser combatido pela tempestade, com a agitação das grandes ondas que ameaçam num momento despejar-se sobre a extremidade de sua embarcação e no próximo fazê-la adernar e soçobrar.

Era pelo que passávamos quando Jim, meu canoeiro, fez-me tal observação, e uma onda maior que o usual vinha se enovelando e rebentando em nossa direção, acima das cristas das outras, como para nos esmagar.

Jim estava na popa, e Ben, na proa, enquanto eu me sentava, retesado, no meio.

Eles eram experientes nesse jogo. Ambos estavam ajoelhados virados para a frente da canoa para usar os remos – é maneira usual de fazer isso. O homem na proa faz a navegação, enquanto aquele na popa o ajuda a direcionar o barco.

Neste caso, quando a onda veio, eles quase pararam a canoa e, com uma curva rápida, fizeram-na ficar de frente para a onda e impulsionaram-na suavemente para diante ao seu encontro; então, bem no momento em que a frente se empinou, Ben pareceu inclinar-se para diante com o remo por sobre a proa e cortar o choque da água, enquanto de alguma forma o monstro deslizava por baixo de nós, e por um instante tivemos uma ampla visão da tempestuosa superfície do lago, e lá atrás de nós seguia a muralha de água, correndo para sotavento.

Mas os canoeiros não fizeram nem uma pausa para admirar isso; giraram com o barco em um segundo e, tirando vantagem do intervalo

¹¹⁷ *Caminho para o sucesso.*

relativamente suave que se seguiu, aceleraram com a canoa como se estivessem numa corrida. Assim, eles ganharam uns bons metros antes que outra onda comesse a se mostrar acima das outras, para descer sobre o nosso costado, e quando ela chegou perto, eles repetiram a manobra de virar a canoa para fazer-lhe frente. E foi dessa maneira que fomos cambaleando, quilômetro após quilômetro.

Não havia duas ondas iguais; cada uma requeria um tratamento ligeiramente diferente. Algumas eram curtas, porém íngremes, de modo que, quando nossa proa subia, a popa descia, e ficávamos em perigo de sermos submergidos.

Noutros momentos, uma onda que não fosse grande o suficiente para nos virar, ou que não fosse sólida o bastante para nos elevar, derramaria sua crista por sobre nossa borda, que ficava apenas quatro polegadas acima da superfície, somando-se assim à água que balançava pelo fundo da canoa, e que eu tinha o encargo de lançar fora com uma cuia de casca de árvore.

Tivemos uma jornada bastante agitada; mas, apesar de fria e molhada como foi, o trabalho desses dois experimentados canoeiros foi tão interessante de assistir, enfrentando cada onda de uma forma diferente, que o tempo pareceu curto, e eu quase lamentei quando, por fim, eles conduziram a canoa calmamente para a proteção a sotavento de alguns rochedos, e chegamos com segurança ao fim de nossa aventureira viagem do outro lado do lago.

Noutra ocasião, quase tivemos que nadar para salvar a pele. Estávamos alegremente remando atravessando um lago, no qual havia algumas ilhotas, sem pensar em nada em particular, quando, com um estrondo, lançamo-nos sobre uma pedra que estava logo abaixo da superfície.

Em pouco tempo nos desembaraçamos, mas o fundo da canoa começou a fazer água, e descobrimos que havíamos feito um dente na casca de árvore da canoa, produzindo nela um pequeno buraco.

Então, remamos com tudo que tínhamos até uma das pequenas ilhas rochosas próximas; ali, rapidamente amontoamos a nós mesmos e

nossa bagagem em seco, e retiramos a canoa da água, virando-a a de cabeça para baixo.

Então, com nossas facas, Ben e eu raspamos pedacinhos de “grude” das juntas do revestimento da canoa, enquanto Jim acendia uma fogueirinha com madeira depositada pela água.

Após aplinar o dente e o buraco, Ben cobriu-o com um pedaço de trapo (tirado da proteção do seu calo do dedo) e, com um tição, dissolveu o “grude” por cima do trapo, e dessa forma colou-o tampando o buraco e tornou-o impermeável. Foi tudo feito com tanta rapidez e tão bem, que dez minutos após termos passado sobre a pedra já estávamos novamente flutuando e prosseguindo na viagem, com nossa embarcação tão apta a flutuar e tão à prova d’água quanto sempre fora.

Um mateiro não é impedido por uma trivialidade como um furo em seu barco; ele rapidamente inventa uma forma de consertá-lo – é o que chamamos ser “macetoso”, engenhoso.

CAPÍTULO XVIII

UM ARREPIO ESCOTEIRO¹¹⁸

As emoções sobre as quais até aqui escrevi neste livro estão todas ligadas ao que chamo “minha primeira vida” – uma vida feliz, cheia de aventuras de vida militar e de exploração, de esporte e de boa camaradagem.

Em minha “segunda vida”, isto é, após deixar o serviço ativo do Exército, tive momentos não menos emocionantes, ainda que não tão dramáticos para contar.

Um momento desses de arrepiar me aconteceu em quatro de julho de 1911, quando o primeiro grande encontro de Escoteiros – e a maior reunião de jovens até então registrada – teve lugar no Windsor Great Park.

Fazia apenas pouco mais de três anos que o primeiro acampamento Escoteiro acontecera, na ilha de Brownsea, para testar o esquema do *Escotismo para rapazes*. Lá, garotos de Eton¹¹⁹ misturaram-se aos do East End¹²⁰, com membros da *Boys' Brigade*¹²¹ e garotos de outras origens. Um curioso pudim no pote, mas a prova veio ao comê-lo, e mostrou-se bom.

Um cogumelo não proliferaria mais rápido que o crescimento do Movimento. Por todo o Reino Unido o micróbio Escoteiro foi se espalhando, e não demorou a propagar-se também para o Império, no ultramar.

Qual o segredo dessa atração?

¹¹⁸ *Guia do Chefe Escoteiro*; também relatado por Eileen Wade em *The Chief*.

¹¹⁹ Uma tradicional escola para jovens de classe alta.

¹²⁰ Área pobre de Londres.

¹²¹ Entidade fundada por Sir William Alexander Smith (1854-1914), com o intuito de ajudar a desenvolver o caráter dos jovens com uma forte ênfase nos valores cristãos, tendo ferramentas como excursões e retiros, ordem unida e fanfarras de música.

Minha resposta pessoal seria que a característica basilar é o espírito do Movimento, e a chave que destranca o acesso a esse espírito é o romantismo da vida mateira e das histórias da natureza.

Onde há um garoto que, mesmo nesta época materialista, não se sinta atraído pelo chamado da vida selvagem e da estrada aberta? Talvez seja o instinto primitivo, de todo modo continua ali. Com essa chave, uma grande porta pode ser destrancada para admitir o ar fresco e o brilho do sol em vidas que seriam, de outra forma, cinzentas.

Mas, de modo geral, pode fazer mais que isso.

Os heróis das áreas selvagens, os homens das fronteiras e os exploradores, os que percorrem os mares, os aviadores nas nuvens, são como flautistas de Hamelin para os garotos. Para onde eles forem, os garotos os seguirão, e dançarão a sua música quando cantar as canções de virilidade e coragem, de aventura e altos esforços de eficiência e destreza, de animoso sacrifício próprio em proveito de outros. Há recheio nisto para o garoto, há alma nisto.

Observe aquele rapaz descendo a rua; seu olhar está distante. Estará ele percorrendo as vastas pradarias, ou as cinzentas ondas do mar? De todo modo, não é aqui. Não sei eu disso?

Você nunca viu manadas de bisões percorrendo Kensington Gardens¹²², passando pelo lugar exato onde Gil Blas¹²³ encontrou os ladrões atrás das árvores? E não consegue ver a fumaça das tendas dos sioux¹²⁴ à sombra do Albert Memorial¹²⁵? Eu vi tudo isso nesses lugares, nestes sessenta anos.

¹²² Parque urbano, em Londres.

¹²³ Personagem literário, protagonista do romance *Gil Blas de Santillana*.

¹²⁴ Tribo indígena norte-americana, ramo dos lakota ou dakota.

¹²⁵ Monumento mandado construir pela Rainha Victoria em memória de seu falecido consorte, Príncipe Albert de Saxe-Coburgo-Gotha. Por determinação de Victoria, nenhum rei da Grã-Bretanha poderia tomar o nome Albert. Essa obediência se manifestou quando, em 1936, Edward VIII abdicou o trono e este foi assumido por seu irmão; como Albert era o prenome do novo Rei, este assumiu o trono usando o segundo nome, George. George VI reinou de 1936 até sua morte em 1952, sendo sucedido pela filha,

Por meio do Escotismo, o jovem tem a chance de tomar seu equipamento de campismo como um membro da grande fraternidade dos mateiros. Ele é capaz de rastrear e de seguir sinais de pista; ele é capaz de transmitir sinais de comunicação, ele é capaz de acender seu fogo e construir seu abrigo, e cozinhar sua comida. Ele é capaz de aplicar sua destreza e inventividade para muitas coisas em construções de campo (pioneirias e outras artimanhas de conforto e segurança).

Sua unidade operativa é uma equipe de seis, comandados por um líder dentre eles mesmos. É a composição usual dos bandos de garotos, para fazer o bem ou para travessuras. Aqui há responsabilidade e autodisciplina para o indivíduo. Aqui há espírito de corpo pela honra da Patrulha, tão forte quanto o espírito da escola numa escola pública.

Para o observador externo, os bastões dos Escoteiros são apenas alguns cabos de vassoura, mas para o Escoteiro eles são algo diferente. Seu bastão, decorado com seu totem e sinais particulares, é típico. Tal como o seu bastão, no meio de uma massa ele é um indivíduo único, com suas próprias características, seu próprio caráter, suas próprias potencialidades. Ele pode ser um na manada, mas é uma entidade própria. Ele conhece a alegria de viver ao ar livre.

E há o lado espiritual. Ao beber as histórias da natureza nas excursões pelos bosques, a alma cresce e observa ao redor. O ar livre é, *par excellence*, a escola da observação e da percepção dos encantos de um universo maravilhoso. Ele abre à apreciação da mente a beleza que se apresenta aos olhos a cada dia. Revela ao jovem urbano que as estrelas estão lá, além das chaminés da cidade, e as nuvens do pôr-do-sol reluzindo em sua glória, muito acima do telhado do cinema.

O estudo da natureza traz para um todo harmonioso a questão do infinito, do histórico, do microscópico, como parte do grande plano do Criador. E em tudo isso, sexo e reprodução desempenham um papel honroso.

Elizabeth II (que foi *Girl Guide* e, durante a Segunda Guerra Mundial, quando atingiu a idade de dirigir, foi enfermeira e motorista de ambulância).

A vivência Escoteira é um meio pelo qual o maior vagabundo pode ser trazido a pensamentos mais elevados e aos elementos da fé em Deus; e, combinado ao compromisso do Escoteiro com a Promessa e a Lei, dá uma base de dever para com Deus e o próximo sobre a qual o pai, ou o orientador religioso podem construir com maior facilidade na forma de crença desejada.

Nunca pensei que o desenvolvimento espiritual pudesse ser feito na base do “entrar em forma”. É o espírito dentro, não o ornamento externo, que conta. E o espírito está lá, em cada garoto quando você chega a ele, só precisa ser descoberto e trazido à luz.

Essa era minha crença, de todo modo, ao oferecer este esquema de Escotismo aos garotos da Inglaterra.

Fiz essa digressão em minha história para tentar explicar alguma coisa dos motivos que trouxeram trinta e três mil jovens a Windsor em 1911.

O Rei Edward VII foi um dos primeiros a reconhecer que havia alguma coisa nesse curioso impulso do Escotismo.

Justamente no dia anterior ao de sua morte eu estive no Palácio de Buckingham conferindo com seu secretário privado a respeito de uma grande revista de Escoteiros por Sua Majestade. O Rei estava passando mal, mas mandou-me buscar para fazer-me saber que ele desejava que ocorresse um grande encontro de Escoteiros no Windsor Great Park em junho.

Não era para ser como pretendido, pois ele faleceu na noite seguinte, e nele o Movimento Escoteiro perdeu um amigo que tinha uma verdadeira admiração por nossos objetivos e métodos.

O Rei George, sucedendo-o, concordou em fazer a revista conforme planejado, e a data foi devidamente marcada para quatro de julho.

Amanheceu um dia de sol resplandescente, e com ele reuniu-se a maior e mais representativa assembleia de jovens que nosso país já viu.

Aqueles de nós que vimos trabalhando no Movimento durante os três anos de sua existência, e inspecionamos pequenos grupos de Escoteiros em vários distritos, sabíamos que tínhamos material muito

bom; mas mesmo nós fomos apanhados de surpresa com a quantidade e qualidade dos Escoteiros que vieram a Windsor.

Na grande planície gramada à sombra dos carvalhos, desdobrava-se uma imensa multidão de milhares sobre milhares de garotos, todos vestidos de maneira similar, todos trabalhando sob excitação contida, apesar de muitos deles terem passado a noite anterior inteira viajando.

Onde quer que se fosse, a visão era a mesma: após passar por uma enorme divisão deles você simplesmente descobria que havia ainda mais três divisões similares para serem vistas.

Todos estavam se preparando para o grande momento em que veriam o Rei.

Era meio-dia.

Duas horas depois, esses mesmos garotos estavam reunidos em sólidas fileiras, numa vasta ferradura no espaço aberto do parque, e fazendo frente a eles estava uma multidão de espectadores, assistindo e esperando pelo que eles poderiam fazer.

O que me surpreendeu no momento foi o misterioso silêncio que pareceu permear toda a cena, onde esses milhares de seres humanos estavam quietos, esperando por algo, e prontos para a qualquer momento lançar-se – em qual direção, ninguém seria capaz de prever.

A expectativa atingiu uma espécie de clímax quando, por fim, o Rei e sua comitiva chegaram ao local. Ele arranjava as coisas de tal modo que pudesse ser visto por cada jovem – era por isso que eles haviam vindo desde as maiores distâncias.

Isso não teria sido possível se eles marchassem perante o Rei da forma usual, em que apenas aqueles no flanco poderiam vê-lo. Ele decidiu que a única forma seria ele cavalgar acompanhando a ferradura e assim mostrar-se a todos.

Foi sua própria ideia, e quando levada a efeito provou quão realisticamente ele havia avaliado os desejos de toda a assembleia, pois, firmes como estavam em forma, o Rei mal tinha percorrido metade do trajeto quando os rapazes não puderam mais se conter.

Um súbito tornado de aclamações irrompeu no ponto em que o Rei estava – e se propagou como um fogo na campina por toda a formatura em um minuto, então a cena toda era de uma massa de garotos aclamando e lançando os chapéus ao ar – seu entusiasmo não conhecia limites, e era uma visão que não poderia deixar de marcar impressão em todos que ali estavam.

O próprio Rei reparou em outra característica da cena que, a seu modo, era impressionante para o observador atento, e que era o maciço grupo de adultos formados à retaguarda dos rapazes.

Eram os Chefes Escoteiros – os homens que manejam os cordões – os homens que fizeram o trabalho – os homens que estavam nos bastidores, e que tanto fizeram para treinar esses jovens e trazê-los para a inspeção pelo seu soberano.

Lá estavam, de todos os tipos – jovens e velhos, duros e suaves, altos e baixos, ricos e pobres – todos, ombro a ombro por uma única e grande causa, a causa da futura geração de seu país.

Aqui estava um destacado Coronel com traje de Cavalaria, muitas medalhas e comendas no peito; ao lado dele, um pálido sacerdote de uma favela do East End, espremendo-se ao lado de um velho marinheiro e um bancário do Canadá.

A mesma coisa podia ser vista em qualquer lugar ao longo daquela maravilhosa linha. Era uma indicação do que havia em nossos compatriotas em patriotismo e boa vontade para o trabalho voluntário – sim, mesmo naqueles dias antes que a Grande Guerra¹²⁶ nos agitasse.

Mas esses e muitos outros incidentes impressionantes foram engolidos pelo grande momento do dia, quando o Rei tomou seu lugar sob o Estandarte Real, no ponto em que receberia a saudação.

Houve uma pausa de um minuto de silêncio mortal, e então um súbito rugido encheu o ar, e toda a poderosa ferradura de trinta e três mil rapazes num impulso único saltou à frente de cada lado, correndo como só garotos podem correr, ganhando velocidade e ímpeto à medida

¹²⁶ Primeira Guerra Mundial (1914-18).

que vinham, gritando seus gritos de chamada das Patrulhas, formando uma grande e caleidoscópica massa de cores com bandeirolas esvoaçando, chapéus abanando, joelhos reluzindo, na grande carga em direção ao Rei.

Então, a um sinal, toda a multidão cessou sua corrida, levantou-se uma floresta de bastões e chapéus, e mais alto para o céu subiram as aclamações dos garotos, numa gritaria que dava um nó na garganta de qualquer observador – “Deus salve o Rei!” –, nesse apogeu de fervor patriótico da jovem Grã-Bretanha: essa onda de entusiasmo para fazer qualquer coisa que lhes fosse exigida em nome de sua pátria e de seu Rei.

Foi um dos momentos mais emocionantes de minha vida.

Não gosto de ficar emitindo minhas impressões pessoais. São geralmente presunçosas, frequentemente fora de perspectiva, algumas vezes consagradas. Minha impressão do Encontro de Windsor foi provavelmente uma mistura das três coisas.

Para mim, foi como assistir a uma flor desabrochando, do botão até a plena abertura: um milagre da natureza, mas não obstante um milagre. Uma semente foi plantada três anos atrás. Pegou raízes e, cultivada por jardineiros entusiastas, estava começando a crescer para tornar-se uma robusta planta de ampla ramagem. Nesse inigualável encontro de Windsor ela já estava florindo e trazendo a promessa dos frutos que haviam de vir.

O segredo desse crescimento, como eu disse, estava nessa força indeterminada que simplesmente conhecemos como “espírito Escoteiro”.

Quando o Movimento era uma semente, recebi um chamamento definitivo para deixar o que até então eu vinha fazendo, para vir e ajudar a cultivá-lo. Foi um chamado que, desde então, trouxe homens de todos os países, classes, cores e credos para disporem suas almas a cultivá-lo, por nenhuma motivação pessoal a não ser um grande objetivo – seu irmão mais novo, o jovem.

CAPÍTULO XIX**BESTANDO¹²⁷**

Estive bestando. Você não sabe o que quer dizer bestar? Bem, é outra daquelas palavras, como “Jamboree”, que eu não consigo explicar bem, mas eis o que fiz para ir bestar.

Esgueirei-me para fora de casa bem cedo nesta manhã, antes de qualquer outra pessoa acordar – antes mesmo de o sol se erguer ou de pensar em se erguer. Soltei os cachorros, e lá fomos nós.

Trotamos descendo a encosta, através da campina, inevitavelmente despertando as ovelhas com o dorso orvalhado quando passávamos. Lá longe, seguindo o vale para leste, a névoa se espalhava pelo brejo, enquanto acima dela o róseo e rubro céu mostrava de onde chegava o dia.

E se alguém ficasse parado para assistir, sentiria o frio e o frescor do ar renovado: ele palpitava com os cantos dos pássaros de todo lado – longe e perto.

No bosque, quando nele entramos, um tordo, pousado no mais alto galho da árvore mais alta que conseguiu encontrar, derramava uma corrente contínua de canto de graças. Com a cabeça para cima e olhando para o leste, ele não nos deu a menor atenção enquanto cantava: “Fill a bean – fill a bean – quick – quick – Stick to it – stick to it”!¹²⁸

Nas proximidades, um trigueiro estava encantadoramente pedindo seu desjejum na forma de “A little bit of bread and no cheese, please”!

Para não falar das felosas, toutinegras, pintarroxos e carriças, misturando suas vozes com os tons melodiosos do melro, fazia a pessoa imaginar se era ou não um rouxinol que estava se juntando ao coro na extremidade mais baixa do bosque. “Chibuk – chibuk – chibuk – chook – chook – chook”!

¹²⁷ No original, *Gooming*. Modernamente, *gooming* é a sensação de uma experiência psicodélica.

¹²⁸ Optei por manter as onomatopeias no original.

Ao passarmos pelo azevinheiro, deu um estranho tremor enquanto uma velha coruja estava se ajeitando para dormir depois de passar a noite fora.

Então, saímos na alameda gramada entre as sebes, que nos dava cobertura enquanto passávamos entre a terra arada à direita e a grande encosta cheia de tufo de capim à esquerda, de modo que, se pisássemos com leveza, poderíamos ser bem-sucedidos em espreitar pássaros. Mas os tocaieiros frequentemente esquecem que, não importa quão silenciosos ou escondidos eles possam estar, uma pisada mais pesada – mesmo de um cachorro – dá aviso a um pássaro alerta quando ainda distante do local.

“Hookoo – hookoo! Wuk – wuk – koo”! Em pé na alameda, dá para ouvir, acima do coro das felosas no bosque, o chamado do cuco, respondido como um eco por seu companheiro através do vale.

E então, o agudo desafio do velho Roger, o faisão, soa cortante pelo ar – “Tararchok”!

Passamos sob uma árvore, e há uma tremenda explosão quando três pombas-torcazes repentinamente acordam para dar de cara conosco; elas esvoaçam, em pânico, pelo meio da ramagem, e fogem num voo sibilante.

Mais adiante alameda abaixo, aparece o rabinho branco de um coelho saltando para casa. No umbral, olhando pelo binóculo numa linha reta até o terceiro poste na cerca do outro lado do campo arado, examino se a Viúva Tarambola está em seu ninho.

Ainda não há claridade suficiente para ver bem, mas dá para reconhecer uma pequena forma redonda, que é a cabeça dela, entre os torrões de terra. Ela está lá, e lá ela permanece, corajosa, quando passamos a poucos metros dela. “Viúva”, eu a chamo, porque ela não tem um macho, como as outras três habitantes de ninhos no gramado da esquerda, para avisá-la se há perigo por perto.

Lá, por cima do pântano, no profundo e exuberante capim entre os caniços, o orvalho está gelado; e acima da névoa, as silhuetas das árvores

aparecem em um cinza perolado, como ilhas encantadas num mar de leite.

Acima da cabeça, longas faixas atravessando o céu de raios dourados trazem à lembrança a frase do poeta grego sobre a “aurora de róseos dedos”. Então, na névoa lilás acima das árvores, o sol começa a mostrar sua metade superior, como uma cereja luminosa.

Quando atravessamos a planície, tarambolas verdes levantam-se e esvoaçam em alarme, gritando em repreensão para nós, enquanto dão rasantes. “Pirata – pirata – pirata”! Mas não pretendemos fazer-lhes mal, e logo elas percebem isso e voltam a se acalmar.

Mas não demorou muito desde que elas se calaram, antes que os maçaricos se pronunciassem, e uma narceja subitamente sai voando e faz ziguezagues rumo ao céu.

Quando me viro para ver de onde ela veio, percebo que os caniços que agora há pouco tinham cor marrom sujo, passam a apresentar um belíssimo vermelho, o que acontece também com as vacas que vêm seguindo os cães.

Além, do outro lado do pântano, o castelo mostra agora ameias de um rosa brônzeo, enquanto sua base se perde em sombras cinza-azuladas e em neblina. O sol vem se elevando através de uma névoa diáfana rosada, e põe cor em tudo.

Por cima de mim, cruzando o céu amarelado, um pato selvagem faz seu trajeto – sujeito valente! É o único pássaro entre todos os outros que tem caráter suficiente para pensar por si mesmo.

Nos tufos próximos há uma súbita agitação, e uma lebre salta para fora e foge, com suas orelhas de pontas negras bem apontadas para cima.

Por um momento, os cães pensam: “É a minha chance”!, mas vem uma palavra de alerta – e todos nós paramos quietinhos e assistimos à nossa lebre ganhar distância sobre nós. Ela parece tão grande e vermelha à luz do sol matinal que as ovelhas perto das quais ela passa correndo confundem-na com um cão irlandês e disparam em fuga, suas mantas lanosas subindo e descendo com os saltos.

Poucos passos à frente, encontramos a Senhora Lebre em sua casa numa touceira de capim quentinha, e ela foge, da mesma forma que seu digno marido. Eu fico imaginando se ele disse a ela que caminho ia tomar. Como poderão encontrar-se de novo?

Brrrrrr! Um par de perdizes salta de maneira tão repentina que me dá um susto, e lá se vão elas zunindo pelo campo arado, depois subindo pela encosta e sumindo de vista além do bosque.

“Tok”! Uma arma é disparada, lá longe, e ao mesmo tempo faz-se ouvir um som chocalhante e trovejante, e soa estranhamente próximo quando um trole passa na ferrovia, mais de um quilômetro e meio distante.

O homem está acordado – o sol se levantou – e a bestagem vadia vai chegando ao fim.

Viramos para fazer o caminho de volta para casa. O bosque agora está em silêncio, exceto pelo tordo e pelo cuco, e mesmo eles dão seus chamados de maneira mais lassa. Novos sons entraram em cena, mas são todos sons domésticos; galos cantam de cada lado, próximos e distantes, os garnizês imitando seus irmãos maiores com seus cantos em tom mais agudo.

As ovelhas estão balindo para os seus cordeiros, as vacas vêm descendo para a ordenha, cães latem, meninos assobiam, cascos de cavalos ressoam na estrada.

Mas – os pássaros estão silentes, o orvalho logo vai secar, as cores rosadas da aurora estão se esvanecendo para a claridade do dia, os homens estão se levantando – vamos entrar e tomar uma xícara de chá.

Terminou a vadiagem.

CAPÍTULO XX

SOZINHO NOS ANDES¹²⁹

Parti sozinho, antes do alvorecer, numa manhã nos Andes sul-americanos, para escalar uma encosta. A fria escuridão da madrugada se aprofundava pela profundidade do *canyon* onde comecei, e as cristas das elevações desenhavam-se ao meu redor contra o céu, mas na escuridão era difícil estimar suas alturas ou distâncias.

À medida que eu escalava o aclave diante de mim, a luz gradualmente ia se abrindo, e os penhascos e massas de rochas elevavam-se mais claramente definidos. O ar estava muito frio, limpo e parado, e o grande e tenso silêncio ao redor parecia fazer pressão sobre mim. Nem um murmúrio de regato, nem um pio de pássaro, nem o sussurro de uma brisa. Tudo quieto. Entretanto, não dava nenhuma impressão de ser uma quietude de morte; antes, parecia como se tudo – as montanhas e os vales, os picos e as saliências – estivesse em alerta – esperando – de olho na chegada do dia. Parecia quase um sacrilégio romper esse silêncio com o barulhinho das minhas pisadas entre as pedras.

Imediatamente ao meu redor, a face da montanha estava sem cobertura. A uma curta distância acima de mim, à frente, estava o horizonte, em cuja direção eu continuava a escalar, enquanto ele continuava a recuar. Olhando para trás, um horizonte similar estava apenas alguns metros abaixo, levando à escuridão que eu acabara de deixar. Um escritor, descrevendo a mesma ascensão, comparou o escalador a uma formiga subindo num tonel de água. E era como eu me sentia.

Então, acima das bordas dos penhascos que me rodeavam, começaram a levantar-se as cristas de precipícios e cumes mais altos, como gigantes de pé, mais claros à luz da manhã, mas todos frios e duros, olhando para mim por cima dos ombros de seus vizinhos mais baixos.

¹²⁹ *Caminho para o sucesso.*

Eu era o único objeto semovente em toda aquela imensidão de sólidas rochas e picos. Senti-me um intruso minúsculo naqueles solenes domínios.

Aqui os estratos e rochas de variadas cores falavam de milênios sobre milênios, desde o tempo em que nossa Terra estava se arrumando no caldeirão de mistura.

Eu não era mais que um inseto de vida breve entre elas.

Escalei cada vez mais alto, e a respiração foi se tornando cada vez mais difícil, enquanto a sensação de solidão e pequenez crescia em mim, naquele intenso silêncio e entre aqueles vastos espigões do teto do mundo.

Súbito, acima de um deles eu vi um grande pico branco-esverdeado de neve eterna, rijo e claramente recortado contra o céu, e logo após outro, e ainda outro, nas várias direções. Parecia que os maiores gigantes da cordilheira, em cujas faces íngremes o pé humano nunca pisou, tinham se levantado para dar uma espiada em mim, frios, duros e impiedosos. As estupendas alturas e o silêncio sufocante, e a solidão e imensidão de tudo aquilo pareciam apavorar-me. Eu mal podia considerar-me eu mesmo. Então veio-me um desejo de gritar bem alto para quebrar o encanto.

E ainda assim, a mais potente voz humana soaria ali como um esforço tão débil quanto o pio de uma cotovia, como uma vez ouvi entre as amplas ruínas do Coliseu, em Roma.

Tentei fechar meus olhos para isso, quando de repente um brilho estranho pareceu vir pelo ar acima de mim. E olhando para trás, por cima do ombro, vi o que me fez engasgar.

Um dos grandes picos que, um momento antes, era quase cinza-azulado, subitamente reluziu em seus pontos mais altos como uma estonteante massa de rosa-alaranjado, com suas partes mais baixas em sombras opalescentes de violeta, azul e nuances de verde, todo o conjunto destacando-se com impressionante distinção de contorno e detalhes contra o céu escuro atrás dele. E ao olhar em volta, um pico após o outro foram tomando o brilho rosado da alvorada.

Sentia-se que tudo aquilo era demais para a compreensão de um pobre e pequeno mortal – um invasor num santuário. Era algo sobrenatural, além do conhecimento de qualquer um estar lá em cima assistindo à toalete matinal da própria Natureza. Não havia nada para conectar essa cena divina com a vida dos homens, que eu deixara lá embaixo, na escuridão.

Cambaleei para diante, maravilhado quase até o horror por tudo aquilo, quando, no exato momento em que eu precisava de alguma coisa que me desse contato com o mundo humano, por sobre o próximo trecho de subida, lá estava, de pé, uma figura – a figura do Cristo Redentor.

Não era o usual corpo sofrido pendurado na Cruz, mas um Ser grande e generoso, com amplas vestes esvoaçantes e com braços acolhedores e protetores abertos.

Uma bela estátua, com felicidade instalada com o fito de marcar a fronteira e como sinal de paz perene entre Argentina e Chile, mas posicionado ainda com maior felicidade do que seu escultor havia projetado, ao dar, naquele lugar, um elo tangível entre o humano e o divino – a ligação que o Cristo, em Seu tempo, veio ao mundo para fazer.

POSFÁCIO

Chegamos ao fim deste passeio acompanhando Baden-Powell, em suas andanças pelo mundo. Sem dúvida, um trabalho colorido com paisagens exóticas e uma habilidade para contar histórias que nos coloca quase como participantes.

Nestas histórias, salta aos olhos a humanidade de Baden-Powell: como qualquer de nós, estava sujeito a ficar doente, ferir-se ou morrer, ter medo, raiva e tristeza. Contando as histórias como se estivesse numa roda de chimarrão ou no rabo do fogão de lenha, ele não se apresenta como super-homem: a raiva do matabele que tentou alvejá-lo em Umgusa, a “emoção” de ver o javali enterrando-se na lança na sanha de pegá-lo, a sensação um tanto desconfortável quando o subordinado perguntou “é agora que nós vamos a pé?”, o desejo de se livrar dos “caçadores” franceses, o coração “meio acelerado” ao saltar de pedra em pedra com os matabeles no encalço, o apequenamento diante do cenário dos Andes, são sensações que espelham muitas das que nós mesmos já vivemos.

Será que alguém consideraria “exploração do trabalho infantil” o episódio que ele relata no capítulo I? Numa embarcação miúda, todos são tripulantes, todos correm os mesmos riscos e todos têm tarefas a cumprir para que o barco não soçobre e para não aumentar o risco dos outros.

A caça é uma coisa bárbara? Nesse tempo, era um esporte como tantos outros, e a caça ao javali não era contra nenhum serzinho inofensivo. Era um oponente respeitável, apto a mandar o caçador menos habilidoso ao encontro do Criador. Além disso, a caça era uma forma de exercitar-se em habilidades necessárias ao combate.

Em Mafeking, “menores foram expostos aos riscos do combate”? Tanto quanto qualquer outro morador da cidade, no que se refere ao canhoneio ou aos *snipers* bôeres. Numa guerra, sob um cerco, B-P em momento algum usou os jovens como combatentes: primeiro, pelos seus princípios; segundo, por ser uma violação das leis de guerra.

Teria Baden-Powell sido um “opressor” ou “repressor” dos nativos matabeles, ashantis ou zulus? Ele era militar, cumprindo ordens dentro dos limites da legalidade; como integrante do “aparato repressor do Estado”, cabia-lhe manter a ordem nas regiões sob administração britânica e proteger os súditos que se mantivessem na observância da lei.

B-P foi um sujeito que não tinha medo de pôr as mãos na massa para cumprir as missões; criativo e bem-humorado; atento ao bem-estar de seus subordinados; capaz de respeitar e admirar seus oponentes, e de fazer-se respeitar por eles. Um bom contador de histórias, não apenas ao redor dos fogos de campo, mas ao apresentar aos jovens uma possibilidade de terem suas próprias histórias para contar – não de logros e agravos a outrem, mas de boas ações, de destreza, de habilidade, de justiça e de amizade. Um homem que viu e viveu a guerra e quis aproveitar essa experiência na construção da paz.

Em cada uma dessas histórias que ele escolheu, há “toques” para cada uma das nossas áreas de desenvolvimento: o físico, com as destrezas; o intelecto, a capacidade de observação e a criatividade; o caráter, na conduta reta e no acatamento à lei; o afeto, na ligação com os companheiros e familiares; o social, no relacionamento com os demais e na busca de soluções para problemas da coletividade; e o espiritual, na comunhão com a Natureza. Cada leitor encontra o “toque” de cada área em diferentes lugares ao longo do texto, e isso é que o torna tão cativante e coloca seu autor tão perto de nós.

Que cada um de nós, leitores, possa voltar aos “causos” do “Toalha de Banho” de quando em quando, para deles extrair alguma metáfora para seu momento de vida, ou, pelo menos, para simplesmente divertir-se; pois, como dizia Freud, “há momentos em que um charuto é apenas um charuto”.

OBRAS COMPLEMENTARES

BADEN-POWELL, Robert Stephenson Smyth. **Lições da escola da vida**. Curitiba: Editora Escoteira, 2009.

_____. **Memories of India**: recollections of soldiering and sport. Philadelphia, David McKay Publisher, 1915.

_____. **Escotismo para rapazes**. Curitiba: Editora Escoteira, 2006.

_____. **The Matabele campaign, 1896**. London: Methuen & Co., 1897 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **The Downfall of Prempeh**. London: Methuen & Co., 1900 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Marksmanship for boys**: the red feather and how to win it. London: C. Arthur Pearson Ltd., 1915 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **The adventures of a spy**. London: C. Arthur Pearson Ltd., 1924 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Aids to Scouting for NCOs and Men**, revised and enlarged edition. London: Gale & Polden, 1915 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Adventures and accidents**. London: Methuen & Co., 1934 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

_____. **Cavalry Instruction**. London: Harrison & Sons, 1885 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

BEAUMONT, Marguerite de. **The wolf that never sleeps**: a story of Baden-Powell. Rochester: Stanhope Press, 1949 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

DAVID, Saul. **Military blunders**: the how and why of military failure. New York: Carroll & Graf Publishers, 1998.

DIMMOCK, F. Haydn. **The Scouts' book of heroes**: a record of Scouts' work in the Great War. London: C. Arthur Pearson, Ltd., 1919 (capturado em www.thedump.scoutscan.com).

FERGUSON, Niall. **O horror da guerra**: uma provocativa análise da Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Planeta, 2014.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KNIGHTLEY, Phillip. **A primeira vítima**: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

PONTE PRETA, Stanislaw. **Máximas inéditas de Tia Zulmira**. São Paulo: CODECRI, 1993.

REYNOLDS, E. E. **Our Founder**, Patrol Books n° 19. London: Boy Scouts Association, 1960.

SHAKESPEARE, William. **Henrique V**. Porto: Lello & Irmão, 1955.

SONDHAUS, Lawrence. **A Primeira Guerra Mundial**: história completa. São Paulo: Contexto, 2015.

STEVENSON, David. **1914-1918**: a história da Primeira Guerra Mundial. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2016.

WADE, Eileen Kirkpatrick. **The Chief**: the life story of Robert Baden-Powell. London: Wolfe Publishing Ltd., 1975 (edição revisada) (capturado em www.thedump.scoutscan.com).